SIMON VS. A AGENDA HOMO SAPIENS



Becky Albertalli

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2015 by Becky Albertalli
Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

TÍTULO ORIGINAL
Simon vs. the Homo Sapiens Agenda

PREPARAÇÃO
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Juliana Werneck

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Chris Bilheimer

ARTE DE CAPA
Alison Klapthor

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Manuela Brandão

E-ISBN
978-85-8057-893-5

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA
Electra LH

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Para Brian, Owen e Henry, o porquê de eu escrever histórias de amor.



É UMA CONVERSA estranha e sutil. Quase não percebo que estou sendo chantageado.

Estamos nos bastidores, sentados em cadeiras dobráveis de metal, quando Martin Addison diz: — Li seu e-mail.

— O quê? — Eu levanto o rosto e olho para ele.

— Mais cedo. Na biblioteca. Não foi de propósito, é claro.

— Você leu meu e-mail?

— Ah, eu usei o computador logo depois de você — diz ele. — Quando acessei o Gmail, entrou na sua conta. Você devia ter encerrado a sessão.

Fico olhando para ele, estupefato.

— Mas, então... por que usar um nome falso? — pergunta ele, batendo com o pé na perna da cadeira.

Bem, eu diria que um nome falso serve justamente para impedir que pessoas como Martin Addison fiquem sabendo da minha identidade secreta. É óbvio que funcionou perfeitamente.

Ele deve ter me visto sentado ao computador.

E eu devo ser um idiota monumental.

Ele dá um sorriso.

— Enfim, achei que você fosse gostar de saber que meu irmão é gay.

— Hã. Na verdade, não.

Ele olha para mim, e eu pergunto:

— O que você está tentando dizer?

— Nada. Olha, Spier, não tenho problema nenhum com isso. Não é nada de mais.

Só meio desastroso, na verdade. Ou quem sabe uma merda de um desastre épico, mas isso vai depender da capacidade de Martin ficar de bico calado.

— Isso é muito constrangedor — comenta ele.

Não sei o que responder.

— Enfim — prossegue —, é bem óbvio que você não quer que as pessoas saibam.

Bem. Acho que não. Embora essa coisa toda de sair do armário no fundo não me assuste.

Acho que não.

É uma caixa gigantesca cheia de constrangimento, e não vou fingir que anseio por esse dia. Mas provavelmente não seria o fim do mundo. Não para mim.

O problema é que não sei como seria para Blue. Se Martin contasse para alguém. Blue é do tipo reservado. O tipo de cara que não esqueceria de encerrar a sessão do e-mail. O tipo de cara que talvez jamais me perdoasse por ser tão descuidado.

Acho que estou tentando dizer que não sei como seria para nós. Para Blue e eu.

Mas realmente não consigo acreditar que estou tendo essa conversa com Martin Addison. De todas as pessoas que poderiam ter acessado o Gmail depois de mim... Você precisa entender que, para começar, eu jamais teria usado o computador da biblioteca, só que bloqueiam o wi-fi na escola. E hoje foi um daqueles dias em que eu não podia esperar até chegar em casa e usar meu laptop. Eu não podia esperar nem chegar ao estacionamento e abrir o e-mail no celular.

Porque hoje cedo eu tinha mandado um e-mail da minha conta secreta para Blue. E era um e-mail meio que importante.

Eu só queria ver se ele tinha respondido.

— Acho que as pessoas levariam numa boa — diz Martin. — Você devia ser quem você é.

Nem sei por onde começar a responder. Um hétero que mal me conhece está me aconselhando a sair do armário. Sou praticamente obrigado a revirar os olhos.

— Tá, tudo bem. Não vou mostrar para ninguém — acrescenta ele.

Por um minuto, fico estupidamente aliviado. Mas aí eu me toco.

— Mostrar?

Ele fica vermelho e mexe na manga da camisa. Alguma coisa na expressão dele faz meu estômago se revirar.

— Você… você fez uma captura de tela, por acaso?

— Ah, então, eu queria conversar com você sobre isso.

— Espera aí… *você fez uma captura de tela?*

Ele aperta os lábios e olha para um ponto atrás de mim.

— Enfim — diz. — Eu sei que você é amigo da Abby Suso e queria pedir…

— É sério isso? Acho que a gente devia voltar para a parte em que você me explica por que fez uma captura de tela dos meus e-mails.

Ele hesita.

— Ah, é que estou aqui imaginando se você não quer me ajudar a falar com a Abby.

Quase dou uma gargalhada.

— Como é que é? Você quer que eu vá falar bem de você para a Abby?

— É, quero.

— E por que diabo eu faria isso?

Ele olha para mim, e de repente eu me toco. Esse negócio com a Abby. É isso o que ele quer de mim. Em troca de não divulgar a droga dos meus e-mails.

E os de Blue.

Meu Deus. Acho que, para mim, Martin era inofensivo. Um pouco nerd e esquisito, para ser sincero, mas não num sentido ruim. E sempre o achei meio hilário.

Só que agora não estou achando graça nenhuma.

— Você vai mesmo me obrigar a fazer isso...

— Obrigar? Fala sério. Não é assim.

— Então como é?

— Não é nada. Sabe, eu gosto dessa garota. E só estava pensando que talvez você quisesse dar uma ajudinha. Me convidar para alguma coisa quando ela

estiver junto. Sei lá.

— E se eu não fizer isso? Você vai postar os meus e-mails no Facebook? Na merda do Tumblr?

Ah, não. O Tumblr creeksecrets: a fonte de fofoca da Creekwood High School. Em um dia a escola toda ficaria sabendo.

Nós dois ficamos em silêncio, até que Martin acaba dizendo: — Só acho que estamos numa situação em que podemos ajudar um ao outro.

Eu engulo em seco.

— Chamando Marty — diz a sra. Albright, no palco. — Segundo ato, cena três.

— Pense no assunto.

Ele dobra a cadeira.

— Ah, claro que vou pensar. É uma oportunidade imperdível — digo.

Ele olha para mim. E fica em silêncio.

— Não sei o que você quer que eu diga — acrescento.

— Ah, sei lá.

Ele dá de ombros. E acho que nunca houve momento tão oportuno para encerrar uma conversa. Mas, quando seus dedos tocam a cortina, ele se vira para mim de repente.

— Só por curiosidade: quem é Blue?

— Ninguém. Ele mora na Califórnia.

Se Martin pensa que vou entregar Blue, ele está doido.

Blue não mora na Califórnia. Mora em Shady Creek e estuda na nossa escola. Blue não é o verdadeiro nome dele.

Ele é uma pessoa. Pode até ser alguém que eu conheço. Mas não sei quem. E não sei se quero saber.

*

E não estou com o menor saco de aguentar minha família hoje. Falta uma hora para o jantar, ou seja, uma hora tentando fazer meu dia na escola virar uma série

de historinhas engraçadas. Sério. Não posso chegar e falar do cuecão que deram no professor de francês, ou que Garrett deixou a bandeja cair no refeitório. É preciso toda uma performance. Conversar com meus pais é mais cansativo do que ter um blog.

Mas é engraçado. Eu adorava a falação e o caos antes do jantar. Agora, só quero que acabe logo. Principalmente hoje. Eu passo em casa e só fico tempo suficiente para colocar a guia na coleira de Bieber e sair com ele.

Estou tentando relaxar ao som de Tegan and Sara no iPod, mas não consigo parar de pensar em Blue e Martin Addison e no desastre total que foi o ensaio hoje.

Então Martin está a fim de Abby, assim como todos os outros nerds héteros das outras turmas. E ele só está me pedindo que eu o leve quando sair com ela. Não parece nada de mais quando penso por esse ângulo.

A não ser pelo fato de que ele está me chantageando. E, por extensão, chantageando Blue. É essa a parte que me dá vontade de sair chutando o que aparecer na minha frente.

Mas Tegan and Sara me acalma. Andar até a casa de Nick me acalma. O ar está com aquela sensação fria de começo de outono, e as pessoas já estão colocando abóboras nas escadas das varandas. Adoro isso. Sempre gostei, desde criança.

Bieber e eu atravessamos o quintal de Nick e entramos no porão. De frente para a porta tem uma televisão enorme, na qual os templários estão levando uma surra. Nick e Leah estão cada um em uma poltrona de balanço, jogando video game. Parece que estão ali a tarde toda.

Nick pausa o jogo quando eu entro. Isso é uma coisa legal nele. Nick pode não largar um violão por você, mas pausa o video game.

— Bieber! — exclama Leah.

Em segundos, meu cachorro se acomoda, todo desajeitado, com a bunda no colo dela, a língua para fora e as patas da frente batendo. Ele fica que nem pinto no lixo perto de Leah.

— Não, tudo bem. Pode cumprimentar o cachorro. Finge que não estou aqui.

— Ownn... Você também está precisando de uma coçadinha na orelha?

Eu abro um sorriso. Isso é bom, as coisas estão normais.

— Você encontrou o traidor?

— *Matei* o traidor — diz Nick, dando tapinhas no controle.

— Legal.

Sério, não há nenhuma parte de mim que se importe com o bem-estar de assassinos, templários ou de qualquer personagem de jogos. Mas acho que preciso disso. Preciso da violência dos video games e do cheiro desse porão e da sensação familiar que Nick e Leah me transmitem. O ritmo da nossa fala e nossos silêncios. A falta de objetivo das tardes de outubro.

— Simon, Nick não ficou sabendo do cuecão.

— Ahhhhh. *Le cuecão. C'est une histoire magnifique.*

— Tradução, por favor? — pede Nick.

— Ou pantomima — diz Leah.

Acontece que sou incrível em encenar cuecões épicos.

Então talvez eu goste mesmo de performances. Um pouquinho.

Acho que essa sensação de passeio de sexto ano com Nick-e-Leah está começando a me contagiar. Não sei explicar. Mas é que, quando estamos só nós três, temos esses momentos perfeitos e bobos. Não tem espaço para Martin Addison. Não tem espaço para segredos.

Bobos. Perfeitos.

Leah rasga a embalagem de papel de um canudinho. Ela e Nick estão com um copo gigante de chá gelado do Chick-fil-A. Faz um tempo que não vou lá. Minha irmã ouviu falar que eles doaram dinheiro para campanhas contra gays, então meio que comecei a me sentir mal de comer lá. Mesmo que o milk-shake de Oreo deles seja um pote gigante de delícia cremosa. Não que eu possa comentar isso com Nick e Leah. Não falo sobre assuntos gays com ninguém. Só com Blue.

Nick toma um gole do chá e boceja. Na mesma hora, Leah tenta acertar um pedacinho da embalagem do canudo na boca dele, que logo a fecha.

Ela dá de ombros.

— Continue bocejando, Bela Adormecida.

— Por que você está tão cansado? — pergunto.

— Porque eu curti muito ontem à noite. A noite toda. Sem parar.

— Curtiu muito o trabalho de cálculo, né?

— ME DEIXA, LEAH.

Ele se inclina para trás, bocejando de novo.

Dessa vez a bolinha de papel de Leah acerta o canto da boca.

Ele joga a bolinha de volta nela e diz:

— Então, estou tendo uns sonhos esquisitos.

Arqueio as sobrancelhas.

— Eca. Guarda pra você.

— Não... não esse tipo de sonho.

Leah fica vermelha.

— Não, sabe — continua Nick —, esquisito mesmo. Eu estava no banheiro, colocando as lentes, e não conseguia identificar qual era de qual olho.

— Tá. E depois, o que acontecia?

A voz de Leah sai abafada, porque ela está com o rosto enterrado nos pelos do pescoço de Bieber.

— Nada. Eu acordei, coloquei as lentes normalmente e ficou tudo bem.

— Esse é o sonho mais sem graça do mundo, Nick — diz ela. — Não é exatamente por isso que colocam “D” e “E” nos estojinhos das lentes?

— Ou talvez as pessoas devessem usar óculos logo e parar de tocar nos globos oculares.

Eu me sento de pernas cruzadas no tapete. Bieber pula do colo de Leah e vem até mim.

— E porque seus óculos deixam você a cara do Harry Potter, né, Simon?

Uma vez. Eu só falei isso uma vez.

— Bem, acho que meu inconsciente está tentando me dizer alguma coisa. — Nick não consegue mudar de assunto quando entra no modo intelectual. — Obviamente, o tema do sonho é a visão. O que não estou enxergando? Quais são meus pontos cegos?

— Seu gosto musical — sugiro.

Nick se recosta na poltrona e toma mais um gole do chá.

— Vocês sabiam que Freud interpretava os próprios sonhos quando estava desenvolvendo sua teoria? E que acreditava que todos os sonhos são uma forma de realização inconsciente das vontades?

Leah e eu nos entreolhamos, e sei que estamos pensando a mesma coisa. E não importa, ele pode até estar falando um monte de besteira, mas fica meio irresistível quando está nessa onda filosófica.

É claro que tenho uma política rigorosa de não me apaixonar por caras héteros. Em especial por caras comprovadamente héteros. Enfim, tenho uma política de não me apaixonar por Nick. Mas Leah se apaixonou. E isso gerou todos os tipos de problema, principalmente agora que Abby entrou na história.

No começo, eu não entendia por que Leah odiava Abby, e perguntar diretamente o motivo não foi a melhor tática.

"Nossa, ela é *demais*. Afinal, é líder de torcida. E é tão linda e magra... Ela é muito incrível, não é mesmo?"

Você precisa entender que ninguém domina a arte da indiferença como Leah.

Mas acabo reparando em Nick trocando de lugar com Bram Greenfeld no almoço, uma troca calculada, planejada para potencializar suas chances de se sentar perto de Abby. E, depois, nos olhos. Os famosos olhares demorados e apaixonados de Nick Eisner. Já vimos essa história nauseante com Amy Everett no fim do nono ano. Mas preciso admitir que tem alguma coisa fascinante na intensidade nervosa de Nick quando ele está a fim de alguém.

Quando vê esse olhar no rosto de Nick, Leah se fecha.

O que significa que existe um bom motivo para eu ser a amiguinha casamenteira de Martin Addison. Se Martin e Abby ficarem juntos, talvez o problema de Nick acabe. Aí, Leah vai poder relaxar, e o equilíbrio será restaurado.

Então, não se trata só de mim e de meus segredos. Não tem nada a ver comigo.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: quando você soube É uma história bem sexy, Blue. Sabe, o ensino fundamental é um show de horrores sem fim. Ah, talvez não sem fim, porque já acabou, mas deixa marcas na psique da gente. Não importa quem você seja. A puberdade é impiedosa.

Fiquei curioso. Você chegou a ver o cara depois do casamento do seu pai?

Não sei muito bem como foi comigo. Foram várias coisinhas. Por exemplo, um sonho estranho que tive com Daniel Radcliffe. E a obsessão que eu tinha pelo Passion Pit no fundamental, que depois percebi que não era bem por causa da música.

No oitavo ano, tive uma namorada. Foi um daqueles “namoros” em que você nem sai com a menina fora da escola. E, mesmo na escola, não faz nada. Acho que ficávamos de mãos dadas. Fomos ao baile de fim de ano juntos, mas meus amigos e eu passamos a noite toda comendo Doritos e espiando as pessoas debaixo da arquibancada. Em determinado momento, uma garota aleatória chegou para mim e disse que minha namorada estava na frente do ginásio me esperando. Eu tinha que ir até lá me encontrar com ela, e acho que a gente devia dar uns amassos. Daquele jeito de colégio, beijo com a boca fechada.

Meu momento de maior orgulho: saí correndo e me escondi no banheiro, feito uma criança ridícula. Fiquei dentro da cabine, com a porta fechada, encolhido em cima do vaso para minhas pernas não aparecerem por baixo. Como se as garotas fossem invadir o banheiro atrás de mim. Juro para você, fiquei lá a noite toda. E nunca mais falei com a minha namorada.

Ainda por cima, era Dia dos Namorados. Porque uma coisa que eu tenho é classe. Então, para ser totalmente sincero, eu já sabia naquela época. Só que tive mais duas namoradas depois disso.

Sabia que este é oficialmente o e-mail mais longo que já escrevi? Sério. Você deve ser a única pessoa que recebe mais do que 140 caracteres de mim. Isso é meio incrível, né?

Enfim, acho que vou acabar por aqui. Não vou mentir. Hoje foi um dia meio estranho.

Jacques

<ENVIADO 17 OUT 00:06> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: quando você soube Eu sou a única pessoa? É meio incrível mesmo. Me sinto honrado, Jacques. É engraçado, porque também não costumo mandar e-mails. E nunca falo sobre essas coisas com ninguém. Só com você.

Acho que seria bem deprimente se o momento do qual você mais se orgulha na vida tivesse sido no ensino fundamental. Você nem imagina quanto odiei essa época. Lembra como as pessoas olhavam para a gente com aquelas expressões vazias e diziam “Então tááá” depois que você terminava de falar? Só para deixar claro que, não importava o que você estivesse pensando ou sentindo, estava completamente sozinho. A pior parte, claro, era que eu fazia o mesmo com os outros. Fico meio nauseado só de lembrar.Basicamente, o que estou tentando dizer é que você devia pegar leve consigo mesmo. Éramos todos horríveis nessa época.

Respondendo à sua pergunta, eu vi o cara algumas vezes depois do casamento, acho que umas duas vezes por ano. Minha madrasta faz um monte de reuniões familiares e tal. Ele está casado, e acho que a mulher está grávida. Só não foi muito constrangedor porque a coisa toda aconteceu na minha cabeça. Impressionante, né? Uma pessoa pode despertar sua crise de identidade sexual e não fazer a menor ideia disso. Ele ainda deve pensar em mim como o enteado esquisito de doze anos da prima.

Acho que a pergunta é meio óbvia, mas vou fazer mesmo assim: se você sabia que era gay, como acabou tendo outras namoradas?

Que pena que seu dia foi estranho.

Blue

<ENVIADO 17 OUT 20:46> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: quando você soube Blue,

Lembro bem, o temido “tááá”. Sempre acompanhado de sobrancelhas lá no alto e a boca retorcida em um cuzinho condescendente. E é verdade, eu também falava. A gente era muito ridículo no fundamental.

Acho que a coisa das namoradas é meio difícil de explicar. Tudo foi acontecendo. O relacionamento do oitavo ano foi uma confusão, claro, então foi diferente. Quanto às outras duas: basicamente, elas eram amigas minhas, aí eu descobri que gostavam de mim e começamos a namorar. Depois, acabou. Foram elas que me largaram, e foi tudo bem indolor. Ainda sou amigo da garota que namorei no primeiro ano.

Mas, sinceridade? Acho que no fundo namorei essas meninas porque não acreditava cem por cento que era gay. Ou achava que não seria algo definitivo.

Sei que você deve estar pensando: “Tááá.”

Jacques

<ENVIADO 18 OUT 23:15> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: O obrigatório…

Tááááááááááááááááá.
(Sobrancelhas, boca de cu, tudo.)

Blue

<ENVIADO 19 OUT 8:01>



A PIOR COISA nessa história do Martin é que não posso contar para Blue. Não estou acostumado a guardar segredos dele.

Claro, tem um monte de coisas que não contamos um para o outro. Nós conversamos sobre todos os assuntos importantes, mas evitamos detalhes que possam revelar nossa identidade, como nomes de amigos e qualquer coisa específica demais sobre a escola. Todas as coisas que eu achava que me definiam. Mas não penso nelas como segredos. O que temos é mais uma espécie de acordo tácito.

Se Blue fosse mesmo um aluno do segundo ano da Creekwood, com armário, boletim e perfil no Facebook, tenho certeza de que eu não estaria contando nada para ele. Claro que ele é mesmo um aluno do segundo ano na Creekwood. Eu sei disso. Mas, de certa forma, ele mora no meu laptop. É difícil explicar.

Fui eu que o encontrei. Logo no Tumblr. Foi em agosto, bem quando as aulas estavam começando. Os alunos postavam confissões anônimas e pensamentos aleatórios secretos no creeksecrets, e as pessoas podiam comentar e tudo o mais, e ninguém julgava você. Só que entrou em decadência: virou um buraco de fofocas e poesias ruins e citações bíblicas escritas errado. Mas é meio viciante mesmo assim.

Foi lá que encontrei a postagem de Blue. Acabei me identificando. E acho que nem foi só a coisa de ser gay. Sei lá. Tinha umas cinco linhas, mas tudo escrito em uma gramática correta, além de estranhamente poético, e diferente de qualquer outra coisa que eu já tivesse lido.

Acho que foi a solidão. E é engraçado, porque não me vejo como uma pessoa solitária. Mas havia algo muito familiar no jeito como Blue descreveu o

sentimento. Foi como se ele tivesse arrancado as ideias da minha cabeça.

Ele falou sobre como você pode decorar os gestos de uma pessoa, mas nunca saber o que se passa na cabeça dela. E ter a sensação de que todos somos como casas com aposentos enormes e janelas pequenininhas.

Sobre como você pode se sentir muito exposto, de uma forma ou de outra.

Sobre como ele se sente tão escondido e tão exposto, em relação a ser gay.

Senti um pânico e uma vergonha estranha quando li essa parte, mas também uma faísca de empolgação.

Ele falou sobre o oceano entre as pessoas. E que o objetivo de tudo é encontrar uma margem até a qual valha a pena nadar.

Eu precisava conhecer esse cara.

Demorei um pouco, mas reuni coragem para postar a única coisa em que consegui pensar, que foi: “É ISSO.” Em letras maiúsculas mesmo. E coloquei meu endereço de e-mail. Da minha conta secreta do Gmail.

Passei a semana seguinte obcecado, me perguntando se ele entraria ou não em contato. E ele entrou. Um pouco depois, me contou que meu comentário o tinha deixado meio nervoso. Ele é muito cuidadoso com as coisas. Bem mais cuidadoso do que eu, diga-se de passagem. Resumindo: se Blue descobrir que Martin Addison tem capturas de tela dos nossos e-mails, tenho certeza de que vai surtar. Mas de um jeito bem Blue.

Ou seja, vai parar de me escrever.

Eu me lembro exatamente da sensação de ver aquela primeira mensagem dele na caixa de entrada. Foi meio surreal. Ele queria saber mais sobre mim. Durante os dias seguintes na escola, me senti um personagem de filme. Quase conseguia imaginar um close do meu rosto projetado na telona.

É estranho, porque na realidade eu não sou o protagonista. Talvez o melhor amigo.

Acho que nunca me considerei interessante até me tornar interessante para Blue. Então, não posso contar para ele. Prefiro não perdê-lo.

*

Martin. Durante a semana inteira, na aula e no ensaio, percebo que ele tenta fazer contato visual comigo. Sei que é um pouco de covardia. Essa situação toda faz com que eu me sinta um covarde. E um idiota, porque já decidi que vou ajudá-lo. Ou ceder à chantagem. Como você preferir chamar. Isso me deixa com o estômago embrulhado.

Passo o jantar inteiro distraído. Meus pais estão bem alegres, porque é noite de *The Bachelorette*. Estou falando muito sério. O reality show, sabe? Nós todos vimos o episódio de ontem, mas hoje nos reunimos por Skype com Alice, que está em Wesleyan, para comentar o que aconteceu. É a nova tradição da família Spier. Eu não poderia estar mais ciente do quão completamente ridículo é isso.

Mas sei lá. Minha família sempre foi assim.

— E como estão Leo e Nicole? — pergunta meu pai, mordendo o garfo.

Trocar o gênero de Leah e Nick é um clássico do humor do meu pai.

— Estão ótimos — digo.

— Risos, pai — comenta Nora, sem graça.

É minha irmã mais nova. Ultimamente, ela vem soltando expressões típicas da internet durante as conversas ao vivo, embora não as use na internet propriamente. Acho que está tentando ser irônica. Ela olha para mim e diz: — Simon, você viu Nick tocando violão no pátio?

— Acho que Nick está tentando arrumar uma namorada — diz minha mãe.

Engraçado, mãe, porque, olha que coisa... eu estou tentando impedir Nick de ficar com a garota de quem ele gosta para que Martin Addison não conte para a escola toda que eu sou gay. Por acaso já comentei que sou gay?

Por onde começar a contar uma coisa dessas?

Talvez fosse diferente se morássemos em Nova York, mas não sei ser gay na Georgia. Estamos perto de Atlanta, então podia ser pior. Mas Shady Creek não é exatamente um paraíso progressista. Na escola, tem só um ou dois caras assumidos, e as pessoas são muito cruéis com eles. Não chegam a ser violentas, mas a palavra “bicha” é usada algumas vezes. E tem umas garotas lésbicas e bissexuais, mas acho que com garota é diferente. Talvez mais fácil. Se tem uma coisa que o Tumblr me ensinou é que um monte de caras acha o máximo quando

uma garota é lésbica.

Se bem que o contrário também acontece. Tem garotas como Leah, que fazem desenhos *yaoi* a lápis de vários garotos e postam em sites.

E acho que não me incomodo com isso, pois os desenhos dela são incríveis.

E Leah também gosta de fanfiction slash, o que despertou em mim curiosidade suficiente para procurar algumas na internet no verão passado. Eram tantas opções que nem dava para acreditar: Harry Potter e Draco Malfoy se pegando de milhares de formas diferentes, em todos os armários de vassouras de Hogwarts. Escolhi as que tinham uma gramática decente e passei a noite toda lendo. Foram semanas estranhas. Foi nessas férias que aprendi a lavar roupa. Certas meias que não devem ser lavadas pela sua mãe.

Depois do jantar, Nora configura o Skype no computador da sala. Na imagem, Alice parece meio desgrenhada, mas deve ser por causa do cabelo, louro-escuro e bagunçado. Nós três temos cabelo ridículo. Ao fundo, a cama de Alice está desarrumada e coberta de travesseiros, e alguém comprou um tapete peludo e redondo para cobrir o pouco espaço livre do piso. Ainda é estranho imaginar Alice dividindo um quarto de alojamento com uma garota desconhecida de Minneapolis. Quem iria imaginar que um dia eu veria alguma coisa relacionada a esportes no quarto da minha irmã mais velha? Minnesota Twins, isso aí.

— Vocês estão pixelados. Vou… Não, espera aí, ficou bom. Ai, meu Deus, pai, isso é uma rosa?

Nosso pai está segurando uma rosa vermelha e rindo para a webcam. Não estou brincando. Minha família é profissional quando o assunto é *The Bachelorette*.

— Simon, faz sua imitação do Chris Harrison.

Acredite: minha imitação do Harrison é completa e simplesmente genial. Pelo menos em circunstâncias normais. Mas não estou em um dos meus melhores dias.

Estou muito tenso. E não só por Martin ter registrado os e-mails. É pelos e-mails em si. Estou me sentindo meio estranho desde que Blue perguntou sobre a

história das namoradas. Será que ele acha que sou uma farsa? Tenho a impressão de que, depois que ele percebeu que era gay, não saiu mais com garotas e foi simples assim.

— Então Michael D. alega ter usado a suíte fantasia para conversar — diz Alice. — Nós acreditamos nisso?

— Nem por um minuto — responde papai.

— Eles sempre dizem isso — acrescenta Nora.

Ela inclina a cabeça, e só agora percebo que tem cinco piercings na orelha, de cima a baixo.

— Não é? — continua Alice. — Mas você não vai dizer o que acha, Bub?

— Nora, quando você fez isso? — pergunto, tocando o lóbulo de minha orelha.

Ela fica um pouco vermelha.

— Semana passada, acho.

— Deixa eu ver — exige Alice, e Nora vira o rosto. — Uau!

— Mas... por quê? — pergunto.

— Porque eu quis.

— Mas, tipo, por que tantos?

— Podemos voltar ao assunto “suíte fantasia”? — sugere ela.

Nora fica sem jeito quando é o centro das atenções.

— É a suíte fantasia — digo —, é claro que eles fizeram! Acho que a fantasia envolve mais do que conversar.

— Mas isso não quer dizer necessariamente cópula.

— MÃE. Pelo amor de Deus.

Acho que era fácil estar em relacionamentos em que eu não precisava pensar em todas as pequenas humilhações que decorrem do fato de se estar atraído por alguém. Eu me dou bem com garotas. Beijá-las é tranquilo. Namorar era algo que eu conseguia fazer tranquilamente.

— E Daniel F.? — pergunta Nora, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Sério, esses piercings. Não entendo a Nora.

— Ele é o mais gato — comenta Alice.

Minha mãe e Alice vivem usando a expressão “colírio para os olhos” para se referir a essas pessoas.

— Você está falando sério? — questiona meu pai. — O gay?

— Daniel não é gay — protesta Nora.

— Garota, ele é uma parada gay de um homem só. Uma chama eterna.

Meu corpo todo se enrijece. Leah disse uma vez que preferia que as pessoas a chamassem logo de gorda a ficar ouvindo merda sobre o peso de alguma outra garota. E acho que concordo. Nada é pior do que a humilhação secreta de ser insultado por semelhança.

— Pai, para — pede Alice.

Então, do nada, ele começa a cantar aquela música, “Eternal Flame”, dos Bangles.

Nunca sei se meu pai está realmente falando sério quando diz esse tipo de coisa ou se só está tentando irritar Alice. Se ele pensa assim, acho que é melhor eu saber logo. Mesmo que eu não possa apagar essa informação depois.

*

A outra questão é a mesa no refeitório. Faz menos de uma semana que fui chantageado, mas sou abordado por Martin quando estou saindo da fila da comida com minha bandeja.

— O que você quer, Martin?

Ele olha para a minha mesa.

— Tem lugar para mais um?

— Humm. — Olho para baixo. — Na verdade, não.

Há um silêncio constrangedor.

— Já temos oito pessoas.

— Eu não sabia que os lugares eram marcados.

Não faço ideia do que dizer. As pessoas sempre se sentam nos mesmos lugares. Eu achava que fosse uma regra do universo.

Não se pode simplesmente mudar de mesa assim, do nada.

É um grupo estranho, mas funciona. Nick, Leah e eu. Os dois amigos de Leah, Morgan e Anna, que leem mangá, usam lápis de olho preto e são basicamente a mesma pessoa. Anna e eu namoramos no nono ano, mas ainda acho que ela e Morgan são a mesma pessoa.

Tem também a completa aleatoriedade dos amigos de futebol de Nick: Bram, que é estranho e fica calado a maior parte do tempo, e o semibabaca do Garrett. E Abby. Ela morava em Washington, mas se mudou para cá no começo do ano letivo, e a química foi instantânea. Foi uma mistura de destino e trabalhos em grupo organizados por ordem alfabética de sobrenome.

Enfim, somos nós oito. Está fechado. Já tivemos que colocar duas cadeiras extras na mesa de seis lugares.

— Bem... — Martin se inclina para trás e olha o teto. — Acabou de me ocorrer que estamos na mesma sobre aquela questão da Abby, mas...

Ele ergue uma das sobrancelhas e olha para mim com uma expressão séria.

Martin não especificou as condições da chantagem, mas claramente é algo como: ele pode pedir o que quiser. E eu tenho que fazer.

Que coisa maravilhosa.

— Olha, eu quero ajudar.

— Como você preferir, Spier.

— Escuta. — Abaixo o tom de voz; estou quase sussurrando: — Vou falar com ela, está bem? Mas você tem que me deixar resolver isso sozinho.

Ele dá de ombros.

Sinto seu olhar enfezado me acompanhar até a mesa.

Tenho que agir naturalmente, não posso comentar nada. Ou melhor, agora tenho que dizer alguma coisa sobre ele para Abby. Mas vai ter que ser o contrário do que eu realmente gostaria de dizer.

Talvez seja um pouco difícil fazer Abby gostar desse garoto. Porque eu mesmo não o suporto.

Mas acho que isso já não vem mais ao caso.

*

Só que os dias se passam, e eu ainda não encarei a situação de frente. Não falei com Abby nem chamei Martin para ficar com a gente ou tranquei os dois sozinhos numa sala de aula vazia. Não sei nem o que ele quer, para ser sincero.

Espero continuar sem saber disso pelo tempo que for humanamente possível. Só sei que tenho andado bem sumido. E fico grudado em Nick e Leah, para que Martin não venha falar comigo. Na terça, paro no estacionamento e Nora sai do carro, mas eu continuo lá. Ela enfia a cabeça pela janela, perguntando: — Ei, você não vem?

— Depois.

— Ok. — Ela hesita, e depois acrescenta: — Está tudo bem?

— Quê? Está.

Ela olha para mim.

— Nora, eu estou bem.

— Então tá.

Ela fecha a porta devagar e se encaminha para a entrada. Não sei. Nora é estranhamente observadora às vezes, mas me abrir com ela pode ser um pouco constrangedor. Eu nunca tinha percebido isso até Alice ir para a faculdade.

Fico mexendo no celular: vejo meu e-mail e uns vídeos no YouTube. Quando escuto uma batida na janela do carona, quase dou um pulo. Estou esperando ver Martin em qualquer lugar. Mas é só o Nick. Faço sinal para que ele entre.

Ele se senta ao meu lado e pergunta:

— O que está fazendo?

Evitando Martin.

— Vendo uns vídeos.

— Ah, cara. Perfeito. Estou com uma música na cabeça.

— Se for The Who — digo a ele —, Def Skynyrd ou qualquer coisa do tipo, sem chance!

— Vou fingir que você não acabou de dizer Def Skynyrd.

Adoro sacanear o Nick.

Acabamos vendo parte de um episódio de *Hora de Aventura*, só por ver, e acaba sendo a distração perfeita. Fico de olho no relógio, porque não quero perder a aula de literatura. Eu só não quero ficar de bobeira nesses minutos antes da aula, porque Martin poderia aparecer e puxar papo.

É engraçado. Sei que Nick percebe que tem alguma coisa errada, mas ele não pergunta nada. Com a gente é assim. Conheço seu tom de voz, suas expressões e seus hábitos mais simples. Seus monólogos existenciais aleatórios. A mania de bater o dedão na ponta dos dedos quando está nervoso. E acho que ele também sabe os mesmos tipos de coisa sobre mim. Nos conhecemos desde os quatro anos. Mas, sério, na maior parte do tempo não faço ideia do que se passa na cabeça dele.

Isso me faz lembrar um monte de coisas que Blue postou no Tumblr.

Nick pega meu celular e começa a olhar os vídeos.

— Se a gente achar um episódio com falas em versos alexandrinos, podemos matar a aula de literatura sem problemas.

— Hum, se a gente achar, vou usar *Hora de Aventura* na minha redação de tema livre.

Ele olha para mim e começa a rir.

O caso é que não me sinto sozinho com Nick. É tranquilo. Então talvez seja uma coisa boa.

*

Chego cedo para o ensaio na quinta-feira. Saio pela porta lateral do auditório e vou até os fundos da escola. Está bem frio para a Georgia, e parece que choveu em algum momento depois do almoço. Mas aqui só há dois tipos de tempo, na verdade: um clima que pede casaco e outro em que você acaba usando casaco de qualquer jeito.

Devo ter deixado meus fones de ouvido na mochila, que ficou no auditório. Odeio usar o alto-falante do celular, mas ouvir música é sempre melhor do que não ouvir música. Eu me recosto na parede atrás do refeitório e busco na minha

lista um EP da banda Leda. Ainda não escutei, mas Leah e Anna estão obcecadas por esse EP, o que só pode ser um bom sinal.

De repente, não estou mais sozinho.

— Beleza, Spier. Qual é a sua? — pergunta Martin, se recostando ao meu lado na parede.

— A minha?

— Acho que você está me evitando.

Nós dois estamos de All Star preto, e não consigo identificar se meus pés são pequenos ou se os dele é que são enormes. Martin deve ser quinze centímetros mais alto do que eu. Nossas sombras ficam ridículas lado a lado.

— Não estou evitando você — digo.

Eu saio andando na direção do auditório. Afinal, não quero irritar a sra. Albright.

Martin me alcança.

— Sério — diz ele —, não vou mostrar os e-mails para ninguém, tá? Para de surtar.

Mas acho que vou encarar isso com um milhão de pés atrás. Porque ele não falou que vai apagá-los.

Martin olha para mim, e não consigo interpretar sua expressão. É curioso. Há tantos anos eu estudo com esse garoto, dou risada das asneiras aleatórias que ele diz. Eu já o vi em várias peças na escola. Até nos sentamos um do lado do outro no coral durante um ano. Mas eu não o conheço direito. Na verdade, acho que não o conheço nem um pouco.

Nunca subestimei tanto uma pessoa.

— Eu já disse que vou falar com ela.

Já estou com as mãos na porta do auditório.

— Espere! — pede Martin. Eu olho para ele, que está segurando o celular. — Não seria mais fácil se a gente pegasse o número de telefone um do outro?

— Eu tenho escolha?

— Ah...

Ele dá de ombros.

— Meu Deus, Martin!

Pego o celular dele e digito meu número esmagando as teclas, as mãos tremendo de tanta raiva.

— Legal! Vou ligar para você gravar o meu também.

— Você que sabe.

Maldito Martin Addison. Vou salvar o número dele como “Martírio Abominável”.

Entro no auditório, e a sra. Albright está no palco.

— Muito bem. Preciso de Fagin, Dodger, Oliver e os garotos. Primeiro ato, cena seis. Vamos.

— Simon! — Abby me abraça e cutuca minhas bochechas. — Nunca mais me abandone.

— O que eu perdi? — Abro um sorriso forçado.

— Nada — diz ela, baixinho —, mas estou no Inferno de Taylor aqui.

— O círculo mais louro do inferno.

Taylor Metternich. Ela é o pior tipo de pessoa perfeita. Como se a perfeição tivesse um lado negro. Não sei de que outra forma explicar. Sempre a imagino sentada em frente a um espelho à noite, contando escovadas de cabelo. Também é o tipo que posta no Facebook perguntando como você foi na prova de história. Não para dar força. Para saber sua nota.

— Tudo bem, rapazes — diz a sra. Albright. O que é hilário, porque Martin, Cal Price e eu somos os únicos no palco que tecnicamente se qualificam no comentário. — Prestem atenção, porque vamos fazer algumas marcações.

Ela afasta a franja dos olhos e a coloca atrás da orelha. A sra. Albright é bem jovem para ser professora, e seu cabelo é de um tom de ruivo intenso. Tipo, ruivo elétrico.

— A cena seis do primeiro ato é a do batedor de carteira, não é? — pergunta Taylor, porque ela é o tipo de pessoa que finge fazer uma pergunta só para mostrar o que já sabe.

— Isso — responde a sra. Albright. — Pode ir, Cal.

Cal é o diretor de palco. Ele é do segundo ano, assim como eu, e carrega um

fichário azul gigantesco com uma cópia do roteiro, com espaçamento duplo e cheia de anotações. É engraçado que o trabalho dele seja basicamente dar ordens na gente e se estressar, porque ele é a pessoa menos autoritária que já conheci. Ele é meio delicado e tem sotaque sulista, coisa que, na verdade, quase não se vê em Atlanta.

Ele também tem o tipo de franja castanha desgrenhada que eu curto e olhos azul-escuros como o oceano. Nunca ouvi nada sobre ele ser gay, mas tem uma vibe.

— Certo — diz a sra. Albright. — Dodger acabou de fazer amizade com Oliver e está levando o garoto para o esconderijo pela primeira vez, para conhecer Fagin e os outros. Então. Qual é o objetivo de vocês?

— Mostrar a ele quem manda — diz Emily Goff.

— Talvez infernizar um pouco a vida deles? — sugere Mila Odom.

— Isso aí. Ele é o cara novo, e vocês não vão facilitar as coisas. Ele é um nerd. Vocês querem intimidá-lo e fazer a limpa nele.

Isso faz algumas pessoas rirem. Para uma professora, a sra. Albright é moderadamente incrível.

Ela e Cal nos colocam em posição; a sra. Albright chama isso de “arrumar a cena”. Eles querem que eu fique deitado em uma plataforma, apoiado nos cotovelos, jogando para cima uma bolsinha de moedas. Quando Dodger e Oliver entram, todos nós temos que dar um pulo e tentar pegar a sacola de Oliver. Tenho a ideia de enfiá-la debaixo da camisa e andar pelo palco com a mão na lombar, como se estivesse grávido.

A sra. Albright adora.

Todo mundo ri, e, sinceramente, esse é o melhor momento. Todas as luzes do auditório estão apagadas, menos as do palco, e estamos todos com os olhos brilhando e rindo como bêbados. Eu me apaixono um pouquinho por todo mundo. Até por Taylor.

Até por Martin. Ele sorri para mim quando nossos olhares se encontram, e tenho que abrir um sorriso para ele também. Martin é um merdinha puxa-saco, verdade seja dita, mas é tão desengonçado e inquieto e ridículo... Isso tira um

pouco da paixão por odiá-lo.

É isso. Não vou escrever um poema em homenagem a ele. E não sei o que ele espera que eu diga para Abby. Não faço a menor ideia. Mas acho que vou pensar em alguma coisa.

O ensaio termina. Abby e eu nos sentamos na beirada do palco e ficamos balançando os pés, vendo a sra. Albright e Cal fazerem anotações no grande fichário azul. O último ônibus para o sul do condado só sai em quinze minutos, e Abby leva uma hora para chegar em casa. O tempo que ela e a maioria dos alunos negros levam indo e voltando da escola todo dia é maior do que o tempo que eu levo em uma semana inteira. Atlanta é uma cidade tão segregada, mas ninguém nunca fala sobre isso.

Ela boceja e se deita no palco, colocando um dos braços embaixo da cabeça. Está usando uma meia-calça e um vestidinho estampado. O pulso esquerdo está cheio de pulseiras da amizade trançadas.

Martin está sentado do outro lado do palco, não muito longe, fechando a mochila tão devagar que só pode ser de propósito. Parece estar fazendo questão de não olhar para nós.

Abby está de olhos fechados. Ela tem o tipo de boca que sempre sustenta um sorriso leve, e tem um cheirinho de canela. Se eu fosse hétero... entenderia o charme de Abby.

— Ei, Martin — digo, e minha voz soa estranha. Ele olha para mim. — Você vai à casa do Garrett amanhã?

— Eu, hã… Vai ter festa?

— Festa de Halloween. Você devia ir. Vou mandar o endereço.

Só uma rápida mensagem de texto para Martírio Abominável.

— Ah, pode ser — diz ele.

Ele se inclina para a frente e se levanta, tropeçando no cadarço logo em seguida. Então tenta fingir que é um passo de dança. Abby ri, ele sorri, e não estou brincando: ele faz mesmo uma mesura de agradecimento. Não sei nem o que dizer. Acho que existe um terreno meio indistinto entre rir de alguém e rir com alguém.

Tenho certeza de que esse terreno indistinto é Martin.

Abby se vira para mim.

— Eu não sabia que você era amigo do Martin — diz ela.

E essa é a declaração mais hilária do mundo.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween Blue,

Eu nunca tentei montar uma fantasia que desse medo de verdade. Minha família gosta de fantasias engraçadas. A gente competia para ver qual faria meu pai rir mais. Minha irmã se vestiu de lata de lixo uma vez. Não o Gugu, de *Vila Sésamo*. Só uma lata cheia de lixo mesmo. E eu fazia sempre a mesma coisa. O conceito de um garoto de vestido sempre funcionou para mim (até que um dia parou de funcionar; eu estava no quarto ano e tinha uma fantasia incrível de melindrosa, mas aí me olhei no espelho e senti um choque elétrico de pura vergonha).

Agora, tento manter o delicado equilíbrio entre simplicidade e ousadia. Não consigo acreditar que você não vai se fantasiar. Não percebe que está desperdiçando a oportunidade perfeita de ser outra pessoa por uma noite?

Com decepção,

Jacques

<ENVIADO 30 OUT 21:56> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween Jacques,

Me desculpe por desapontá-lo. Não tenho nada contra fantasias, e o que você diz faz todo sentido. Entendo perfeitamente o prazer de ser outra pessoa por uma noite (ou o tempo todo). Na verdade, eu também repetia a mesma coisa quando era pequeno. Era sempre um super-herói. Acho que gostava de me imaginar com uma identidade secreta complexa. Talvez ainda goste. Talvez esse seja o sentido destes e-mails.

Mas não vou me fantasiar este ano porque não vou sair. Minha mãe tem uma festa do trabalho, então tenho que ficar em casa distribuindo doces para as crianças que aparecerem. Convenhamos, não tem nada mais triste do que um garoto de dezesseis anos sozinho em casa no Halloween atendendo à porta fantasiado.

Sua família parece interessante. Como você convencia seus pais a comprar vestidos? Você devia ficar ótimo de melindrosa. Seus pais também tentavam arruinar todas as suas fantasias para adaptá-las ao clima? Lembro de um ano em que dei um chilique ridículo porque O LANTERNA VERDE NÃO USA GOLA ROLÊ. Mas agora eu vejo que ele usa, sim. Desculpa aí, mãe!

Espero que você curta seu dia de folga de ser Jacques. E espero que todo mundo goste da sua fantasia de

ninja (é isso, né? A mistura perfeita entre simples e ousado?).

Blue

<ENVIADO 31 OUT 8:11> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween Ninja? Foi um bum palpite, mas não.

Jacques

<ENVIADO 31 OUT 8:25> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween Aaaah, corretor de merda. BUNDA palpite.

<ENVIADO 31 OUT 8:26> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween AAHHHH!!!!!!

BOM palpite. BOM. Céus. É por isso que nunca escrevo do celular.

Vou ali num cantinho morrer de vergonha e já volto.

J

<ENVIADO 31 OUT 8:28>



SINCERAMENTE, NÃO TEM nada melhor do que Halloween numa sexta-feira. O dia na escola é meio eletrizante, o que parece deixar as aulas menos chatas e os professores, mais engraçados. Estou com orelhinhas de gato de feltro presas com fita adesiva no capuz do casaco e um rabo preso na calça. Pessoas que nem conheço sorriem para mim nos corredores. Riem de um jeito legal. É um dia incrível.

Abby vai para casa comigo; vamos andando até a casa de Nick mais tarde, e Leah vai buscar todos nós lá. Leah já tem dezessete anos, o que faz diferença na Georgia. Eu também dirijo, mas só posso levar mais uma pessoa no carro além de Nora, sem discussão. Meus pais não são rigorosos com muitas coisas, mas são ditadores quando o assunto é direção.

Abby desaba no chão agarrada a Bieber assim que entramos na cozinha. Ela e Leah podem não ter muito em comum, mas as duas são obcecadas pelo meu cachorro. E Bieber está pateticamente deitado de costas, a barriga exposta, olhando para Abby com uma expressão sonhadora.

Bieber é um golden retriever de olhos grandes, castanhos e meio alucinados. Alice ficou muito satisfeita quando teve a ideia do nome, e não vou mentir: é perfeito.

— Onde vai ser? — pergunta Abby, olhando para mim.

Ela e Bieber estão entrelaçados em um abraço eterno, a tiara dela caindo sobre os olhos. Muitas pessoas usaram uma fantasia simples na escola, só orelhinhas de animais, máscaras e coisas assim. Abby resolveu aparecer com uma toda elaborada de Cleópatra.

— A casa do Garrett? Fica em algum lugar na Roswell Road, eu acho. Nick

sabe.

— Então basicamente quem vai estar lá é o pessoal do futebol?

— É provável. Não sei.

Eu recebi uma mensagem do Martírio Abominável confirmando presença. Mas acho melhor não mencioná-lo nesta conversa.

— Ah, tudo bem. Vai ser legal.

Abby tenta se soltar de Bieber, e a fantasia sobe pelas coxas, deixando-as quase completamente expostas. Ela está de meia-calça, mas mesmo assim. Acho engraçado. Até onde sei, todo mundo pensa que sou hétero, mas Abby parece já ter percebido que não precisa ficar se policiando perto de mim. Ou talvez seja só o jeito dela.

— Ei, está com fome? — pergunta ela. E eu percebo que deveria ter oferecido alguma coisa.

Acabamos fazendo queijo quente na sanduicheira e levando para a sala, para comer em frente à TV. Nora está encolhida no canto do sofá lendo *Macbeth*. Acho que isso é bem Halloween. Nora nunca sai. Ela olha nossos sanduíches e, um minuto depois, levanta-se do sofá para fazer o dela. Se ela queria queijo quente, deveria ter dito para mim, ora. Nossa mãe enche o saco de Nora às vezes para que seja mais assertiva. Mas eu também podia ter perguntado se ela estava com fome. Acho que tenho dificuldade de me colocar no lugar dos outros às vezes. Acho que é meu maior defeito.

Vemos programas aleatórios, com Bieber estirado entre nós no sofá. Nora volta com o sanduíche e retoma sua leitura. Alice, Nora e eu costumamos estudar na frente da TV ou ouvindo música. E, mesmo assim, todos tiramos notas boas.

— Ei, é melhor a gente se arrumar, né? — diz Abby.

Ela levou uma fantasia completamente diferente para usar na festa, porque agora todo mundo já tinha visto a de Cleópatra.

— Só temos que chegar na casa de Nick às oito — explico.

— Mas você não quer se arrumar para dar doce para as crianças? — pergunta ela. — Eu sempre odiava quando as pessoas não estavam fantasiadas.

— Ah, se você faz questão. Mas juro que essas crianças só querem os doces e não estão nem aí para a procedência deles.

— Isso é meio preocupante — comenta Abby.

Dou uma risada.

— É mesmo.

— Tá, então vou tomar conta do banheiro agora. É hora da transformação — anuncia ela.

— Tudo bem. Vou me transformar aqui na sala mesmo.

Nora ergue o rosto do livro.

— Simon. Eca.

— Só vou jogar uma veste de dementador por cima da roupa. Acho que você vai sobreviver.

— O que é um dementador?

Ah, não dá.

— Nora, você não é mais minha irmã.

— Então é alguma coisa de Harry Potter — deduz ela.

*

Garrett e Nick se cumprimentam com um soquinho quando chegamos.

— Eisner. E aí?

A música reverbera no lugar, e pessoas dão risadas e seguram latinhas que não são de Coca-Cola. Já estou me sentindo meio perdido. A questão é a seguinte: estou acostumado com outro tipo de festa. Do tipo em que você aparece na casa de alguém e a mãe mostra onde fica o porão, tem besteiras para comer e cartas para jogar e um bando de gente cantando aleatoriamente. Talvez até algumas pessoas jogando video games.

— O que vocês querem beber? — pergunta Garrett. — Tem cerveja e, hã, vodca e rum.

— Ah, obrigada, mas não quero — diz Leah. — Estou dirigindo.

— Ah, temos Coca-Cola e suco e umas coisas assim.

— Vou de vodca com suco de laranja — pede Abby.

Leah balança a cabeça.

— Saindo um screwdriver para a Mulher-Maravilha. Eisner? Spier? Alguma coisa? Querem uma cerveja?

— Claro — respondo.

Meu coração está pulando de forma notável.

— Spier almeja uma cerveja — diz Garrett, e ri. Não sei qual é a graça.

Ele vai pegar as bebidas. Minha mãe diria que é um ótimo anfitrião. Não que haja alguma possibilidade de eu contar a parte das bebidas para meus pais. Eles achariam divertido demais.

Visto o capuz de dementador e me recosto na parede. Nick subiu para pegar o violão do pai de Garrett, então ficamos naquela tensão silenciosa e estranha de estar sozinho com Abby e Leah. Abby cantarola junto com a música e meio que balança os ombros.

Sinto que estou me encolhendo na direção de Leah. Às vezes, simplesmente sei que ela está sentindo o mesmo que eu.

Leah olha para o sofá.

— Uau, a Katniss está beijando o Yoda?

— Quem está beijando quem? — pergunta Abby.

Há um momento de silêncio.

— Ah… deixa pra lá — diz Leah.

Acho que Leah fica ainda mais sarcástica quando está nervosa. Mas Abby parece nunca notar a exaltação na voz dela.

— Onde está Nick? — pergunta Abby.

Só de ouvir Abby mencionar o nome de Nick, Leah começa a morder o lábio.

— Tocando violão em algum lugar?

— Provavelmente — responde Leah. — Ele está sempre atracado com um violão.

Abby começa a rir, e Leah fica toda vermelha e orgulhosa.

É estranho. Em alguns momentos parece que Abby e Leah só ficam se exibindo uma para a outra.

Garrett volta carregando vários drinques, e Leah fica séria.

— Muito bem, screwdriver para as moças… — diz Garrett, entregando um para cada uma.

— Isso é… tá — diz Leah, revirando os olhos e deixando a bebida na mesa atrás dela.

— E uma cerveja para… sei lá que merda você é.

— Um dementador — digo.

— O que é isso, em nome de Deus?

— Um dementador? De *Harry Potter*?

— Ah, tire esse capuz, pelo amor de Deus. E do que você está fantasiada?

— De Kim Kardashian — responde Leah, na maior cara de pau.

Garrett parece confuso.

— Tohru, de *Fruits Basket*.

— Eu…

— É um mangá — explica ela.

— Ah.

Ouvimos notas desafinadas de piano no outro lado da sala, e Garrett passa por nós. Duas garotas estão sentadas em um banco de piano, e acho que uma delas bateu com o cotovelo nas teclas. Há uma explosão de risadas selvagens e bêbadas.

Quase desejei estar com Nora, vendo TV, atendendo à porta e enchendo a cara de mini Kit Kats, que são bem menos legais do que Kit Kats extragrandes. Sei lá. Não é que eu esteja odiando. Mas me sinto deslocado.

Tomo um gole de cerveja e acho… Ah, é incrivelmente nojento. Acho que eu não esperava que tivesse gosto de sorvete, mas pelo amor de Deus. As pessoas mentem e fazem identidade falsa e entram escondidas em bares para isso? Acho que eu prefiro dar uns amassos no Bieber. O cachorro. Ou o Justin.

Mas enfim, isso me deixa meio preocupado com toda a propaganda que fazem em torno do sexo.

Garrett deixa a bebida de Nick com a gente e se junta às garotas no piano. Acho que são do nono ano. As fantasias são surpreendentemente elaboradas.

Nick vai gostar. Mas elas têm a idade de Nora. Não acredito que estão bebendo. Garrett corre para abaixar a tampa sobre as teclas do piano, e sua preocupação me faz criar certa afeição por ele.

— Aí está você — diz Abby.

Nick voltou, segurando um violão como se sua vida dependesse disso. Ele se senta no chão para afinar, as costas encostadas na lateral do sofá. Algumas pessoas olham para ele sem interromper a conversa. É estranho, porque praticamente todo mundo é familiar, mas são todas pessoas do time de futebol e outros atletas. É claro que isso não tem problema. Mas é que eu não as conheço direito. Fica bem claro que não vou ver Cal Price nesse grupo, e nem sei se Martin veio.

Eu me sento, e Leah desliza pela parede perto de mim e acaba com as pernas viradas para o lado de uma forma desajeitada. Sua fantasia inclui uma saia, e percebo que ela está tentando não mostrar as coxas. O que é muito ridículo e ao mesmo tempo muito típico de Leah. Chego mais perto dela, que abre um pequeno sorriso sem olhar para mim. Abby se senta de pernas cruzadas de frente para nós, e isso é bem legal. Basicamente, temos nosso canto da sala.

Sinto-me meio feliz e meio confuso agora, e a cerveja já não é mais tão ruim depois dos primeiros goles. Garrett ou outra pessoa deve ter desligado o som, e algumas pessoas se aproximaram para ouvir Nick. Não sei se já falei isso, mas Nick tem a voz mais perfeitamente rouca do mundo quando canta. Claro que ele tem essa estranha obsessão de pai com rock clássico, mas nem sempre isso é ruim. Agora, por exemplo, ele está cantando “Wish You Were Here”, do Pink Floyd, e estou pensando em Blue. E em Cal Price.

A questão é que, lá no fundo, tenho a sensação de que Blue é Cal Price. Não tem explicação. Acho que são os olhos. Ele tem olhos da cor do oceano: ondas e mais ondas azul-esverdeadas. E às vezes, quando olho para Cal, sinto que nos entendemos, e ele entende, e é tudo perfeito e sem palavras.

— Simon, quantos copos você já bebeu? — pergunta Leah.

Estou girando as pontas do cabelo dela. O cabelo de Leah é lindo e cheira a canela. Na verdade, é Abby que cheira a canela. Leah tem cheiro de amêndoas.

— Um copo.

O mais excelente e delicioso copo de cerveja do mundo.

— Um copo. Não consigo nem expressar como você é ridículo.

Mas ela está quase sorrindo.

— Leah, sabia que você tem um rosto muito irlandês?

Ela olha para mim.

— O quê?

— Ah, você me entendeu. Um rosto irlandês. Você é irlandesa?

— Que eu saiba, não.

Abby ri.

— Meus ancestrais são escoceses — diz alguém.

Olho para cima e vejo Martin Addison com orelhas de coelho.

— É, isso aí — digo, enquanto Martin se senta ao lado de Abby, perto mas não muito. — É estranho, né? Porque temos ancestrais do mundo todo, mas estamos aqui, na sala de Garrett, e os ancestrais de Martin são da Escócia, e Leah, desculpa, mas você com certeza é da Irlanda.

— Se você diz.

— E os de Nick são de Israel.

— De Israel? — questiona Nick, ainda com os dedos nas cordas do violão. — Eles são da Rússia.

Acho que se aprende uma coisa nova a cada dia, porque eu achava mesmo que os judeus vinham de Israel.

— Ah, eu sou inglês e alemão, e Abby é, você sabe…

Ah, meu Deus, não sei nada sobre a África e não sei se isso me torna racista.

— Do oeste da África. Eu acho.

— Exatamente. É tudo tão aleatório. Como viemos parar aqui?

— Escravidão, no meu caso — diz Abby.

Merda. Eu tenho que calar a boca. Tinha que ter calado a boca cinco minutos atrás.

O som volta a tocar.

— Ei, acho que vou pegar uma bebida — diz Martin, pulando daquele jeito

espasmódico dele. — Alguém quer alguma coisa?

— Obrigada, mas estou dirigindo — diz Leah.

Mas ela não beberia mesmo se não estivesse dirigindo. Sei disso. Porque existe uma linha invisível, e de um lado ficam as pessoas como Garrett e Abby e Nick e todos os músicos do mundo. Gente que vai a festas e bebe e não fica bêbada com uma cerveja. Gente que faz sexo e não acha isso nada de mais.

Do outro lado da linha estão as pessoas como Leah e eu.

Mas o que torna tudo estranhamente melhor é saber que Blue é como nós. Pode ser a minha interpretação das coisas, mas acho mesmo que Blue nunca beijou ninguém. É engraçado, nem sei se as vezes que beijei contam.

Nunca beijei um garoto. Penso nisso o tempo todo.

— Spier? — chama Martin.

— O quê?

— Alguma coisa para beber?

— Ah, não, obrigado. Estou bem.

Leah faz um barulhinho, tipo um ronco de deboche.

— Eu também estou bem. Mas obrigada. — Abby chuta meu pé. — Lá em casa, eu pegava o metrô e entrava escondida, então não importava. — Quando Abby diz "lá em casa", ainda está se referindo a Washington. — Mas acho que os pais de Simon não precisam me ver bêbada.

— Acho que eles nem ligariam.

Abby puxa a franja para o lado e olha para mim.

— Ah, não é bem assim.

— Eles deixaram minha irmã fazer um milhão de furos na orelha, então...

— Uau. A Nora é tão maneira! — exclama Leah.

— A Nora é o oposto de maneira. Sou muito mais maneiro que ela.

— E nunca deixe ninguém dizer o contrário — aconselha Martin, sentando-se ao lado de Abby com a cerveja na mão.

Abby se estica e se levanta, segurando meu capuz.

— Vamos lá. As pessoas estão dançando.

— Que bom para elas — responde Nick.

— *Nós* vamos dançar — acrescenta Abby, esticando os braços para ele.

— Nãããõoooo.

Mas Nick coloca o violão num canto e deixa Abby puxá-lo.

— Hum, mas você já viu meus passos encantadores? — pergunta Martin.

— Vamos ver!

Ele faz aqueles movimentos estranhos no ritmo da música, como se estivesse nadando, seguido do combo "guinada com os ombros de um lado para o outro mais uma reboladinha".

— Sim, demais! — diz Abby. — Vamos. — Ela puxa as mãos dele, que a acompanha, radiante.

Abby leva seu pequeno harém para perto do som, onde as pessoas estão bebendo e se esfregando ao som de Kanye West. Mas ela entra em seu próprio universo quando começa a dançar, então Nick e Martin acabam dançando, meio sem jeito, tentando não olhar um para o outro.

— Ai, meu Deus — diz Leah. — Está acontecendo. Estamos testemunhando algo mais sofrível do que o Bar Mitzvah do Nick.

— Missão constrangimento cumprida.

— Deveríamos estar filmando isso?

— Vamos apenas apreciar o momento. — Passo o braço ao redor dos ombros dela, puxando-a para perto.

Às vezes abraços deixam Leah desconfortável, mas hoje ela enterra o rosto no meu ombro e murmura algo na minha roupa.

— O quê? — pergunto, cutucando-a.

Mas ela só balança a cabeça e suspira.

*

Leah nos deixa na casa de Nick à meia-noite, e, de lá, é uma caminhada de sete minutos até minha casa. Todas as residências em nosso percurso estão apagadas, mas o bairro ainda está sob uma luz laranja. Tem algumas abóboras esmagadas aqui e ali e papel higiênico pendurado nos galhos. Shady Creek pode ser um

subúrbio de conto de fadas na maior parte do tempo, mas, quando os doces acabam, a escuridão toma conta. Pelo menos no meu bairro.

Está frio e estranhamente silencioso. Se Abby não estivesse comigo, eu teria que quebrar o silêncio com música. Parece que somos os últimos sobreviventes de um apocalipse zumbi. Uma Mulher-Maravilha e um dementador gay. Não é um bom presságio para a sobrevivência da espécie.

Viramos no fim da rua de Nick. Eu poderia continuar o caminho de olhos fechados.

— Tudo bem, tenho uma coisa para perguntar — diz Abby.

— Ah, é?

— Martin conversou comigo quando você estava no banheiro.

Sinto algo dentro de mim congelar.

— Aham — digo.

— É, e isso é… Pode ser que eu tenha entendido errado, mas ele começou a falar do baile e tocou no assunto umas três vezes.

— Ele convidou você?

— Não. Assim, acho que talvez ele estivesse tentando, sabe?

O idiota do Martin Addison. Tudo menos sutil.

Mas, nossa, estou tão aliviado por ele não ter contado nada para ela.

— Imagino que ele não tenha chegado a lugar nenhum com isso.

Abby morde o lábio e sorri.

— Ele é um cara legal.

— É, sim.

— Mas é que já vou com o Ty Allen. Ele me convidou duas semanas atrás.

— É mesmo? E como eu não sabia disso?

— Me desculpe. Eu devia ter anunciado no Tumblr? — Ela sorri. — De qualquer modo, pensei que você talvez pudesse mencionar isso para o Martin. Você é amigo dele, não é? É que prefiro não ter que lidar com um possível convite dele, se puder evitar.

— Vou ver o que posso fazer.

— E você? Ainda vai boicotar o baile? — pergunta Abby.

— Claro.

Leah, Nick e eu achamos o baile terrivelmente brega e nunca vamos.

— Você podia convidar Leah — diz Abby.

Ela olha para mim de lado, com uma expressão estranha e desconfiada.

Sinto uma tempestade de gargalhadas nascendo.

— Você acha que eu gosto da Leah.

— Não sei — diz ela, sorrindo e dando de ombros. — Vocês estavam tão fofos juntos hoje.

— Eu e Leah?

Mas eu sou gay. Gay. Gaaaaaaayyyyyy. Meu Deus, eu devia contar logo para Abby. Consigo visualizar a reação dela. Olhos arregalados. Queixo caído.

É, talvez não esta noite.

— Ei — digo, sem encará-la. — Você acha que algum dia ficaria a fim do Martin?

— Martin Addison? Por que você está perguntando?

— Nada. Sei lá. Ele é ok. — Minha voz sai esganiçada. Parece a do Voldemort. Não acredito que estou fazendo isso.

— Ah, é fofo vocês serem amigos.

Não faço ideia do que responder.

Minha mãe está nos esperando na cozinha quando chegamos, e já começo a me preparar. O problema da minha mãe é que ela é psicóloga infantil. E dá para perceber.

— Me contem sobre a festa, pessoal!

Lá vamos nós. *Foi incrível, mãe. O melhor foi o tanto de bebida que tinha na casa do Garrett.* Sério, não dá.

Abby é melhor nisso do que eu. Ela inicia uma descrição muito detalhada das fantasias de todo mundo enquanto minha mãe pega um prato enorme de petiscos na bancada. Normalmente às dez horas meus pais já estão dormindo, e minha mãe está visivelmente exausta. Mas eu sabia que ela estaria acordada quando chegássemos. Ela trocaria qualquer coisa por essas oportunidades de ser o tipo de mãe *ei, pessoal, eu sou muito legal*.

— E Nick tocou violão — conta Abby.

— Nick é tão talentoso — comenta minha mãe.

— É mesmo — responde Abby. — As garotas estavam babando por ele.

— É por isso que vivo falando para o Simon aprender a tocar violão. A irmã dele tocava.

— Eu vou dormir — digo. — Abby, precisa de alguma coisa?

Minha mãe coloca Abby para dormir no quarto de Alice, o que é hilário, considerando que Nick passa noites e mais noites no chão do meu quarto há uns dez anos.

Só consigo relaxar quando chego ao quarto. Bieber já está dormindo ao pé da minha cama, em um ninho de calças jeans e moletons. Minha roupa de dementador acaba em uma pilha no chão. Eu cheguei a mirar no cesto. Mas sou comicamente desajeitado.

Deito na cama sem entrar debaixo das cobertas. Odeio bagunçar o lençol sem necessidade. Sei que é estranho, mas faço a cama todos os dias, embora o resto do quarto seja um elo perdido de papéis e roupas sujas e livros e amontoados de coisas. Às vezes, sinto como se minha cama fosse um bote salva-vidas.

Coloco os fones de ouvido. Nora e eu dividimos uma parede, então depois que ela vai dormir, eu não escuto mais nada por causa do fone.

Preciso de alguma coisa familiar. Elliott Smith.

Estou desperto e ainda meio elétrico por causa da festa. Acho que foi boa. Não tenho muito com o que comparar. É meio louco pensar que bebi. Sei que é totalmente ridículo me sentir assim só por ter tomado uma única cerveja. Garrett e todos os caras do futebol devem achar loucura parar na primeira. Mas eu não sou eles.

Acho que não vou contar para os meus pais. Tenho quase certeza de que eu não levaria uma bronca se contasse. Não sei. Preciso passar mais tempo na minha cabeça com esse novo Simon. Meus pais têm um talento nato para estragar coisas assim. Eles ficam muito curiosos. Parece que têm uma ideia de mim, e sempre que eu me afasto dessa ideia, eles ficam perdidos. É tão constrangedor que não consigo nem descrever.

Contar para os meus pais foi a parte mais esquisita e horrível de ter uma namorada. Todas as três vezes. Foi pior do que qualquer um dos rompimentos. Nunca vou esquecer o dia em que contei para eles sobre minha namorada do oitavo ano, Rachel Thomas. Meu Deus. Primeiro, eles quiseram ver a foto dela no anuário. Meu pai levou o anuário para a cozinha, onde a iluminação é melhor, e ficou em silêncio absoluto por um minuto inteiro. Em seguida, disse: “Que sobrancelhas, hein?”

Eu não tinha reparado, mas depois disso era a única coisa em que eu conseguia pensar.

Minha mãe ficou obcecada com a ideia de eu ter uma namorada, já que nunca tinha namorado antes. Não sei por que foi uma surpresa tão grande para ela; tenho certeza de que a maioria das pessoas nunca tinha namorado antes de começar a namorar. Ela queria saber como nos conhecemos, o que eu sentia por ela e se precisávamos que ela nos levasse a algum lugar. Ela ficou bizarramente interessada em tudo. E o fato de minhas irmãs nunca terem namorado ou mencionado algum garoto não ajudou nem um pouco, porque parecia que tinha um holofote sobre mim.

Sinceramente, o mais estranho foi como eles fizeram parecer que eu estava saindo do armário. E isso não pode ser normal. Até onde sei, sair do armário não é uma preocupação comum na vida dos garotos héteros.

É isso que as pessoas não entendem. Essa coisa de sair do armário. Não é nem por eu ser gay, porque lá no fundo sei que minha família levaria numa boa. Não somos religiosos. Meus pais são democratas. Meu pai gosta de fazer piadas, e seria constrangedor, sem dúvida, mas acho que tenho sorte. Sei que eles não vão me deserdar nem nada. E tenho certeza de que algumas pessoas da escola pegariam no meu pé, mas meus amigos não se importariam. Leah adora caras gays, então acho que ficaria empolgadíssima.

Mas estou cansado de sair do armário. Tudo que eu faço é sair do armário. Tento não mudar, mas estou sempre vivendo essas pequenas mudanças. Arrumo uma namorada. Tomo uma cerveja. E, todas as vezes, preciso me reapresentar para o universo.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: abobrinhas de Halloween Jacques,

Espero que seu Halloween tenha sido excelente e que sua simplicidade e ousadia tenham funcionado. As coisas foram bem calmas por aqui. Só apareceram umas seis crianças pedindo doces. É claro que isso me obriga, por contrato, a comer os Reese’s que sobraram.

Nem acredito que a semana de boas-vindas esteja chegando. Estou animado. Não se engane, o futebol americano ainda é o esporte que menos curto, mas gosto de ir ao jogo de abertura do ano letivo. Deve ser por causa das luzes e das batidas e do aroma no ar. O outono sempre tem cheiro de possibilidades. Ou talvez eu só goste de ficar de olho nas líderes de torcida. Você me conhece.

Você vai fazer alguma coisa interessante no fim de semana? A previsão é de tempo bum. Perdão, tempo bunda. ☺

Blue

<ENVIADO 1 NOV 11:12>

PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Reese’s é melhor que sexo Muito engraçado, Blue. MUITO ENGRAÇADO.

Enfim, que pena que você ficou preso em casa ontem para receber só seis crianças pedindo doces. Que desperdício. Ano que vem, você não pode só deixar a tigela na varanda com um bilhete mandando cada criança pegar dois? É verdade que as crianças do meu bairro encheriam as mãos dando gargalhadas satânicas e provavelmente ainda mijariam no bilhete. Mas pode ser que as do seu bairro sejam mais civilizadas.

Mas, falando sério, Reese’s sobrando? É isso mesmo? É possível enviar chocolate por e-mail atualmente? POR FAVOR, DIGA QUE SIM.

Meu Halloween não foi ruim. Não vou contar muito, mas fui à festa de um garoto. Não era muito a minha cara, mas foi interessante. É bom sair um pouco da zona de conforto às vezes. (Espera aí... acabei de arruinar minha chance de convencer você de que sou um fanfarrão, né?) Então, venho pensando nessa história de identidade secreta. Você já se sentiu preso dentro de si mesmo? Não sei se isso faz algum sentido. É que às vezes parece que todo mundo sabe quem eu sou, menos eu.

Ah, e ainda bem que você mencionou as boas-vindas, porque eu tinha esquecido completamente que a Semana do Espírito Esportivo já é agora. Segunda é Dia das Décadas, né? Acho que eu devia verificar na internet para não pagar um micão. Sinceramente, não consigo acreditar que marcam a Semana do Espírito Esportivo logo depois do Halloween. Creekwood queima todo o estoque de fantasias de uma vez. O que você acha que vai vestir amanhã? Sei que você não vai responder.

E claro que eu sabia que você ia na sexta só para olhar as líderes de torcida, porque você é um baita de um garanhão. Eu também, Blue. Eu também.

Jacques

<ENVIADO 1 NOV 17:30>

PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Reese’s é melhor do que sexo.

Reese’s é melhor que sexo? Eu admito que não sei, mas tenho que torcer para que você esteja errado. Talvez você devesse parar de fazer sexo heterossexual, Jacques. Só estou dizendo.

Pela sua descrição, as crianças do seu bairro parecem umas fofas. Urina não é muito usada por aqui, então acho que ano que vem vou seguir seu conselho. Se bem que provavelmente não será necessário, porque minha mãe quase nunca sai. Ela não é páreo para o seu ritmo fanfarrão, Jacques. ☺

Entendo perfeitamente o que você diz sobre se sentir preso dentro de si mesmo. No meu caso, nem penso que tenha a ver com as outras pessoas acharem que me conhecem. O caso é que eu quero me manifestar e falar e fazer certas coisas, mas sempre me contenho. Acho que grande parte de mim sente medo. Só de pensar, já fico nauseado. Eu já contei que fico nauseado com qualquer coisa?

É claro que é exatamente por esse motivo que não quero dizer nada sobre a Semana do Espírito Esportivo e as fantasias. Não quero que você some dois mais dois e descubra quem eu sou. Seja lá o que for que estivermos fazendo aqui, acho que não vai dar certo se soubermos a verdadeira identidade um do outro. Tenho que admitir que fico nervoso só de pensar em você como alguém realmente ligado à minha vida, em vez de uma pessoa anônima da internet. Obviamente, algumas coisas que contei sobre mim são coisas sobre as quais nunca falei com ninguém. Não sei, Jacques, tem alguma coisa em você que dá vontade de me abrir, e isso é um pouco apavorante para mim.

Espero que não seja constrangedor demais. Sei que você estava brincando quando perguntou que fantasia eu usaria, mas eu queria deixar isso claro aqui, para o caso de não ser totalmente brincadeira. Confesso que também fico curioso sobre você às vezes.

Blue

P.S.: Segue anexo um Reese’s. Era isso o que você tinha em mente? Espero que sim.

<ENVIADO 2 NOV 13:43>

PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Reese’s é melhor que sexo.

Blue,

Acho que deixei você constrangido, mil desculpas. Sou uma pessoa muito curiosa. Sempre foi um problema. Desculpa mesmo. Sei que pareço um disco arranhado. Não sei se mencionei com todas as letras, mas nossos e-mails são muito importantes para mim. Eu jamais me perdoaria se cagasse tudo. Se ferrasse tudo. Me desculpa, nem sei se você se incomoda com gírias *etc.*

Posso ter passado a ideia errada pelo assunto do e-mail. Tenho que admitir que TECNICAMENTE não sei se Reese’s é melhor do que sexo. É que Reese’s é bom pra caramba, não me entenda mal. E deve ser melhor do que sexo hétero, ou melhor, cópula (segundo minha mãe).

Mas o sexo não hétero? Imagino que seja um pouco melhor do que Reese’s. É estranho eu não conseguir falar sobre isso sem ficar vermelho?

Falando em Reese’s, muito obrigado pela foto. Era exatamente o que eu tinha em mente. Em vez de comer um de verdade, eu só queria IMAGINAR o sabor salgadinho e docinho e como seria incrível comer um. É ótimo, porque eu queria muito me torturar, mas estava com preguiça de pesquisar sobre o Reese’s no Google.

Eu até pensei em dar uma olhada no que sobrou de chocolate aqui em casa, mas não chegou nem perto de sobreviver ao fim de semana.

Jacques

Curtindo mais que a mãe de Blue desde 2014

<ENVIADO 3 NOV 18:37>



QUARTA-FEIRA É DIA de Troca-Troca na escola, o que basicamente se resume a galera hétero fazendo *crossdresser*. Não é meu dia favorito.

Estamos assistindo a *Noite de Reis* no primeiro tempo, porque todo professor de literatura é também um comediante. A sala de aula do sr. Wise tem um sofá caindo aos pedaços e que fede a cerveja, e tenho certeza de que tem gente que entra na sala escondido para fazer sexo e esfregar seus fluidos nele. É esse tipo de sofá. O verdadeiro mistério é que todos nós lutamos até a morte para nos sentarmos nele a cada aula, porque tudo fica um milhão de vezes mais suportável quando você não está em uma carteira.

Hoje, o sofá foi ocupado por garotos do futebol com uniformes de líderes de torcida de Creekwood. Especificamente, Nick, Garrett e Bram. É o que os atletas costumam fazer no Troca-Troca. Só temos umas vinte líderes de torcida, então não faço ideia de como elas suprem a demanda dos garotos. Talvez cada uma tenha dez uniformes. Vai saber no que a escola gasta dinheiro...

Mas tenho que admitir que tem algo de incrível em panturrilhas de jogadores de futebol e tênis surrados aparecendo por baixo de saias pregueadas de líderes de torcida. Não consigo acreditar que Bram Greenfeld tenha se fantasiado. Bram, que senta na mesma mesa que eu no almoço. Ele é o garoto negro caladão que em teoria é muito inteligente, mas nunca o ouvi falando, só quando é obrigado. Ele está encostado no canto do sofá, empurrando um dedão do pé contra o outro, e eu nunca tinha reparado, mas ele até que é meio fofo.

O sr. Wise já colocou o filme quando Abby entra correndo na sala. Somando a torcida, a peça e todos os comitês de que participa, ela sempre tem um motivo para chegar atrasada no primeiro tempo, sem nunca levar bronca. Leah sempre

se irrita com isso, principalmente porque as pessoas do sofá sempre parecem dispostas a abrir espaço para Abby sentar.

Ela dá uma olhada nas pessoas do sofá e cai na gargalhada. E Nick parece tão ridiculamente satisfeito. A expressão no rosto dele é a mesma do dia em que ele encontrou um osso de dinossauro enterrado no parquinho do fundamental.

No fim das contas era um osso de galinha, mas ainda assim.

— Que porcaria é essa? — pergunta Abby ao sentar atrás de mim. Ela está de terno e gravata e com uma barba comprida estilo Dumbledore. — Vocês não se fantasiaram!

— Estou com grampos no cabelo — observo.

— Ah, sei. Não dá nem pra ver. — Ela se vira para Leah. — E você está de vestido?

Leah olha para ela e dá de ombros, sem se explicar. Usar uma roupa extremamente feminina no Troca-Troca é o tipo de coisa que Leah faz. É o jeito dela de ser subversiva.

A questão é a seguinte: eu teria deixado as porcarias dos grampos de cabelo na gaveta de Alice, onde os encontrei, se achasse que fosse passar despercebido. Mas todo mundo sabe que eu participo desse tipo de besteira. De forma irônica, é claro, mas participo. Seria estranhamente suspeito se eu não usasse nada do sexo oposto hoje. E o engraçado é que são os caras mais héteros, mais caretas e mais atléticos que acabam caprichando na caracterização. Acho que eles se sentem tão seguros quanto à masculinidade que nem ligam.

E eu odeio quando as pessoas dizem isso. Eu também me sinto seguro quanto à minha masculinidade. Sentir-se seguro quanto à masculinidade não é a mesma coisa que ser hétero.

Acho estranho me vestir de menina. O que ninguém sabe, nem Blue, é que me vestir de mulher tem todo um significado para mim. Não sei como explicar nem aceitar isso, mas não esqueço a sensação da seda e do frescor nas pernas. Eu sempre soube que era garoto e nunca quis ser outra coisa, mas, quando era mais novo, eu acordava à noite em abril já sonhando com o Halloween. Experimentava minha fantasia umas dez vezes em outubro e, durante todo o mês

de novembro, sonhava obsessivamente em tirá-la do armário mais uma vez. Só que nunca ultrapassei esse limite.

Não sei. Eu me lembro tão claramente desses sentimentos, e a intensidade deles me causa certa vergonha. Talvez seja por isso que não consigo aguentar a ideia de me vestir de mulher agora. Não gosto nem de pensar muito no assunto. Muitas vezes, não consigo acreditar que aquele era eu.

A porta da sala se abre, e ali está Martin Addison, emoldurado pela luz intensa do corredor. Ele conseguiu arrumar um uniforme de líder de torcida e até se deu ao trabalho de colocar seios bizarramente realistas. Martin é muito alto, então a quantidade de pele à mostra chega a ser bem obscena.

Alguém na fileira de trás assobia.

— Ficou gostosa, hein, Adderall.

— Está atrasado, sr. Addison. Vá à diretoria pegar uma autorização para assistir à aula — ordena o sr. Wise.

E talvez sejam apenas as palavras de Leah me contaminando, mas não consigo deixar de achar injusto Abby não receber a mesma punição.

Martin estica o braço até o batente da porta como se estivesse pendurado em uma barra, e a parte de cima do uniforme sobe ainda mais. Algumas garotas dão risadinhas, e Martin sorri e fica vermelho. Juro por Deus, aquele garoto faz qualquer coisa por uma gargalhada barata. Mas acho que isso faz dele uma pessoa meio genial, porque nunca conheci um nerd tão amado pelos populares. Não vou mentir: eles adoram sacanear o cara. Mas ninguém o maltrata. É como se ele fosse a mascote da galera.

— Quando você quiser, sr. Addison — diz o sr. Wise.

Ele puxa a blusa para baixo, ajeita os peitos e sai da sala.

*

Na sexta-feira, o corredor em que ficam as salas de matemática e biologia está coberto de feno. Deve ter uma camada de uns oito centímetros. Alguns fios se projetam da abertura de ventilação no meu armário e parece subir terra do chão.

Até a luz está diferente.

O tema do evento é música, e, de todos os gêneros no mundo, o segundo ano foi escolher logo o country. Só na Georgia mesmo. E é por isso que estou de bandana e chapéu de caubói. Por causa do maldito espírito escolar.

Tudo bem. É verdade que os eventos de boas-vindas são um saco e a música country é constrangedora, mas estou apaixonado pelo feno. Apesar de isso significar que Anna e Taylor Metternich e todos os outros asmáticos vão ter que faltar às aulas de biologia e matemática hoje. Mas o feno muda tudo. O corredor parece outro universo.

Na hora do almoço, eu quase tenho um treco. O pessoal do primeiro ano. Eles são ridículos e fofos, e, ai, meu Deus. Não consigo parar de rir. O gênero musical deles é o emo, e o refeitório virou basicamente um mar de franjas, pulseiras e lágrimas. Ontem à noite, implorei para Nora colocar peruca preta e passar lápis no olho e, por favor, pelo menos uma blusa do My Chemical Romance. Nora olhou para mim como se eu tivesse sugerido que ela fosse pelada.

Avisto minha irmã do outro lado do refeitório. Seu cabelo louro cacheado é o oposto de emo, mas parece que ela aderiu ao lápis de olho estilo guaxinim. Provavelmente porque todo mundo está usando também. Ela é uma ótima camaleoa.

Difícil acreditar que essa é a mesma pessoa que uma vez insistiu em se fantasiar de lata de lixo.

Martin está na mesa bem em frente à nossa, usando um macacão jeans. Quem tem um macacão jeans? Ele tenta fazer contato visual comigo, mas eu desvio o olhar na mesma hora. Evitar Martin, a essa altura, virou uma reação involuntária.

Eu me sento perto de Leah e Garret, que estão discutindo, agora em cima de mim.

— Quem é esse? — pergunta Leah.

— É sério que você nunca ouviu falar de Jason Aldean? — retruca Garrett.

— Não mesmo.

Garrett dá um tapa na mesa. Eu o imito, e ele dá um sorriso envergonhado para mim.

— Oi — diz Nick, sentando-se à minha frente e abrindo um saco de papel com seu almoço. — Andei pensando. Acho que devíamos ir ao jogo hoje.

— Você só pode estar de brincadeira — comenta Leah.

Nick olha para ela.

— E a WaHo? — insiste ela.

Sempre vamos à Waffle House durante os jogos de futebol americano.

— O que é que tem? — pergunta Nick.

A cabeça de Leah está levemente abaixada e os olhos estão um tanto assustadores; os lábios, repuxados em uma linha reta. Todo mundo fica em silêncio por um momento.

E talvez eu esteja sendo um pouco inconveniente, mas acho que não é exatamente em Leah que estou pensando quando digo: — Eu topo ir ao jogo.

Porque sei que Blue vai estar lá. Gosto da ideia de estar na mesma arquibancada que ele.

— É sério isso? — pergunta Leah. Sinto o olhar dela em mim, mas faço questão de ficar virado para a frente e não fazer contato visual. — Até tu, Brutus?

— Santa reação exagerada, Batman — começa Nick.

— Cala a boca — interrompe Leah.

Garrett dá uma gargalhada nervosa.

— Eu perdi alguma coisa? — Abby chega e nos encontra imersos em um silêncio denso e estranho. Ela se senta ao lado de Nick. — Está tudo bem?

— Sim, tudo bem.

Nick olha para ela e fica com as bochechas meio coradas.

— Tudo bem — diz ela, e sorri. Abby não está de chapéu de caubói. Está com uma pilha inteira de chapéus de caubói. — E aí, animados para o jogo de hoje?

Leah se levanta de repente, empurra a cadeira para trás e sai sem dizer uma palavra.

*

O jogo começa às sete, mas tem um desfile às seis. Vou até a casa de Nick depois da aula e vamos juntos de carro para a escola.

— Estamos mesmo na lista negra de Leah — digo, quando entramos na avenida que leva a Creekwood.

Já há carros estacionados dos dois lados da rua, o que indica que o estacionamento está cheio. Parece que muita gente gosta de futebol americano.

— Ela vai superar — diz ele. — Aquilo é uma vaga?

— Não, tem um hidrante.

— Merda. Tudo bem. Caramba, está lotado.

Acho que é a primeira vez que Nick vai a um jogo. Com certeza é o meu caso. Demoramos mais dez minutos para encontrar uma vaga onde ele possa estacionar de frente, já que ele odeia entrar de ré. No fim das contas, temos que andar um milhão de quilômetros na chuva para chegar à escola, mas descubro que os chapéus de caubói têm alguma utilidade, afinal.

É a primeira vez que reparo nas luzes do estádio. Elas sempre estiveram ali, e já devo tê-las visto acesas antes. Só nunca percebi o quanto são incrivelmente intensas. Blue adora. Será que ele já está no meio da multidão? Pagamos dois dólares por cada ingresso e entramos. A banda toca um medley surpreendentemente incrível de músicas da Beyoncé enquanto faz uma dancinha meio desajeitada. E acho que entendo por que Blue adora isso tudo. A sensação realmente é de que qualquer coisa pode acontecer.

— Aí estão vocês! — diz Abby, correndo na nossa direção. Ela dá um abraço apertado em cada um de nós. — Acabei de mandar mensagem. Querem participar do desfile?

Nick e eu nos entreolhamos.

— Tudo bem — respondo.

Ele dá de ombros.

Seguimos Abby até o estacionamento dos professores, onde um grupo de alunos do grêmio estudantil está reunido ao redor do carro alegórico dos calouros. Foi construído sobre uma caçamba de trailer e tem uma moldura atrás. Tem um ar country mesmo. Fardos de feno forram toda a superfície do trailer,

em pilhas mais altas nos fundos, e tem bandanas vermelhas amarradas por toda a lateral. Tudo coberto de piscas-piscas. Uma música country-pop anasalada explode pelas caixas de som de algum iPod.

Abby comanda tudo, claro. Ela está no carro com algumas outras líderes de torcida, usando saia curta de brim e camisa de flanela amarrada com a barriga à mostra. Tem uns caras de macacão jeans, inclusive um sentado em um fardo de feno fingindo tocar violão. Dou um sorrisinho para Nick, porque nada o deixa mais irritado do que alguém fingindo tocar violão. Ainda mais alguém que nem se dá ao trabalho de mexer os dedos.

Uma garota chamada Maddie, do grêmio, nos enfileira atrás do carro, e alguém nos dá pedaços de palha para ficarmos mordendo.

— Vocês têm que cantarolar também — diz Maddie, com uma expressão séria. — Seremos avaliados pelo conjunto.

— E gaí, gara? — murmuro para Nick, que solta uma risada debochada. Não dá para fazer muita coisa com um fiapo de palha entre os dentes.

Maddie parece em pânico.

— Ai, meu Deus. Pessoal, mudança de planos. Nada de palha. Todos vocês, tirem a palha da boca. Está ótimo. Cantem alto. E lembrem-se de sorrir.

De repente, o carro se desloca pelo estacionamento e para próximo a uma monstruosidade do rock‘n’roll que os alunos do segundo ano montaram. Vamos logo atrás, seguindo a orientação de Maddie, que grita palavras de apoio e berra uns “uhul” aleatórios quando as coisas ficam silenciosas demais. O desfile sai do terreno da escola e contorna um quarteirão antes de retornar à pista em volta do campo. As luzes estão brilhando, as pessoas estão gritando, e não consigo acreditar que Nick e eu viemos parar no meio disso aqui. É tão cafona. Sinto que preciso fazer algum comentário para deixar claro como tudo isso é ridículo. Mas, sabe? Até que é bom não ter que ser tão crítico, pelo menos uma vez na vida.

Acho que sinto como se fizesse parte de alguma coisa.

Assim que o desfile termina, Abby e as outras líderes de torcida correm para o banheiro para vestir os uniformes, e Nick e eu damos uma olhada na arquibancada. Os rostos se misturam em um borrão, e é difícil reconhecer

alguém. Chega a ser sufocante.

— O time de futebol está ali — diz Nick, apontando para a esquerda, algumas fileiras abaixo do topo.

Eu o sigo pela escada de concreto, e acabamos tendo que nos espremer entre algumas pessoas para chegarmos a eles. Meu Deus. Quando você pensa que já vivenciou todo tipo de constrangimento que existe... Aí vem o desafio de encontrar um assento livre. Garrett se espreme ao lado de Bram para abrir espaço, mas ainda estou praticamente sentado no colo de Nick, e tenho certeza absoluta de que isso não vai dar certo. Eu me levanto na mesma hora, me sentindo incomodado e envergonhado.

— Tudo bem — digo. — Vou me sentar com o pessoal do grupo de teatro.

Vejo o cabelo platinado e superescovado de Taylor duas fileiras à frente, próximo à escada, e ao lado dela estão Emily Goff e mais algumas pessoas do grupo. Uma delas é Cal Price. Meu coração dispara na mesma hora. Eu sabia que Cal estaria aqui.

Desço a escada, sentindo todos os olhares do estádio em cima de mim, e me estico todo para cutucar o ombro de Cal por baixo do corrimão.

— E aí, Simon? — diz ele.

Gosto que ele me chame de Simon. Muita gente me chama de Spier. Eu não me importo, mas sei lá. Sinceramente, acho que Cal Price poderia me chamar de qualquer coisa.

— Oi. Posso me sentar com vocês?

— Claro. — Ele chega um pouco para o lado. — Tem bastante espaço.

Pronto. Não vou precisar sentar no colo dele. Fico até um pouco decepcionado.

Passo um minuto inteiro tentando pensar em alguma coisa para dizer. Meu cérebro parece embaçado.

— Acho que nunca vi você por aqui — comenta Cal, afastando a franja dos olhos.

Sério, eu não aguento. A franja de Cal. Os olhos de Cal. O fato de que ele aparentemente repara em mim o bastante para saber que não vou aos jogos de

futebol.

— É minha primeira vez — digo.

Porque sempre tenho que dizer a coisa mais virgem possível.

— Que legal. — E ele está tão calmo. Não está nem olhando para mim, porque consegue falar e assistir ao jogo ao mesmo tempo. — Gosto de vir sempre que posso. Pelo menos no jogo de boas-vindas.

Procuro pensar em uma forma de perguntar aquilo que não posso perguntar. Talvez, se eu mencionasse algo sobre o cheiro no ar, só para ver como ele reagiria... Mas se eu disser isso e Cal for mesmo Blue, ele saberia na hora que eu sou Jacques. E acho que não estou pronto para isso.

Mas estou absurdamente, ridiculamente, loucamente curioso.

— Ei.

De repente, uma pessoa se senta ao meu lado na arquibancada. É Martin. Eu deslizo para o lado automaticamente, para abrir espaço.

— Adderall — grunhe um cara atrás de nós, bagunçando o cabelo de Martin.

Martin sorri para ele e ajeita o cabelo, ou tenta, e aperta os lábios.

— Qual é a boa, Spier?

— Nenhuma — respondo, e meu coração despenca.

Ele se vira para mim, e está claramente a fim de conversar. Já era a interação com Cal. Já era o ar com cheiro de possibilidades.

— Então, aquele lance da Abby...

— O que é que tem?

— Eu a convidei para o baile — diz ele, superbaixo —, mas ela não aceitou.

— Ah, sei. Foi mal. Que saco.

— Você sabia que ela já tinha companhia?

— Hã, é, acho que sim. Foi mal — repito.

Eu deveria ter avisado Martin.

— Tem como me avisar da próxima vez, só para eu evitar o constrangimento?

Ele parece arrasado. E fico me sentindo estranhamente culpado. Apesar de ele estar me chantageando, eu me sinto culpado. Tem algo muito errado aí.

— Acho que eles não estão saindo nem nada — digo.

— Tanto faz.

Não sei se está desistindo de Abby ou o quê. Se ele desistir, o que acontece com meus e-mails? Talvez ele fique jogando esses e-mails na minha cara para sempre.

Não consigo pensar em nada pior.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: todas as anteriores Blue,

Primeiro de tudo, é claro que Oreo se qualifica como grupo alimentar. Segundo, é o ÚNICO grupo alimentar que importa. Alguns anos atrás, minhas irmãs e eu passamos uma noite na casa de nossa tia e inventamos um lugar chamado Oreolândia, onde tudo é feito de Oreo: o rio é de milk-shake de Oreo, e você pode sentar em Oreos gigantes e descer corredeira abaixo. Você pode encher copos com milk-shake sempre que quiser. É como aquela cena de *A fantástica fábrica de chocolate*, sabe? Só Deus sabe no que a gente estava pensando. Devíamos estar morrendo de fome. Minha tia é um desastre na cozinha.

De qualquer forma, eu perdoo sua ignorância. Provavelmente você não tinha percebido que estava falando com um especialista.

Jacques <ENVIADO 11 NOV 23:45> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: todas as anteriores Jacques, Tem razão, eu não fazia ideia de que estava falando com um conhecedor tão profundo de Oreo. Oreolândia parece um lugar mágico. Mas então, ó mestre, quantos derivados de Oreo são recomendados para uma dieta balanceada?

Estou com a impressão de que você é uma formiguinha.

Blue

<ENVIADO 12 NOV 17:37> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Uma formiguinha?

Não entendo por que você acha isso.

Tudo bem, tenho uma leve desconfiança de que você não está cem por cento comprometido com sua dieta de Oreo. As regras são bem simples. É fundamental seguir todas com afinco. O café da manhã, obviamente, é composto de uma barrinha de cereal Oreo ou de uma torrada Oreo. Não, isso não é nojento. Cala a boca. É uma delícia. O almoço tem que ser pizza de Oreo com milk-shake de Oreo e umas trufas de Oreo que minha mãe faz (também conhecidas como as coisas mais deliciosas do universo). O jantar é Oreo empanado com sorvete de Oreo, e a bebida é Oreo dissolvido em leite. Nada de água. Só leite de Oreo. A sobremesa pode ser Oreo puro. Parece razoável? É para o seu bem, Blue.

Juro por Deus, digitar isso está me deixando com fome. Isso acontecia muito comigo quando eu era mais novo. Não é engraçado o tanto que a gente fantasia com esse monte de comida porcaria quando é criança? Eu só pensava nisso. Acho que é preciso ser obcecado por alguma coisa antes de saber o que é sexo.

Dr. Jacques

<ENVIADO 13 NOV 19:55> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Meio formiguinha?

Jacques,

Agradeço sua preocupação com minha saúde. Vai ser difícil, mas sei que meu corpo vai me agradecer. Falando sério, não posso discutir com o fato de que Oreo é delicioso, e o cardápio que você descreveu parece incrível. Se bem que eu deixaria de fora o Oreo empanado. Cometi o erro de comer isso num parque de diversões logo antes de entrar na Xícara Maluca. Vou poupar você dos detalhes, mas digamos que pessoas que ficam nauseadas com facilidade não deviam andar na Xícara Maluca. Depois disso, nunca mais vi Oreo empanado do mesmo jeito! Desculpe por fazer essa revelação. Sei que Oreo é uma coisa muito importante para você.

Confesso que gosto de imaginar você criança fantasiando com comida porcaria. Também gosto de imaginar você agora, fantasiando sobre sexo. Não acredito que acabei de escrever isso. Não acredito que estou clicando em enviar.

Blue

<ENVIADO 14 NOV 22:57>



ELE GOSTA DE me imaginar fantasiando sobre sexo.

Definitivamente eu não deveria ter lido isso logo antes de ir para a cama. Estou deitado na escuridão total, lendo essa frase no celular repetidas vezes. Estou ansioso e elétrico e com o corpo todo tenso só por causa de um e-mail. E estou excitado. Isso é meio estranho.

E muito confuso. De um jeito bom. Blue normalmente é tão cuidadoso com o que escreve...

Ele gosta de me imaginar fantasiando sobre sexo!

Eu achava que só eu tinha esses pensamentos sobre nós dois.

Como seria encontrá-lo pessoalmente depois de todo esse tempo? Será que primeiro teríamos que conversar? Ou iríamos direto para a parte dos amassos? Já imaginei tudo. Ele no meu quarto, nós dois sozinhos. Ele senta ao meu lado na cama e se vira para me olhar com aqueles olhos azul-esverdeados. Os olhos de Cal Price. Aí, coloca as mãos no meu rosto e, de repente, está me beijando.

Levo as mãos ao rosto. Ou melhor: levo a mão esquerda ao rosto. A direita está ocupada.

Eu me perco de novo em pensamentos. Ele me beija, e é algo totalmente diferente do que tive com Rachel, Anna ou Carys. Não dá nem para comparar. Não está nem na mesma camada da atmosfera. Uma vibração elétrica irradia por todo o meu corpo; meu cérebro está embaçado e acho que consigo ouvir meu coração batendo.

Tenho que ser extremamente silencioso. Nora está do outro lado da parede.

A língua dele está na minha boca. As mãos sobem por debaixo de minha camisa, e ele passa os dedos em meu peito. Estou quase lá. Não consigo mais

segurar. *Ai, meu Deus.* Blue.

Meu corpo todo vira gelatina.

*

Na segunda, Leah vem falar comigo assim que chego à escola.

— Oi — diz ela. — Nora, vou roubá-lo de você.

— E aí? — pergunto.

A rampa que leva ao portão principal tem uma beirada de concreto. Algumas partes são tão baixas que parecem uma espécie de prateleira para a bunda.

Leah evita meu olhar.

— Fiz uma mixtape para você — diz ela, me entregando um CD em uma capa de plástico transparente. — Pode colocar no seu iPod quando chegar em casa. Como preferir.

Dou uma olhada no verso da capa. Em vez de colocar a lista das músicas, Leah montou o que parece ser um haicai.

Torto e grisalho
Desculpe dizer, Simon,
Você tá velho pra cacete.

— Leah, é tão lindo.

— É. Ok. — Ela se encosta na rampa e olha para mim. — Está tudo bem entre a gente?

Eu faço que sim.

— Você está falando sobre… — começo.

— Sobre vocês terem me largado no dia do jogo.

— Desculpe, Leah.

Os cantos dos lábios dela se erguem um pouco.

— Você tem tanta sorte por ser seu aniversário.

E então, ela tira um chapéu de festa da bolsa e coloca na minha cabeça.

— Desculpe se exagerei na reação — acrescenta.

*

No almoço, tem um bolo retangular enorme na mesa, e todo mundo está usando chapéu de festa. É a tradição. Só ganha bolo quem estiver com o chapéu. Garrett parece estar querendo dois pedaços, na verdade. Está com dois cones presos na cabeça, como se fossem chifres.

— Siiimon — diz Abby, só que ela canta meu nome com uma voz grave e rouca de ópera. — Estique as mãos e feche os olhos.

Sinto alguma coisa muito leve cair na palma da minha mão. Abro os olhos e vejo uma gravata-borboleta de papel colorida com lápis de cera dourado.

Pessoas das outras mesas olham para a gente, e sinto que estou sorrindo e ficando vermelho.

— Tenho que colocar?

— Hã, tem? — diz ela. — É claro que tem que colocar. É uma gravata-borboleta dourada para seu aniversário dourado.

— Meu o quê?

— Seu aniversário dourado. Dezessete anos no dia dezessete — explica Abby. Ela inclina o queixo para cima de forma dramática e estica uma das mãos. — Nicholas, a fita.

Nick está com três pedaços de fita adesiva nas pontas dos dedos, sabe-se lá há quanto tempo. Francamente. Ele parece o macaquinho adestrado dela.

Abby coloca a gravata em mim e cutuca minhas bochechas, que é uma coisa que ela faz com uma frequência bizarra, mas, aparentemente, minhas bochechas são fofas. Seja lá o que isso signifique.

— Então, quando você estiver pronto... — diz Leah.

Ela está segurando uma faca de plástico e uma pilha de pratos, e parece fazer questão de não olhar para Nick nem para Abby.

— Estou superpronto.

Leah corta quadradinhos perfeitos, e, sério, parece que ondas de uma substância magicamente deliciosa surgiram na minha boca. Adivinhe que mesa de nerds de repente virou a mais popular da escola.

— Sem chapéu, sem bolo.

Do outro lado da mesa, Morgan e Anna decretam a lei. Alguns garotos transformam folhas de papel em chapéus de festa, e um cara acaba enfiando o saco de papel pardo onde estava seu almoço na cabeça, feito um chef de cozinha. As pessoas perdem a dignidade quando o assunto é bolo. É uma coisa linda de se ver.

O bolo está tão perfeito que sei que foi Leah quem escolheu: metade chocolate, metade baunilha, porque nunca consigo escolher um sabor só, e com aquela cobertura estranhamente deliciosa que eles fazem no supermercado. E nada de cobertura vermelha. Leah sabe que eu acho o gosto vermelho demais.

Leah é mesmo incrível em aniversários.

Levo o que sobrou para o ensaio, e a sra. Albright nos deixa fazer um piquenique no palco. E, quando falo piquenique, estou me referindo aos alunos do grupo do teatro em cima da caixa como abutres, enfiando pedaços de bolo na boca.

— Aimeudeus, acho que ganhei uns três quilos — comenta Amy Everett.

— Ai, eu tenho sorte de ter um metabolismo tão acelerado — comenta Taylor.

Sério, essa é a Taylor. Até eu sei que pessoas podem ser mortas, com razão, por dizerem uma coisa dessas.

E por falar em vítimas de bolos: Martin Addison está estirado no palco com o rosto enfiado na caixa vazia.

A sra. Albright pula o corpo estendido no chão.

— Tudo bem, pessoal. Vamos lá. Peguem os lápis. Quero vocês fazendo anotações nos seus roteiros.

Não me importo de escrever. Essa cena acontece em uma taverna, e minhas anotações são basicamente para eu me lembrar de atuar como se estivesse bêbado. É uma pena que essas anotações não sejam avaliadas nas provas finais. Melhoraria a nota de muita gente.

Seguimos sem intervalos hoje, mas não participo de todas as cenas, então fico um tempo à toa. Há plataformas com degraus em ambas as laterais do palco, deixadas ali depois de um show do coral. Eu me sento quase na base e apoio os cotovelos nos joelhos. Às vezes esqueço como é legal ficar de fora olhando as coisas acontecerem.

Martin está à esquerda do palco, na fileira da frente, contando uma história para Abby com vários gestos exagerados. Ela está balançando a cabeça e rindo. Talvez Martin não tenha desistido, afinal.

De repente, Cal Price aparece na minha frente e bate em meu pé de leve com a ponta do tênis.

— Oi — diz ele. — Feliz aniversário.

Agora sim, um aniversário bem feliz.

Ele senta ao meu lado, a uns trinta centímetros de distância.

— Vai ter alguma comemoração mais tarde?

Ah.

Não quero mentir. Mas também não quero que ele saiba que meu plano se resume a ficar com minha família e ler mensagens de aniversário no Facebook. É segunda-feira, né? Ninguém faz nada legal numa segunda.

— Ah, acho que sim. Acho que vamos comer bolo de sorvete. De Oreo.

Eu tive que tocar no assunto Oreo.

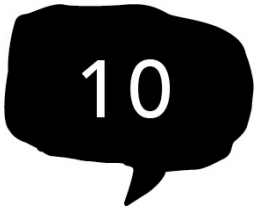
— Legal — diz ele. — Espero que você tenha guardado espaço.

Não houve reação notável ao Oreo. Mas acho que isso não quer necessariamente dizer nada.

— Tudo bem, então — diz Cal, se afastando. Eu não quero que ele se levante. Ele se levanta. — Divirta-se.

Mas ele coloca a mão no meu ombro por uma brevíssima fração de segundo. Eu quase não acredito que aconteceu.

Estou falando sério. Aniversários são incríveis mesmo.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Por quê? Por quê? Por quê?

Meu Deus, Blue, estou tão cansado que até meu rosto está doendo. Por acaso você já teve uma dessas noites aleatórias em que seu cérebro não desliga de jeito nenhum, apesar de parecer que seu corpo está pesando duzentos quilos de puro cansaço? Só vou mandar este e-mail para você e espero que saia bom, mas sei que vai ser algo completamente incoerente, então não me julgue, tá? Mesmo se eu escrever tudo errado. Você é o melhor escritor do mundo, Blue, e normalmente tento revisar tudo umas três vezes, porque não quero decepcionar você. Então desde já peço desculpas pela confusão de assento e acento e conserto e concerto e porque e por que e tudo o mais.

Hoje foi um dia muito legal. Estou tentando não pensar no zumbi que serei amanhã. É claro que tenho cinco testes nos próximos dois dias, inclusive um em *une autre langue* na qual sou *completement* horrível. *Le Merd*.

Não tinha um reality show em que as pessoas tinham encontros no escuro? A gente devia fazer isso. A gente devia encontrar um lugar totalmente escuro para se encontrar, e aí seria totalmente anônimo. Assim a gente não estragaria nada. O que você acha?

Jacques <ENVIADO 18 NOV 4:15> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: Por quê? Por quê? Por quê?

Jacques Zumbi,

Não sei o que dizer. Por um lado, lamento pelo dia de merda que muito provavelmente você vai ter hoje e espero que tenha conseguido dormir pelo menos uma hora ou duas. Por outro, você fica fofo quando está cansado. Aliás, você foi bastante coerente e gramaticalmente correto para alguém que estava acordado às quatro da manhã.

Boa sorte nos testes e bola pra frente. *Bonne chance*, Jacques. Estou torcendo por você.

Nunca ouvi falar desse programa. Acho que não sou um grande conhecedor de reality shows, na verdade. É uma ideia interessante, mas como faríamos para não reconhecer a voz um do outro?

Blue

<ENVIADO 18 NOV 7:15>

PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Por quê? Por quê? Por quê?

Estou com um pouco de medo de ler o que escrevi ontem à noite. Fico feliz de ter sido fofo e de ter escrito tudo direito. Também acho você um fofo que escreve bem. No fim das contas, nem sei o que foi aquilo. Acho que ingeri açúcar demais ontem. Desculpa desculpa desculpa.

É, meu quadro ainda é de morte cerebral. Nem quero pensar em como me saí nos testes.

Não conhece muitos reality shows? Quer dizer que seus pais não obrigam você a assistir? Os meus me obrigam. E aposto que você acha que estou exagerando.

Você tem razão quanto às vozes. Acho que teríamos que usar um tipo de sintetizador para distorcer o som, como o do Darth Vader. Ou poderíamos fazer outras coisas em vez de falar. Só uma ideia.

Seu Jacques Zumbi

<ENVIADO 18 NOV 19:32>



É O DIA seguinte ao de Ação de Graças e Alice está em casa. Estamos na varanda dos fundos depois de jantar. Não está muito frio, e estamos de pijama comendo restos de bolo de sorvete e jogando Adedanha.

— Tudo bem. Duplas e trios famosos?

— Abbott e Costello — diz minha mãe.

Nora e eu dizemos ao mesmo tempo:

— Adão e Eva.

É meio surpreendente, considerando que provavelmente somos a única família do Sul que não tem uma Bíblia.

— As potências do Eixo — diz meu pai, e dá para ver que ele sente muito orgulho de sua resposta.

— Alice e os Esquilos — acrescenta Alice, casualmente, e nós todos caímos na gargalhada.

Sei lá. Nós curtimos *Alvin e os Esquilos*. Imitamos as vozes com perfeição e até chegamos a fazer uma coreografia para a música principal. Por anos a fio, realizamos apresentações em frente à lareira. Que pais sortudos os nossos. Mas foram eles que nos batizaram de Alice, Simon e Eleanor, sem dúvida estavam pedindo por isso.

Alice faz carinho nas costas de Bieber com o pé. Está usando meias diferentes uma da outra, e é quase impossível acreditar que é a primeira vez que ela volta para casa em três meses. Acho que até então eu não tinha percebido quanto a vida tem sido estranha sem ela.

Nora deve estar pensando a mesma coisa, porque diz:

— Não acredito que você já vai embora daqui a dois dias.

Alice aperta os lábios, mas não diz nada. O ar parece mais frio de repente, e enfio as mãos nas mangas da blusa. Mas então meu telefone vibra.

Mensagem de texto do Martírio Abominável: *e aí, vai rolar alguma coisa nesse fim de semana*

Um instante depois chega outra: *com Abby, quero dizer*

Parece que Martin não poderia se importar menos com qualquer pontuação, o que não é lá muito surpreendente.

Respondo: *Desculpa, programa de família. Minha irmã veio nos visitar.*

A resposta instantânea: *tranquilo spier, meu irmão também está de visita. Ele mandou oi ;)*

Não sei se isso era para ser uma piada, uma ameaça ou o quê, mas odeio esse cara. Odeio muito Martin nesse momento.

— Ah — diz Alice, encolhendo as pernas na cadeira. Nossos pais foram dormir, e está ficando frio na varanda. — Não sei se alguém ainda está com fome, mas tenho uma caixa de cookies quase cheia na bolsa. Só digo isso.

Deus abençoe Alice.

Deus abençoe esses cookies!

Vou passar uma noite incrível com minhas irmãs, e vou encher a cara de cookies e esquecer aquele Martírio Abominável e sua carinha piscante do mal. Levamos os biscoitos para o sofá da sala. Bieber está apagado, com a barriga no colo de Alice.

— Alguém quer um Nick Eisner? — pergunta Nora.

— Está falando sério? Claro! Vá pegar a manteiga de amendoim — diz Alice, com um tom autoritário.

Nick Eisner é como chamamos um cookie coberto por uma colherada de manteiga de amendoim, e foi inventado quando tínhamos cinco anos. Nick achava que era isso que as pessoas queriam dizer quando falavam em biscoitos de manteiga de amendoim. Eu admito que é uma delícia. Mas, na minha família, esse é o tipo de engano que ninguém deixa passar.

— E como está o pequeno Nick Eisner?

— A mesma coisa. Ainda grudado no violão.

Ele ficaria bem chateado se soubesse que Alice ainda o chama assim. Nick é apaixonadinho por Alice desde o fundamental.

— Eu estava prestes a perguntar. Que fofo.

— Vou dizer que você falou isso.

— Hã, não faça isso. — Alice afunda a cabeça na almofada do sofá e esfrega os olhos por trás dos óculos. — Desculpe. — Ela boceja. — Acordei muito cedo. E tive que adiantar algumas coisas antes de viajar.

— Período de provas? — pergunta Nora.

— É — diz Alice.

E é tão óbvio que tem mais alguma coisa, mas ela não diz mais nada.

Bieber dá um bocejo alto e repentino e rola para o lado, e suas orelhas viram para cima. Em seguida, os lábios tremem. Ele é esquisito assim mesmo.

— Nick Eisner — repete Alice. E sorri. — Lembra do Bar Mitzvah dele?

Nora ri.

— Ai, meu Deus — digo.

É a hora certa para esconder meu rosto em uma almofada.

— *Boom boom boom.*

Não, espera. É a ocasião perfeita para dar uma travesseirada em Alice.

Ela bloqueia o golpe com o pé.

— Sério, Simon. Podemos abrir espaço na sala agora mesmo, se você quiser.

— Simon Spier, dançarino de break — diz Nora.

— Claro. Ok.

O erro de Nick foi convidar minha família inteira para o Bar Mitzvah dele. O meu foi tentar dançar ao som de “Boom Boom Pow” na frente deles. Não existe ideia boa quando se está no sétimo ano.

— Você gostaria de voltar no tempo e fazer tudo diferente? — pergunta Alice. — Tipo: ei, Alice do fundamental, para! Para tudo o que você estiver fazendo.

— AimeuDeus! — Nora balança a cabeça. — Não gosto nem de lembrar do fundamental.

Sério?

Vejamos. Alice já passou um mês usando uma luva de seda até o cotovelo. E

tenho certeza de que comi cinco casquinhas sabor cookie na Ren Faire do sexto ano e depois vomitei num molde de cera da minha própria mão. (Valeu a pena.) Mas Nora? Não sei nem do que ela deveria ter vergonha. Não parece genética nem evolutivamente possível, mas ela era meio descolada no fundamental. Descolada sem chamar muita atenção. Descolada a ponto de ser autodidata em violão, usar roupas normais e não ter um Tumblr chamado “OBCECADO por Passion Pit”.

Mas parece que até ela é assombrada pelo fantasma do fundamental.

— É, eu queria que alguém tivesse dito ao Simon do fundamental para, por favor, tentar ser maneiro. Só tentar.

— Você é sempre maneiro, Bub — comenta Alice, se esticando por cima de Bieber para dar um puxão na ponta do meu pé.

Eu sou Bub, e Nora é Boop. Mas só para Alice.

— E seus passos de dança são demais! — acrescenta ela.

— Para com isso — digo.

Tudo fica um pouco mais perfeito quando ela está em casa.

*

Até que Alice vai embora e as aulas recomeçam com toda a chatice de sempre. Quando chego na aula de literatura, o sr. Wise dá um sorriso perverso que só pode indicar que ele está terminando a correção de nossos ensaios sobre Thoreau.

Acerto na mosca. Ele começou a distribuí-lo aos alunos, e vejo que a maioria está coberta de tinta vermelha. Leah mal olha para o dela, dobra, rasga a parte de baixo e faz um grou de origami. Ela parece mais mal-humorada do que o normal hoje. Tenho cem por cento de certeza de que é porque Abby chegou atrasada e se sentou entre ela e Nick no sofá.

O sr. Wise mexe nas pilhas de papéis e lambe um pouco o dedo antes de pegar o meu. Alguns professores são muito nojentos mesmo. Ele deve esfregar os dedos nos globos oculares também. Consigo imaginar direitinho.

Quando vejo a nota perfeita circulada no alto do teste, fico um pouco impressionado. Não que eu seja ruim em literatura, e eu realmente gostei de *Walden ou A vida nos bosques*. Mas acho que só dormi umas duas horas na noite anterior ao teste. Não é possível.

Ah, espere aí. Eu tinha razão. Não é possível porque este não é o meu teste. Você podia lembrar pelo menos meu nome, sr. Wise.

— Ei — digo. Eu me inclino sobre a carteira para bater no ombro de Bram. Ele se vira de lado para me olhar. — Parece que este aqui é o seu.

— Ah. Obrigado — diz ele, esticando a mão para apanhar o teste.

Ele tem dedos compridos e ossudos. Mãos bonitas. Bram olha para o papel, olha para mim e fica um pouco vermelho. Percebo que se sente mal por eu ter visto a nota dele.

— Tudo bem. Eu ficaria com essa nota se pudesse.

Ele sorri de leve e se vira para a carteira dele. Nunca dá para saber o que Bram está pensando. Mas tenho uma teoria de que ele é muito engraçado dentro da própria cabeça. Não sei por que acho isso.

Mas, sério, sejam lá quais forem as piadas internas que ele tem consigo mesmo, eu gostaria de ouvi-las também.

*

Quando vou para o ensaio naquela tarde, Abby está sentada na fileira da frente do auditório com os olhos fechados e os lábios em movimento. O roteiro está aberto no colo dela, e ela está tapando algumas falas com a mão.

— Oi — digo.

Ela abre os olhos de repente.

— Há quanto tempo você está aí?

— Cheguei agora. Está ensaiando suas falas?

— Estou.

Ela vira o roteiro de cabeça para baixo e usa a perna para marcar a fala em que estava. Tem alguma coisa estranha em seu tom de voz.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Ela assente. E finalmente acrescenta, olhando para mim: — Um pouco estressada. Você sabia que temos que estar com todas as falas na ponta da língua até o final das férias?

— Até o final das férias de Natal.

— Eu sei.

— Falta mais de um mês. Vai ficar tudo bem.

— É fácil para você, que não tem falas.

Ela olha para mim com as sobrancelhas arqueadas e a boca num formato perfeitamente redondo, e não consigo evitar uma gargalhada.

— Nossa, que vaca eu fui – diz ela. —Não acredito que falei isso.

— Muito vaca. Você é uma vaca sonsa.

— Do que você a chamou? — pergunta Martin.

Juro por Deus, esse garoto aparece do nada e se mete em todas as conversas.

— Está tudo bem, Marty. Só estamos brincando — explica Abby.

— Bem, ele chamou você de vaca. Eu não acho isso legal.

Ai, meu Deus, é sério? Ele vai mesmo chegar agora, perder a piada e querer me dar sermão por causa da droga do meu vocabulário? Que ótimo, Martin. Por que você não aproveita e me dá um soco para fazer bonito na frente da Abby? Fora que Martin Addison vir dar lição de moral quando está me chantageando… é um absurdo em todos os níveis.

— Martin, é sério. Estávamos brincando. Na verdade, eu me chamei de vaca.

Ela ri, mas a gargalhada é tensa. Eu olho para os meus sapatos.

— Se você diz.

O rosto de Martin está rosa-shocking, e ele está mexendo no cotovelo. Falando sério: se ele quer tanto impressionar Abby, devia parar de ser tão esquisito e irritante o tempo todo. Talvez ele devesse parar de ficar puxando a pele do cotovelo. Porque isso é muito nojento. Nem sei se ele percebe o que está fazendo.

A pior parte é que tenho certeza de que Alice me mataria se soubesse que chamei Abby de vaca. Minha irmã é bem rigorosa quanto ao uso adequado da

palavra “vaca”.

Adequado: “A vaca teve vários bezerrinhos fofos.”

Inadequado: “Abby é uma vaca.”

Mesmo que eu diga que ela é uma vaca sonsa. Mesmo que eu esteja brincando. Pode até ser a lógica maluca da Alice, mas às vezes eu me sinto um pouco mal e desconfortável em relação a isso.

Peço desculpas, gaguejando, e meu rosto fica vermelho. Martin continua parado na nossa frente. Preciso sair dali o quanto antes. Vou até o palco.

A sra. Albright está sentada ao lado de Taylor em uma das plataformas, apontando para alguma coisa no roteiro. No palco, a garota que faz Nancy está montada nas costas do cara que faz Bill Sikes. Na coxia esquerda, uma aluna do primeiro ano chamada Laura está sentada em uma pilha de cadeiras, chorando na manga da blusa, e parece que Mila Odom a está consolando.

— Você nem sabe se é verdade — diz Mila. — Falando sério, olha para mim. Olha para mim.

Laura olha para ela.

— É a droga do Tumblr, tá? Metade daquela merda é inventada.

A voz de Laura está entrecortada e chorosa.

— Mas… tem… um… fundo… de… verdade… em… toda…

— Isso aí é baboseira — insiste Mila. — Você tem que falar com ele.

De repente, ela me vê ali ouvindo tudo e me olha de cara feia.

É o seguinte: o nome Simon quer dizer “aquele que ouve” e Spier quer dizer “aquele que observa”. O que significa que estou destinado a ser fofoqueiro.

Cal e duas garotas do último ano estão sentados em frente ao camarim com as costas na parede e as pernas esticadas. Ele olha para mim e sorri. Cal tem um sorriso bonito e tranquilo. É um cara fotogênico. Ainda estou meio mal por toda aquela conversa com Abby e Martin, mas acho que estou começando a me sentir melhor.

— Oi — cumprimento.

As garotas meio que sorriem para mim. Sasha e Brianna fazem os garotos de Fagin, assim como eu. É engraçado. Sou literalmente o único garoto de Fagin

interpretado por um garoto. Acho que é porque elas são menores e parecem mais novas, sei lá. Não sei mesmo. Mas de certa forma é incrível, porque nessas cenas eu fico sendo a pessoa mais alta no palco. O que não acontece com muita frequência, verdade seja dita.

— E aí, Simon? — diz Cal.

— Ah. Nada de novo. Ei, a gente tinha que estar fazendo alguma coisa agora?

E, assim que acabo de falar, começo a ficar vermelho, porque pelo meu tom parece que estou fazendo uma proposta a ele. *Oi, Cal. A gente tinha que estar se pegando agora? A gente devia estar fazendo sexo selvagem no camarim agora?*

Mas talvez seja paranoia minha, porque Cal não parece ter interpretado dessa forma.

— Não, acho que a sra. Albright só está terminando umas coisas e já vai nos dizer o que fazer.

— Por mim tudo bem.

Até que reparo nas pernas deles. Sasha está com a perna ligeiramente por cima da de Cal, na altura do tornozelo. Vai saber o que isso significa.

Acho que estou pronto para esse dia de merda acabar.

É claro que está caindo um temporal quando a sra. Albright nos libera, e minha bunda deixa uma marca úmida no banco do carro. Minhas roupas estão tão encharcadas que fica difícil até secar os óculos. E só me lembro de ligar os faróis quando já estou na metade do caminho, o que quer dizer que a essa altura tenho sorte de não ter sido detido pela polícia.

Quando chego ao meu bairro, vejo o carro de Leah parado no sinal, esperando para virar à esquerda. Imagino que ela esteja saindo da casa de Nick. Aceno para ela, mas está chovendo tanto que não adianta. Os limpadores de para-brisa viram de um lado para o outro, e sinto um aperto no peito. Eu não devia me incomodar quando Nick e Leah se encontram sem mim. Mas isso sempre me dá a sensação de que estou sendo excluído.

Não o tempo todo. Só às vezes.

Mas é isso. Eu me sinto irrelevante. Odeio me sentir assim.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Eu devia estar…

… escrevendo uma redação para a aula de literatura. Mas prefiro escrever para você. Estou no quarto, e tem uma janela ao lado da minha mesa. O dia está tão ensolarado, parece que está bem quente lá fora. Sinto como se estivesse num sonho.

Jacques, tenho que confessar que ando curioso com seu endereço de e-mail há muito tempo. Finalmente cedi e consultei o Poderoso Google, e agora sei que é a letra de uma música do Elliott Smith. Já ouvi falar dele, mas nunca escutei nada, então baixei a “Waltz #2”. Espero que isso não assuste você. Eu gostei muito. Me surpreendeu, porque é uma música muito triste, não é o que eu esperaria de você. Mas já escutei algumas vezes, e o engraçado é que de alguma forma ela me lembra mesmo você. Não é a letra nem o clima da música. É alguma coisa intangível. Imagino você deitado no chão ouvindo essa música, comendo Oreo e talvez escrevendo em um diário.

Também tenho que confessar que ando olhando com atenção redobrada para a roupa das pessoas na escola, para ver se alguém está usando uma camiseta do Elliott Smith. Sei que é um tiro no escuro. Também sei que é injusto, porque eu não devia estar tentando descobrir sua identidade se não dou nenhuma pista significante sobre a minha.

Aqui vai uma. Meu pai vem de Savannah no fim de semana, e vamos fazer o tradicional Chanucá no hotel. Seremos só eu e ele, e tenho certeza de que vai ser constrangedor. Não vamos acender a menorá (porque não queremos disparar os detectores de fumaça). Depois, vou dar alguma coisa sem graça para ele, como café Aurora e um punhado de redações minhas (ele é professor de literatura, adora essas coisas). Depois, ele vai me mandar abrir oito presentes seguidos, o que deixa claro o fato de que não vou vê-lo antes do ano-novo.

A questão é que estou considerando aumentar o grau de constrangimento: queria aproveitar a situação para sair do armário. Talvez eu devesse usar maiúsculas. Sair do Armário. Perdi o juízo?

Blue

<ENVIADO 2 DEZ 17:02> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: Eu devia estar…

Blue,

Uma coisa de cada vez: como eu não sabia que você era judeu? Acho que isso é você me dando uma pista, né? Devo procurar caras de quipá pelos corredores? Sim, eu pesquisei como se escreve isso. E seu povo é muito criativo, foneticamente falando. Mas, enfim, espero que o Chanucá corra bem, e, aliás, café Aurora não é nem um pouco decepcionante. Na verdade, acho que vou roubar sua ideia, porque pais adoram café. E meu pai vai adorar mais ainda, porque ele botou na cabeça essa ideia hilária de que é hipster.

O mais importante, Blue: Sair do Armário. Uau. Você não perdeu o juízo, não. Acho você incrível. Está com medo da reação dele? Vai contar para sua mãe também?

Também estou muito impressionado por você ter pesquisado sobre Elliott Smith no Google. Ele possivelmente foi o maior compositor desde Lennon e McCartney. E tudo o que você disse sobre a música fazer você se lembrar de mim é tão lisonjeiro e incrível que nem sei o que dizer. Estou sem palavras, Blue.

Então, vou dizer que você está certíssimo sobre o Oreo e sobre ficar deitado no chão, mas errado quanto ao diário. Acho que você é o mais perto que já cheguei de um diário.

Agora você devia baixar “Oh Well, Okay” e “Between the Bars”. Fica a dica.

Odeio dizer, mas acho que é perda de tempo tentar descobrir quem eu sou olhando as camisetas das pessoas. Quase nunca uso camisetas de bandas, apesar de meio que ter vontade. Acho que, para mim, ouvir música é uma coisa muito solitária. Ou talvez isso seja só uma coisa que as pessoas dizem quando são desanimadas demais para ir a shows. De qualquer modo, vivo grudado no meu iPod, mas nunca ouvi as músicas de que gosto ao vivo, e acabo sentindo que usar uma camiseta de banda sem ter ido a um show dela seria uma espécie de trapaça. Faz sentido? Por algum motivo, a ideia de encomendar na internet uma camiseta de banda me deixa estranhamente constrangido. Como se o músico não fosse me respeitar. Sei lá.

Enfim, considerando tudo o que dissemos, concordo que este seja um uso bem mais satisfatório do meu tempo do que escrever redações de literatura. Você me distrai um bocado.

Jacques

<ENVIADO 2 DEZ 21:13> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Eu devia estar…

Jacques,

Quanto a você não saber que eu era judeu, tudo bem, eu nunca mencionei. Nem sou tecnicamente, porque o judaísmo é matrilinear, mas minha mãe é anglicana. Ainda não decidi se vou fazer mesmo o que falei. Eu não achava que faria tão cedo. Não sei por quê, mas ultimamente tenho sentido vontade de abrir o jogo. Talvez eu só queira acabar logo com isso. E você? Já pensou em Sair do Armário?

Tudo fica bem mais complicado quando se coloca religião na equação. Tecnicamente, os judeus e os anglicanos são simpatizantes aos gays, mas é difícil saber se isso realmente se aplica aos próprios pais. A gente sempre lê sobre garotos gays com famílias muito católicas em que os pais acabam participando de organizações de apoio à causa e de paradas de orgulho gay e tudo. Aí, você ouve também sobre pais que não se incomodam nem um pouco com a homossexualidade, mas não conseguem aceitar quando o próprio filho se assume. Eles são uma caixinha de surpresas mesmo.

Acho que, em vez de baixar as músicas do Elliott Smith que você mencionou, vou pedir para o meu pai me dar uns CDs dele no Chanucá. Garanto que ele tem só uns seis presentes escolhidos e que está desesperado atrás de qualquer dica sobre o que mais pode comprar para mim.

É verdade que você e eu não podemos nos encher de presentes na vida real, mas, se eu pudesse, compraria na internet milhares de camisetas de bandas para você. Mesmo que isso significasse perder o respeito dos músicos por toda a parte (porque é claro que as coisas funcionam assim, Jacques). Ou talvez a gente pudesse ir a um show. Eu não entendo muito de música, mas imagino que seria divertido se eu estivesse com você. Talvez um dia.

Estou feliz por você me achar uma distração. Do contrário, não seria justo.

Blue

<ENVIADO 3 DEZ 17:20>



É QUINTA-FEIRA E estou na aula de história. Aparentemente, a sra. Dillinger acabou de me fazer uma pergunta, porque todo mundo está olhando para mim como se eu devesse alguma coisa para a turma. Agora, estou vermelho e tentando pensar em alguma resposta, e, a julgar pela testa professoral franzida, acho que não estou indo muito bem.

Quando se pensa no assunto, é meio surreal os professores acharem que podem ditar o que você pensa. Não basta você ficar ali sentado em silêncio deixando que eles ensinem. É como se eles achassem que têm o direito de controlar sua mente.

Não quero pensar na guerra de 1812. Não quero saber o que havia de tão impressionante em um bando de marinheiros.

O que eu quero de verdade é ficar pensando em Blue. Acho que estou começando a ficar meio obcecado por ele. Por um lado, ele toma cuidado o tempo todo para não revelar muito sobre si mesmo, mas depois começa a contar um monte de coisas pessoais, o tipo de coisa que eu poderia usar para descobrir a identidade dele, se realmente quisesse. E quero. Mas também não quero. É tão confuso. Ele é confuso.

— Simon! — Abby me cutuca. — Preciso de uma caneta.

Dou uma caneta para ela, que agradece baixinho. Olho ao redor e percebo que todo mundo está escrevendo. A sra. Dillinger colocou um site no quadro. Não sei para que serve, mas provavelmente vou descobrir quando entrar nele. Copio o endereço na margem do caderno e faço um círculo em formato de zigue-zague, como um POW de histórias em quadrinhos.

Estou um pouco nervoso com o fato de os pais de Blue serem religiosos. Eu

me sinto muito cretino, na verdade, porque não entendo nada de religião. Não sei nem como não usar o nome do Senhor em vão. Mas talvez ele não ligue. E com ele quero dizer Blue, não o Senhor. Afinal, Blue continua trocando e-mails comigo, então não deve ter se ofendido.

A sra. Dillinger faz um intervalo, mas não é o tipo de intervalo que podemos aproveitar para ir a algum lugar, então basicamente fico sentado olhando para o nada. Abby se aproxima, se ajoelha e apoia o queixo na minha mesa.

— Ei. Onde você está hoje?

— Como assim?

— Você está a um milhão de quilômetros daqui.

Com o canto do olho, vejo Martin se esticando todo por cima da cadeira de alguém para se juntar a nós. Toda santa vez. Juro por Deus.

— E aí, pessoal?

— Haha — diz Abby. — Sua camiseta é hilária.

Martin está usando uma camiseta em que se lê “Nerdlicious”.

— Vocês vão ao ensaio hoje?

— Ah, agora é opcional? — pergunto.

Em seguida, faço uma coisa que aprendi com Leah: olho de esguelha para o lado oposto ao da pessoa. É mais sutil do que revirar os olhos. Porém, muito mais eficiente.

Martin me encara.

— É, nós vamos — diz Abby, um instante depois.

— Spier — diz Martin de repente —, eu queria falar com você. — As bochechas dele ficam rosadas e seu pescoço ganha uma mancha vermelha em volta da gola. — Andei pensando. Quero apresentar você para o meu irmão. Vocês têm muito em comum.

Meu rosto está queimando, e sinto aquela pontada familiar atrás dos olhos. Ele está me ameaçando.

— Que fofo — diz Abby.

Ela fica olhando de Martin para mim, de mim para Martin.

— Fofo mesmo — comento.

Eu lanço um olhar ameaçador para Martin, mas ele se vira na hora, arrasado. Ah, jura? Aquele babaca merece se sentir assim.

— É, pois é. — Martin se levanta e fica olhando para um ponto aleatório atrás de mim. — Eu vou…

Vou falar sobre sua orientação sexual como se fosse da minha conta, Simon. Vou contar para a porcaria da escola inteira bem aqui e agora, porque sou um babaca e é assim que as coisas vão ser.

— Ei, espera aí — digo. — Tive uma ideia. Vocês querem ir à Waffle House amanhã depois da aula? Podemos repassar o texto.

Eu me odeio. Eu me odeio.

— Se vocês não quiserem, tudo bem…

— Ai, meu Deus. É sério, Simon? Seria incrível. Amanhã depois da aula, né? Acho que consigo pegar o carro da minha mãe emprestado. — Abby sorri e me cutuca na bochecha.

— Legal. Obrigado, Simon — diz Martin. — Seria ótimo.

— Que bom — respondo.

Embarquei nessa oficialmente. Estou deixando que Martin Addison me chantageie. Não sei como me sentir. Estou com nojo de mim mesmo. Estou aliviado.

— Você é sensacional, Simon — diz Abby.

Não sou, não. Nem um pouco.

*

Na sexta à noite, estou comendo meu segundo prato de batata frita, e Martin não para de fazer perguntas a Abby. Acho que é o jeito dele de flertar.

— Você gosta de waffle?

— Gosto — responde ela. — Foi por isso que pedi.

— Ah — diz ele, e assente com um vigor exagerado e desnecessário. Ele é basicamente um Muppet.

Eles estão um ao lado do outro, e eu estou em frente. Consegui uma mesa nos

fundos, perto dos banheiros, onde não tem ninguém para incomodar. Não está tão cheio para uma noite de sexta. Tem um casal de meia-idade que parece bem irritado com alguma coisa, dois caras hipsters no balcão e duas garotas com uniforme de escola particular comendo torradas.

— Você é de Washington, né?

— Sou.

— Legal. De que parte?

— Takoma Park. Você conhece Washington?

— Não exatamente. Meu irmão está no segundo ano em Georgetown — diz Martin.

Ele e aquela droga de irmão.

— Você está bem, Simon? — pergunta Abby. — Beba um pouco de água!

Não consigo parar de tossir. E agora Martin está me oferecendo a água dele. Empurrando o copo para mim. Martin que vá se ferrar. Sério. Até parece que ele é assim tão calmo e controlado.

Ele se vira para Abby.

— Então você mora com a sua mãe?

Ela assente.

— E seu pai?

— Ficou em Washington.

— Ah. Que pena.

— Na verdade, não — diz Abby, com uma gargalhada curta. — Se ele morasse em Atlanta, eu não estaria com vocês agora.

— Ah, ele é muito severo? — pergunta Martin.

— É — responde ela. E olha para mim. — E aí, vamos começar o segundo ato?

Martin se espreguiça e boceja de um jeito meio estranho, aproveitando para encostar no braço de Abby. Abby se afasta na mesma hora e coça o ombro.

Nossa, é horrível assistir a isso. Horrível e fascinante.

Nós repassamos a cena. Também é um desastre. Não tenho falas, então quem sou eu para julgar? E sei que eles estão se esforçando. Mas temos que parar a

cada fala, e está ficando meio ridículo.

— Ele foi levado... — diz Abby, tapando o roteiro com uma das mãos.

Eu faço que sim para ela.

— Foi levado em uma…

Ela estreita os olhos.

— Em uma… carruagem?

— Isso aí.

Ela abre os olhos, e vejo os lábios dela se movendo em silêncio. *Carruagem. Carruagem. Carruagem.*

Martin olha para o nada, pressionando o nó do dedo na bochecha. Ele tem nós dos dedos muito proeminentes. Martin tem tudo proeminente: olhos enormes, nariz grande, lábios carnudos. Olhar para ele é exaustivo.

— Martin.

— Foi mal. Minha fala?

— Dodger acabou de dizer que foi levado em uma carruagem.

— Carruagem? Que carruagem? Carruagem para onde?

Quase. Nunca é perfeito. É sempre quase. Começamos a cena de novo. E eu penso: é sexta à noite. Em teoria, eu poderia estar enchendo a cara. Poderia estar em um show.

Poderia estar em um show com Blue.

Mas o que tenho é Oliver sendo levado em uma carruagem. Infinitas vezes.

— Nunca vou decorar isso — diz Abby.

— A gente não tem até o final do recesso de Natal? — pergunta Martin.

— Aham. Se bem que a Taylor já decorou tudo.

Abby e Martin têm papéis importantes na peça, mas o de Taylor é o principal. Principal no sentido de que a peça se chama *Oliver!* e Taylor interpreta o Oliver.

— Mas Taylor tem memória fotográfica — diz Martin. — Ou diz que tem.

Abby dá um sorrisinho.

— E metabolismo muito acelerado — acrescento.

— E é naturalmente bronzeada — diz Martin. — Ela nunca toma sol. Nasceu bronzeada.

— É, Taylor e aquele seu bronzeado — diz Abby. — Tenho tanta inveja!

Martin e eu caímos na gargalhada, porque Abby vence de longe no quesito melanina.

— Seria estranho se eu pedisse mais um waffle? — pergunta Martin.

— Seria estranho se você não pedisse — digo.

Eu não entendo. Parece que estou começando a gostar dele.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Aquela coisa de Sair do Armário E aí? E aí? E aí?

Jacques

<ENVIADO 6 DEZ 18:19> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Aquela coisa de Sair do Armário Ah. Não exatamente.

Cheguei ao hotel e meu pai estava com tudo preparado para o Chanucá: a menorá, os presentes enfileirados na mesa e um prato de batatas fritas e dois copos de achocolatado (ele sempre toma achocolatado com coisas fritas). Parecia que tinha se empenhado muito naquilo, achei bem legal. Meu estômago estava se revirando, porque eu realmente ia contar. Mas não queria fazer logo de cara, então esperei até que tivéssemos aberto todos os presentes.

Sabe aquelas histórias que a gente ouve de pessoas que saem do armário e os pais dizem que já sabiam há muito tempo? Pois é, meu pai nunca vai dizer isso. Tenho certeza absoluta de que ele não faz ideia de que sou gay, porque você não vai acreditar no livro que ele resolveu me dar: *História da minha vida*, do Casanova (ou, como você diria, da "bosta" do Casanova).

Parando para pensar agora, talvez houvesse uma oportunidade perfeita escondida ali em algum lugar. Talvez eu devesse ter pedido que ele trocasse o livro por um do Oscar Wilde. Não sei, Jacques. Acho que aquilo me travou. Mas, agora, começo a achar que talvez tenha sido uma bênção disfarçada, porque, de certa forma, minha mãe ficaria magoada se eu contasse para o meu pai primeiro. As coisas podem ser complicadas quando se tem pais separados. Isso tudo é sufocante demais.

Meu novo plano é contar primeiro para minha mãe. Não amanhã, porque amanhã é domingo, e acho que seria melhor se eu não contasse logo depois da igreja.

Por que é tão mais fácil falar sobre isso com você?

Blue

<ENVIADO 6 DEZ 22:21> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: Aquela coisa de Sair do Armário Blue,

Não consigo acreditar que seu pai comprou um livro da bosta do Casanova. Logo quando você achava que seus pais não podiam estar mais perdidos, hein? Não me surpreende que você não tenha conseguido contar para ele. Sinto muito, Blue. Sei que você estava animado para contar. Ou talvez só estivesse nauseado pela ansiedade, e nesse caso sinto muito que tenha ficado nauseado por nada. Não consigo nem imaginar a complicação diplomática de sair do armário para pais separados. Eu estava planejando sentar com meus pais no sofá em algum momento e contar para os dois de uma só vez. Mas você não pode fazer isso, né? Me dói o coração que você tenha que passar por isso, Blue. Eu só queria que você não tivesse que encarar essa camada adicional de coisas horríveis.

Quanto ao que você disse sobre ser fácil falar comigo sobre essas coisas… será que é porque eu sou fofo e gramaticalmente correto? E você me acha mesmo gramaticalmente correto? O sr. Wise vive dizendo que uso muitas frases soltas.

Jacques

<ENVIADO 7 DEZ 16:46> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Aquela coisa de sair do armário Jacques,

Só para você saber, não é por você ser fofo que eu acho fácil conversar com você. Na verdade, era para acontecer o contrário. Na vida real, fico mudo perto de caras fofos. Paralisado. Não consigo evitar. Mas sei que você só perguntou isso porque queria que eu chamasse você de fofo mais uma vez, então lá vai. Você é fofo, Jacques. E talvez realmente use muitas frases soltas, mas eu adoro.

Não sei bem se você tinha a intenção de me contar o nome do seu professor de literatura. Você está soltando muitas pistas, Jacques. Às vezes, me pergunto se você solta mais pistas do que pretendia.

Mas muito obrigado por me ouvir. Obrigado por tudo. Foi um fim de semana um tanto estranho e surreal, mas conversar com você sobre isso deixou tudo bem melhor.

Blue

<ENVIADO 9 DEZ 16:52> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Aquela coisa de sair do armário Blue, Argh, é verdade. Não citei o sr. Wise de propósito.

Acho que daria para você limitar a busca radicalmente, se quisesse. Me sinto meio estranho com isso.

Desculpe por ser tão idiota.

E quem são todos esses caras fofos que deixam você tão nervoso? Eles não podem ser tão fofos. É melhor você não adorar as frases soltas DELES.

Não deixe de me contar sobre suas próximas conversas com a sua mãe, tá?

Jacques

<ENVIADO 10 DEZ 19:11>



ACHO QUE ESTAMOS transformando isso num hábito só nosso. A leitura de Dickens na WaHo. Abby não está de carro hoje, então vai para casa comigo depois da aula na sexta e leva uma mochila com roupa. Sei que deve ser horrível para Abby morar tão longe, mas adoro quando ela dorme lá em casa.

Como era de se esperar, chegamos antes de Martin. Está mais cheio hoje. Pegamos uma mesa, mas fica perto da entrada, então parece que todo mundo está observando a gente. Abby se senta na minha frente e na mesma hora começa a construir uma casinha com embalagens de geleia e saquinhos de açúcar.

Martin entra e, em sessenta segundos, muda de ideia duas vezes sobre a bebida que vai pedir, arrota e derruba a casinha de açúcar de Abby com um movimento entusiasmado demais.

— Argh. Desculpa. Desculpa — pede ele.

Abby olha para mim e abre um sorrisinho.

— E esqueci meu roteiro — acrescenta Martin. — Merda.

Ele está inspirado hoje.

— Pode ler comigo — diz Abby, se aproximando dele.

A expressão de Martin. Eu quase caio na gargalhada.

Vamos direto para o segundo ato, e o resultado é um pouco menos desastroso do que na semana passada. Pelo menos, não tenho que dar a deixa para todas as falas. Eu começo a divagar.

Estou pensando em Blue, sempre Blue, porque minha mente só divaga em uma direção, na verdade. Recebi outro e-mail dele de manhã. Ultimamente, estamos trocando e-mails quase todos os dias, e é meio louco como ele toma conta dos meus pensamentos. Quase fiz uma besteira no laboratório de química

hoje porque estava escrevendo mentalmente um e-mail para Blue e esqueci que estava manipulando ácido nítrico.

É estranho, porque os e-mails de Blue eram algo destacado da minha vida real. Mas, agora, talvez sejam minha vida. Em todos os outros momentos parece que estou me arrastando por um sonho.

— Ai, droga, Marty. Não! Para com isso — implora Abby.

De repente, Martin está ajoelhado na cadeira, com a cabeça inclinada para trás, a mão no peito, e cantando. Ele começa a entoar esse grande número musical do segundo ato da peça. Está usando sua voz de Fagin, grave, com vibrato e ligeiramente britânica. E está totalmente entregue ao momento.

As pessoas estão olhando para a gente. E estou sem palavras. Abby e eu ficamos nos entreolhando no silêncio mais constrangedor que já aconteceu no planeta Terra.

Ele canta a música toda. Acho que andou ensaiando. E aí, não estou de brincadeira, ele se acomoda na cadeira como se nada tivesse acontecido e derrama calda no waffle.

— Nem sei o que dizer para você — comenta Abby.

Ela suspira e o abraça.

Sério, gente, ele parece um personagem de anime. Quase consigo ver corações saltando dos olhos dele. Martin olha para mim, e a grande boca de banana está escancarada em um sorriso. Não consigo evitar sorrir para ele também.

Talvez ele seja meu chantagista pessoal. Talvez também esteja se tornando um amigo. Vai saber se isso é permitido?

*

Ou talvez seja só o fato de eu estar me sentindo estranhamente empolgado. Não sei explicar. Tudo é engraçado. Martin é engraçado. Martin cantando na Waffle House é total e incompreensivelmente hilário.

Duas horas depois, damos tchau para ele no estacionamento, e Abby e eu

entramos no meu carro e vamos para casa. O céu está escuro e limpo, e trememos de frio por um minuto até o aquecedor começar a funcionar. Dou a ré e pego a Roswell Road.

— Quem está cantando? — pergunta Abby.

— Rilo Kiley.

— Não conheço.

Ela boceja.

Estamos escutando o CD que Leah fez para mim, que tem três músicas da Rilo Kiley. Leah tem uma paixonite pela Jenny Lewis. Não dá para não ter uma paixonite pela Jenny Lewis, vocalista da banda. Sou vinte anos mais novo do que ela e inquestionavelmente gay, mas, sim, eu daria uns beijos nela.

— O Martin hoje, gente... — diz Abby, balançando a cabeça.

— Que esquisitão.

— Um esquisitão meio fofo.

Viro na Shady Creek Circle. O carro está quentinho agora, e as ruas, quase vazias, e tudo está silencioso, aconchegante e seguro.

— Definitivamente fofo — conclui ela —, mas infelizmente não é o meu tipo.

— Nem o meu — digo, e Abby ri.

Sinto uma pontada no peito. Eu devia contar para ela logo.

Blue vai abrir o jogo para a mãe hoje, ou pelo menos esse é o plano. Eles vão jantar em casa, e ele vai oferecer um pouco de vinho para ela. E aí, vai respirar fundo e contar. Estou nervoso por ele. Talvez com um pouco de inveja. E com uma estranha sensação de perda. Eu meio que gostava de ser o único a saber do segredo dele.

— Abby. Posso te contar uma coisa?

— Claro, o que foi?

A música parece sumir. Paramos em um sinal vermelho, estou esperando para virar à esquerda e só consigo ouvir o estalo frenético da seta piscando.

Acho que meu coração está batendo no mesmo ritmo.

— Você não pode contar para ninguém — acrescento. — Ninguém sabe.

Ela não fala nada, mas percebo que está se virando para mim. As pernas estão

dobradas no banco. Ela espera.

Eu não planejava fazer isso hoje.

— Então. É o seguinte. Eu sou gay.

É a primeira vez que digo isso em voz alta. Hesito, com as mãos no volante, e espero sentir alguma coisa extraordinária. O sinal fica verde.

— Ah — diz Abby.

E, em seguida, há uma pausa densa, carregada.

Faço uma curva à esquerda.

— Simon, pare o carro.

Há uma pequena padaria à direita, e eu paro na entrada. Está fechada agora. Eu coloco o carro em ponto morto.

— Suas mãos estão tremendo — diz Abby, baixinho.

Ela puxa meu braço, levanta a manga do meu casaco e coloca a mão sobre a minha. Sentada de pernas cruzadas no banco, Abby se vira de lado e fica de frente para mim. Mal olho para ela.

— É a primeira vez que você conta para alguém? — pergunta ela, um instante depois.

Faço que sim.

— Uau. — Ela respira fundo. — Simon, eu me sinto honrada.

Eu me recosto no banco, suspiro e me viro para ela. O cinto de segurança me incomoda. Puxo a mão, fazendo Abby soltá-la. Então, seguro de novo a mão dela, que entrelaça os dedos nos meus.

— Você está surpresa? — pergunto.

— Não.

Ela me olha intensamente. Iluminados apenas pela luz dos postes, os olhos de Abby são quase só as pupilas, com um contorno castanho e fino.

— Você sabia?

— Não, nem desconfiava.

— Mas não está surpresa.

— Você quer que eu fique surpresa?

Ela parece nervosa.

— Não sei — respondo.

Ela aperta minha mão.

Eu queria saber como estão indo as coisas com Blue. Queria saber se Blue, assim como eu, está sentindo o estômago dar cambalhotas. Na verdade, ele deve estar sentindo bem mais do que isso. Deve estar tão nauseado que quase não consegue colocar as palavras para fora. Meu Blue.

É estranho. De certa forma, sinto como se eu tivesse feito isso por ele.

— O que você vai fazer? — pergunta Abby. — Vai contar para as pessoas?

Eu hesito.

— Não sei. — Nunca pensei nisso. — Mas acho que vou acabar contando, sim.

— Tudo bem. Olha, eu amo você — diz ela.

Ela me cutuca na bochecha. E vamos para casa.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: tudo às claras Jacques, eu consegui. Contei para ela. Quase não dá para acreditar. Ainda estou me sentindo muito agitado e nervoso. Estou me sentindo outra pessoa. Provavelmente não vou conseguir dormir hoje.

Acho que ela encarou bem. Nem mencionou Jesus na conversa. Ficou muito calma. Às vezes, esqueço que minha mãe pode ser muito racional e analítica (ela é epidemiologista). Ela parecia mais preocupada em me explicar a importância de Praticar Sexo Seguro Sempre, Inclusive Oral. Não, eu não estou brincando. Ela não acreditou muito quando disse que não sou sexualmente ativo. E acho que isso foi um elogio.

Quero agradecer a você. Não falei antes, mas preciso confessar que foi graças a você que consegui. Eu não sabia se algum dia encontraria coragem. É meio incrível mesmo. Sinto como se houvesse um muro desmoronando, e não sei por quê, e nem o que vai acontecer. Só sei que você é o motivo. Obrigado por isso.

Blue

<ENVIADO 13 DEZ 00:09> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: tudo às claras Blue,

Para tudo! Estou tão orgulhoso. Eu abraçaria você agora se pudesse.

Uau, considerando então a sra. Sempre, Inclusive Oral e o sr. Vamos Ler a Bosta do Casanova, seus pais estão seriamente interessados na sua vida sexual. Os pais precisam parar de se envergonhar, gente.

Mas tenho que dizer que você não devia nem estar pensando em fazer sexo, a não ser que seja com alguém muito, muito incrível. Alguém tão maravilhoso que os garotos encrenqueiros do bairro dessa pessoa nem sequer COGITEM urinar na varanda dele. Alguém que use muitas frases soltas e tenha uma pequena tendência a revelações acidentais. Pois é.

Você também me inspirou, Blue. Tive meu Momento de Sair do Armário ontem à noite. Não com os meus pais, mas contei para uma das minhas melhores amigas, embora não estivesse nos meus planos, e foi constrangedor e estranho, mas também legal. Eu me senti aliviado e um pouco envergonhado, porque parece que fiz mais estardalhaço do que era necessário. Mas é engraçado. Parte de mim sente que atravessei algum tipo de fronteira, e agora que estou do outro lado não posso mais voltar. Acho que é uma sensação boa, ou pelo menos empolgante. Mas não tenho certeza. O que estou dizendo faz algum sentido?

E essa coisa do muro desmoronando... Acho que você está me dando crédito demais. Você é o herói hoje, Blue. Você derrubou seu próprio muro.

E talvez o meu também.

Jacques <ENVIADO 13 DEZ 11:54> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: tudo às claras Jacques,

Nem sei o que dizer. Também estou muito orgulhoso de você. Isso tudo é muito importante, não é? Acho que é o tipo de coisa de que vamos nos lembrar pelo resto da vida.

Sei exatamente o que você quer dizer sobre atravessar a fronteira. Acho que é o tipo de processo em que só é possível seguir por uma direção. Quando se sai do armário, não dá para voltar. É meio apavorante, não é? Sei que temos sorte de estarmos fazendo isso agora, e não vinte anos atrás, mas ainda é um ato de fé. É mais fácil do que pensei, mas, ao mesmo tempo, é bem mais difícil.

Não se preocupe, Jacques. Só penso em sexo com pessoas que se escondem de suas namoradinhas no banheiro e em pleno Dia dos Namorados, comem toneladas de Oreo e escutam música estranha, deprimente e maravilhosa, mas nunca usam camisetas de bandas.

Acho que meu tipo é bem específico.

(Não estou brincando.)

Blue

<ENVIADO 14 DEZ 12:12>



TENHO QUE ME encontrar com ele.

Acho que não consigo continuar assim. Não me importo de estragar tudo. Estou quase agarrando a tela do laptop.

Blue Blue Blue Blue Blue Blue Blue.

Sério, parece que vou entrar em combustão.

Passo o dia todo na escola com um nó no estômago, o que não faz sentido, porque não há motivo para isso. Porque, na verdade, são só palavras em uma tela. Eu nem sei a porcaria do nome dele.

Acho que estou meio que me apaixonando.

Durante todo o ensaio, fico olhando para Cal Price na esperança de que ele faça alguma coisa que me dê uma dica. Qualquer coisa. Ele pega um livro, e meus olhos vão direto para o nome do autor na capa. Porque talvez o livro seja o da bosta do Casanova, e só conheço uma pessoa que tem um livro escrito pela bosta do Casanova.

Mas é *Fahrenheit 451*. Provavelmente, para a aula de literatura.

Como deve ser uma pessoa quando os muros dela estão desabando?

Hoje ninguém está conseguindo se concentrar muito, tudo porque um aluno do primeiro ano entrou escondido no laboratório de química e ficou com o pinto preso em um béquer. Sei lá, sabe. Parece que postaram no Tumblr. Mas acho que a sra. Albright está cansada de ouvir essa história, então nos deixa sair mais cedo.

Ainda está claro quando estaciono na porta de casa. Bieber quase explode de alegria quando me vê. Parece que sou o primeiro a chegar em casa. Fico curioso para saber onde Nora está. É bem esquisito que ela não esteja em casa, para falar

a verdade.

Estou agitado demais. Nem tenho vontade de lanchar. Nem de comer Oreo. Não consigo ficar sentado. Mando uma mensagem para Nick perguntando o que ele está fazendo, embora eu já saiba que está jogando video game no porão, porque é isso que ele sempre faz nas tardes antes do início da temporada de futebol. Ele diz que Leah está indo para lá. Então, coloco a coleira em Bieber, saio e tranco a porta.

Leah está estacionando quando chegamos. Ela abre a janela e chama Bieber, que imediatamente me abandona para ir até ela.

— Oi, docinho.

Ele apoia as patas na porta do carro e dá uma lambida educada no rosto dela.

— Você só saiu agora do ensaio? — pergunta Leah enquanto andamos até o porão de Nick.

— Saí. — Giro a maçaneta e abro a porta. — Bieber. NÃO. Venha.

Parece que ele nunca viu um esquilo na vida. Santo Deus.

— Nossa. Então são, tipo, duas horas por dia, três dias por semana?

— São quatro dias por semana agora. Menos na sexta. E ensaiamos o dia inteiro no sábado.

— Uau.

Nick desliga a TV quando entramos.

— *Assassin's Creed*? — pergunta Leah, apontando para a TV.

— É — responde Nick.

— Legal.

Eu apenas ignoro. Não dou a mínima para video games.

Eu me deito no chão ao lado de Bieber, que está de costas e com uma expressão absurda, os lábios repuxados, mostrando as gengivas. Nick e Leah começam a conversar sobre *Doctor Who*, e Leah se encolhe na poltrona e começa a puxar a barra desfiada da calça jeans. As bochechas estão meio rosadas embaixo das sardas, e ela está falando sobre algo que a deixa muito empolgada. Os dois estão completamente absortos na filosofia das viagens no tempo. Enquanto isso, eu relaxo, fecho os olhos. E penso em Blue.

Está bem, estou apaixonadinho. Mas não é como ter uma paixonite por um músico qualquer ou por um ator ou pela droga do Harry Potter. É de verdade. Tem que ser. É quase debilitante.

Estou deitado no porão de Nick, o local de tantas transformações de Power Rangers e batalhas de sabres de luz e copos de suco derramados, mas tudo que quero no mundo é que o próximo e-mail de Blue chegue. E Nick e Leah ainda estão conversando sobre a porcaria da TARDIS. Eles não fazem ideia do que está acontecendo comigo. Nem desconfiam de que sou gay.

E não sei como contar para eles. Depois que contei para Abby na sexta, pensei que seria mais fácil contar para Leah e Nick. Um pouco mais fácil, pelo menos, agora que minha boca se acostumou a dizer as palavras.

Não é mais fácil. É impossível. Porque, apesar de eu ter a sensação de que conheço Abby desde sempre, eu só a conheço faz quatro meses. E acho que não deu tempo de ela ter ideias predeterminadas a meu respeito. Mas sou amigo de Leah desde o sexto ano, e de Nick desde que tínhamos quatro anos. E essa coisa gay. Parece tão importante. É quase intransponível. Não sei como contar uma coisa assim para eles e continuar me sentindo o mesmo Simon. Porque, se Leah e Nick não me reconhecerem, eu também não vou mais me reconhecer.

Meu celular vibra. Mensagem do Martírio Abominável: *ei que tal mais Waffle House qualquer dia desses?*

Eu ignoro.

Odeio me sentir tão distante de Nick e Leah. A questão não é nem omitir uma paixonite normal, porque nunca falamos sobre essas coisas e isso sempre funcionou para a gente. Eu percebo e tenho certeza de que Nick percebe que Leah é a fim dele, mas há um pacto implícito estabelecendo que nunca falaremos a respeito disso.

Não sei por que não é assim com essa coisa toda de ser gay. Não sei por que sinto como se estivesse vivendo uma vida secreta ao esconder isso deles.

Meu celular vibra. É meu pai ligando. O que provavelmente significa que o jantar está na mesa.

Odeio me sentir tão aliviado.

Vou acabar contando para Nick e Leah mais cedo ou mais tarde.

*

Passo o primeiro sábado do recesso de Natal na escola. Todo mundo está sentado em um grande círculo no palco, vestindo pijama, comendo donuts e tomando café em copos de isopor. Eu, por outro lado, estou ao lado de Abby na beirada do palco, os pés pendendo acima do fosso da orquestra, as pernas dela no meu colo.

Meus dedos estão grudentos por causa do açúcar. Eu me sinto tão distante dali... Observo os tijolos. Alguns dos tijolos na parede de trás do auditório têm um tom mais escuro, quase marrom, e formam um desenho de dupla hélice de DNA. É tão aleatório. E ao mesmo tempo tão estranhamente deliberado.

Dupla hélice é um negócio interessante. Ácido desoxirribonucleico. Vou pensar nisso.

Tentar não pensar em uma coisa é como brincar daquele jogo de martelar a toupeira. Cada vez que você bate em uma, outra surge na superfície.

No meu caso, são duas toupeiras. Uma é o fato de que já encontrei Nick e Leah depois do ensaio três dias nesta semana, o que significa que tive três chances de contar para eles que sou gay, mas amarelei nas três. E tem Blue, com sua gramática perfeita, que não tem ideia de quantas vezes eu reviso cada e-mail que mando para ele. Blue, que é tão contido, mas tão surpreendentemente galanteador às vezes. Que pensa em sexo e pensa em sexo comigo.

Mas, enfim: dupla hélice. Espirais tortas, curvas e duplas.

Martin entra pela porta dos fundos do auditório. Está usando uma camisola comprida e antiquada e bobes no cabelo.

— Ah. Uau. Ele está mesmo… Nossa.

Abby assente e sorri para Martin, que dá uma pirueta e acaba tropeçando na barra da camisola. Ele se segura no braço de uma cadeira e dá um sorriso triunfante. Esse é o Martin. Tudo é parte do show para ele.

A sra. Albright se junta ao círculo no palco e pede atenção. Abby e eu nos aproximamos também. Acabo sentado ao lado de Martin e sorrio para ele, que dá

um soco de leve no meu braço, mas sempre olhando para a frente, como um pai acompanhando o jogo de beisebol do filho. Um pai que se veste feito a minha avó.

— O plano é o seguinte, gangue do pijama — diz a sra. Albright. — Hoje vamos dar os toques finais nos números musicais. Primeiro os números com elenco grande, depois vamos nos dividir em grupos menores. Paramos para uma pizza ao meio-dia e depois repassamos a peça toda.

Cal está sentado em uma plataforma, anotando alguma coisa na margem do roteiro.

— Alguma pergunta? — indaga ela.

— Quem já decorou tudo precisa ficar com os roteiros para fazer anotações? — pergunta Taylor, só para deixar claro para todo mundo que ela já decorou as falas.

— Hoje de manhã, sim. De tarde, não. Vamos falar das anotações quando terminarmos. Quero ensaiar os dois atos seguidos, em uma só tacada. Obviamente, vai ser meio confuso, mas tudo bem. — Ela boceja. — Certo. Vamos começar com “Food, Glorious Food” daqui a cinco minutos.

Antes que consiga me convencer do contrário, vou até Cal e me sento ao lado dele. Bato em seu joelho de leve.

— Bolinhas legais — comento, referindo-me à estampa de sua camiseta.

Ele sorri.

— Labradores legais — retruca ele, referindo-se à estampa de minha calça.

Sabe, ele é tão fofo que vou deixar passar, mas os cachorros na minha calça são claramente golden retrievers.

Dou uma espiada no roteiro dele.

— O que você está desenhando?

— Ah, isso aqui? Sei lá.

Ele tira a franja da testa e fica vermelho, e, pelo meu bom Deus, como ele é lindo.

— Eu não sabia que você desenhava.

— Um pouco.

Ele dá de ombros e vira o fichário para mim.

Cal tem um estilo de desenho cheio de movimento, ângulos e traços espessos. Não é ruim. Os desenhos de Leah são melhores. Mas isso não tem importância — o que realmente chamou minha atenção foi o fato de ele ter desenhado um super-herói.

Um *super-herói*. Acho que meu coração chega a parar um pouco. Blue adora super-heróis.

Blue.

Chego um pouco mais perto, e nossas pernas se tocam de leve.

Não sei se ele repara.

Não sei por que estou sendo tão corajoso hoje.

Tenho 99,9% de certeza de que Cal é Blue. Mas tem uma fração de chance de não ser. Por algum motivo, não consigo abrir o jogo e perguntar para ele de uma vez.

Então me limito a dizer:

— Como está o café?

— Bem gostoso, Simon. Bem gostoso.

Levanto o rosto de repente e percebo que Abby está muito interessada na minha conversa com Cal. Faço uma cara feia para ela, que desvia o olhar, mas está com um sorrisinho desconfiado que acaba comigo.

*

A sra. Albright manda uma parte do grupo para a sala de música e coloca Cal no comando. É a situação perfeita.

Para chegar lá, temos que passar pelas salas de matemática e de biologia e descer as escadas dos fundos. Tudo fica escuro e apavorante e incrível aos sábados. A escola está totalmente vazia. A sala de música fica em um cantinho no final do corredor do andar de baixo. Eu era do coral e passei um tempo indo lá. Nada mudou. Tenho a impressão de que não muda há vinte anos.

Três fileiras de cadeiras em plataformas embutidas contornam as laterais da

sala, como a metade de um hexágono. No centro, há um grande piano vertical de madeira. Há um cartaz plastificado preso na frente, nos lembrando de manter a postura ereta. Cal se senta na ponta do banco do piano e alonga os braços.

— Então, hã, talvez a gente possa começar com “Consider Yourself” ou “Pick a Pocket or Two” — sugere, esfregando o pé na perna do banco.

Ele parece um tanto perdido. Martin tenta colocar os bobes no rabo de cavalo de Abby, mas ela cutuca a barriga dele com uma baqueta, e algumas pessoas pegaram violões e começaram a tocar músicas pop aleatórias.

Ninguém está prestando atenção em Cal além de mim. Ah, e Taylor.

— Você quer que a gente tire esses púlpitos? — pergunto.

— Hã, quero. Seria ótimo — diz ele. — Obrigado, pessoal.

Tem uma folha de papel em um deles que chama minha atenção; é laranja neon e tem as palavras SET LIST escritas em preto. Embaixo, há uma lista de músicas, todas clássicas e incríveis, como “Somebody to Love” e “Billy Jean”.

— O que é isso? — pergunta Taylor.

Eu dou de ombros e entrego o papel a ela.

— Acho que não era para isso estar aqui — diz ela, e joga fora.

É claro que ela acha isso. Taylor é inimiga de tudo que é legal.

Cal está com o laptop da sra. Albright, que tem gravações do piano de acompanhamento de todas as músicas. Todo mundo colabora e repassa todas as canções, e nem é desastroso. Por mais que eu odeie admitir, talvez Taylor seja a melhor voz de toda a escola, tirando Nick, e Abby dança tão bem que consegue levar o grupo todo nas costas. E qualquer coisa que Martin faça é estranho, absurdo e hilário. Ainda mais se ele estiver de camisola.

Falta quase uma hora para nos reunirmos novamente no auditório, e deveríamos repassar tudo mais uma vez, mas fala sério. É sábado, estamos em uma escola vazia e escura e somos um bando de alunos de teatro de pijama e entupidos de donuts.

Acabamos cantando músicas da Disney na escada. Abby sabe a letra inteira de todas as músicas de *Pocahontas*, e todo mundo sabe as de *O Rei Leão*, *Aladdin* e *A Bela e a Fera*. Taylor consegue improvisar as harmonias, e acho que

estamos tão aquecidos de tanto cantar as músicas de *Oliver!* que o resultado é incrível. E a acústica da escada é demais.

Depois disso, subimos a escada, e Mila Odom e Eve Miller pegam umas cadeiras com rodinhas da sala de informática. É bem conveniente que Creekwood tenha corredores tão compridos e retos.

Eis a felicidade completa: segurar a base de uma cadeira de rodinhas com as duas mãos enquanto Cal me empurra pelo corredor a toda velocidade. Competimos contra duas alunas do primeiro ano que fazem parte do elenco. Cal é uma pessoa meio lenta, então elas acabam levando vantagem na corrida, mas não me importo. As mãos dele seguram meus ombros, e nós estamos rindo; as fileiras de armários se tornam uma mancha azul, feito pasta de dente. Estico as pernas, e paramos. E acho que tenho que me levantar. Levanto a mão para bater na de Cal, mas ele entrelaça os dedos nos meus por um segundo. Em seguida, olha para baixo e sorri, e os olhos estão escondidos pela franja. Soltamos as mãos, e meu coração está disparado. Preciso olhar para outra coisa.

Em seguida, Taylor, logo Taylor, se senta em uma das cadeiras. O cabelo louro voa enquanto Abby a empurra, e elas são as campeãs indiscutíveis. Abby e seus músculos das pernas, eu acho. Eu não fazia ideia de que ela era tão rápida.

Abby desaba em cima de mim, rindo e ofegando, e escorregamos até o chão, recostados nos armários. Ela apoia a cabeça no meu ombro, e passo o braço por suas costas. Leah tem certa repulsa a contato físico, e há um acordo silencioso entre mim e Nick, então nós simplesmente não nos tocamos muito. Mas Abby gosta de abraçar; eu também sou um pouco assim, e isso é legal. Tudo foi muito natural e confortável entre nós desde aquela noite no carro depois da Waffle House. É gostoso me sentar ao lado de Abby e sentir o aroma mágico de canela que ela emana enquanto vemos os mais novos se revezarem correndo nas cadeiras.

Abby e eu ficamos assim por tanto tempo que meu braço começa a ficar dormente. Mas só quando estamos prestes a voltar para o auditório é que percebo que duas pessoas estavam nos olhando.

A primeira é Cal.

A segunda é Martin, e ele parece bastante transtornado.

*

— Spier. Precisamos conversar — diz Martin, me puxando para uma escadaria.

— Agora? Porque a sra. Albright quer que…

— É, a sra. Albright pode esperar um pouco.

— Tudo bem. O que foi?

Eu me encosto no corrimão e olho para ele. A escada está escura, mas meus olhos estão acostumados, e percebo a tensão no maxilar de Martin. Ele para e espera até os outros se afastarem e não conseguirem mais ouvir.

— Você deve estar achando isso tudo uma piada das boas — diz ele, baixinho.

— Como assim? — pergunto.

Ele não desenvolve o raciocínio.

— Não faço a mínima ideia do que você está falando — digo.

— Ah, claro que não.

Martin cruza os braços e segura os cotovelos. Está com uma expressão de ódio no rosto.

— Marty, sério. Não sei por que você está tão chateado. Se quiser me contar, ótimo. Se não quiser, não tenho nada para dizer.

Ele bufa bem alto e se encosta no corrimão.

— Você está tentando me humilhar. E, acredite, eu entendo. Sei que você não estava cem por cento comprometido com nosso acordo…

— Nosso acordo? Você está falando da sua chantagem? É, não estou comprometido com a sua chantagem, se é o que você quer saber.

— Você acha que estou chantageando você?

— Como é que você chamaria o que está acontecendo?

Mas é engraçado. Não estou com raiva dele de verdade. Um pouco perplexo no momento, mas não com raiva.

— Olha. Acabou. Aquela história da Abby acabou, tá? Pode esquecer essa

merda toda.

— Aconteceu alguma coisa com a Abby? — pergunto, hesitante.

— É, aconteceu alguma coisa com a Abby. Ela me rejeitou.

— O quê? Quando?

Martin se levanta de repente, com o rosto vermelho.

— Uns cinco minutos antes de ela se jogar em cima de você — diz ele.

— *O quê?* Olha, não é o que…

— Quer saber? Deixa pra lá, Spier. Na verdade, sabe o que você pode fazer? Dizer para a sra. Albright que eu a vejo em janeiro.

— Você vai embora? — pergunto.

Eu realmente não sei o que está acontecendo. Ele mostra o dedo do meio enquanto se afasta. Nem se vira para olhar para mim.

— Martin, você…

— Feliz Natal de merda, Simon — diz ele. — Espero que esteja feliz.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Oh baby

Jacques,

Você não vai acreditar.

Cheguei em casa ontem depois da aula e meus pais estavam aqui. Os dois. Sei que pode parecer algo sem importância, mas você precisa entender que minha mãe quase nunca sai cedo do trabalho, e meu pai nunca vem aqui em casa sem avisar com bastante antecedência. E ele veio aqui duas semanas atrás. Os dois estavam sentados no sofá da sala rindo de alguma coisa, mas pararam assim que entrei.

Fiquei com uma sensação péssima, Jacques. Tive certeza de que minha mãe havia contado para meu pai que eu era gay, o que seria… sei lá. Enfim, ficamos uma meia hora excruciante jogando conversa fora, e aí minha mãe se levantou e disse que ia me deixar sozinho com meu pai por um minuto. E foi para o quarto. Foi tudo tão estranho.

Meu pai parecia muito nervoso, e eu estava muito nervoso. Agora não lembro exatamente o que ele disse, mas na hora percebi que minha mãe não tinha contado nada. De repente, eu quis que ele soubesse. Senti que tinha que ser naquele segundo. Eu fiquei ouvindo ele falar e esperando uma oportunidade, mas meu pai não parava nunca, e foi incômodo, superficial e chato.

E aí, de repente, do nada, ele me contou que minha madrasta está grávida. O bebê nasce em junho.

Eu realmente não esperava por isso. Fui filho único a vida toda.

Pois é. Se alguém consegue ver o que tem de engraçado nisso, esse alguém é você. Por favor. Ou apenas me distraia. Você é bom nisso também.

Com amor,

Blue

<ENVIADO 20 DEZ 13:45> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: Oh baby

Blue,

Uau. Estou… Uau. Parabéns? Não sei. Não consigo ter cem por cento de certeza de como você se sente sobre isso, mas parece que não ficou animado. Acho que eu não ficaria. Principalmente se estivesse acostumado a ser filho único. E tem a questão do seu pai ter feito sexo, o que é sempre horripilante (e ele comprou para VOCÊ um livro da bosta do Casanova?). Ugh.

Além do mais, lamento por você ter se preparado mais uma vez para sair do armário e perdido a oportunidade. Isso é horrível.

Estou tentando achar alguma coisa engraçada nisso para você. Cocô? Cocô é engraçado, né? Acho que vai rolar muito disso. Não sei por que não me parece engraçado agora. COCÔ!!!!! Estou tentando.

É tão estranho o jeito como seus pais contaram, como se os dois estivessem envolvidos. Acho que ele queria falar com a sua mãe primeiro, talvez? Depois ficou nervoso de contar para você. Como se ele tivesse a nossa idade e estivesse contando para os pais que engravidou uma garota. Que com certeza é o equivalente a sair do armário para os héteros.

Como comentário extra, você não acha que todo mundo devia ter que sair do armário? Por que o comum é ser hétero? Todo mundo devia ter que declarar o que é; devia ser uma coisa bem constrangedora, não importa se você é hétero, gay, bi ou sei lá o quê. Só uma ideia.

Não sei se estou ajudando. Acho que estou meio fora do ar (o dia foi estranho para mim também). Mas saiba que lamento por isso estar acontecendo assim, do nada. E estou pensando em você.

Com amor,

Jacques <ENVIADO 20 DEZ 18:16> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: COCÔ

Jacques, Primeiro de tudo, seu e-mail ajudou muito. Não sei, acho que foi alguma coisa entre o cocô e Casanova e a palavra “engravidou” se referindo ao meu pai. É tudo tão desastroso. Mas acho que até consigo ver certa graça nisso. Não é uma coisa necessariamente ruim ter um irmãozinho feto. Na verdade, estou curioso para saber se é menino ou menina. E estou me sentindo bem melhor agora que dormi um pouco. Acho que me abrir com você torna tudo melhor.

Que pena que seu dia também foi esquisito. Quer conversar sobre isso?

É mesmo muito irritante que hétero (e branco, diga-se de passagem) seja o normal e que as pessoas que precisam pensar sobre sua identidade sejam só aquelas que não se encaixam nesse molde. Os héteros deviam mesmo ter que sair do armário, e quanto mais constrangedor fosse, melhor. O constrangimento devia ser obrigatório. Seria essa a nossa versão da Agenda Homossexual?

Com amor,

Blue P.S.: A propósito, adivinhe o que estou comendo neste exato momento.

<ENVIADO 21 DEZ 9:37> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: COCÔ

Blue,

Espero, para o seu bem, que o Pequeno Feto seja menino, porque irmãs dão muito trabalho. Fico feliz de saber que você está se sentindo um pouco melhor. Não sei como consegui, mas que bom que ajudei.

Ah, não se preocupe com meu dia esquisito. Uma pessoa ficou com raiva de mim; é meio difícil de explicar, mas foi um mal-entendido idiota. Não importa.

Agenda Homossexual? Não sei.

Acho que está mais para Agenda Homo Sapiens. A questão é exatamente essa, né?

Com amor,

Jacques

P.S.: Você me deixou curioso. Uma banana? Uma salsicha? Um pepino? :-) <ENVIADO 21 DEZ 10:11> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com

ASSUNTO: A Agenda Homo Sapiens

Jacques,

Adorei.

Com amor,

Blue P.S.: Que mente imunda, Jacques.

P.P.S.: Está mais para uma baguete gigante.

P.P.P.S.: Não, na verdade eu estava comendo Oreo. Em sua homenagem.

<ENVIADO 21 DEZ 10:24> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: A Agenda Homo Sapiens Blue, Adorei saber que você está comendo Oreo no café da manhã. E adorei sua baguete gigante.

A questão é a seguinte. Já digitei e apaguei para tentar encontrar uma forma melhor de expressar isso. Sei lá. Vou abrir o jogo e dizer logo de uma vez: quero saber quem você é.

Acho que devíamos nos encontrar.

Com amor,

Jacques

<ENVIADO 21 DEZ 10:30>



É VÉSPERA DE Natal e alguma coisa está meio estranha.

Não ruim. Só estranha. Não sei como explicar. Estamos cumprindo todas as tradições dos Spier. Minha mãe fez cocô de rena, ou seja, trufas de Oreo. A árvore está acesa e toda decorada. Cantamos as músicas dos Esquilos.

É meio-dia, e ainda estamos todos de pijama, e todo mundo está sentado na sala, cada um com seu laptop. Acho que é meio ruim termos cinco computadores — Shady Creek é esse tipo de subúrbio —, mas mesmo assim. Estamos fazendo caça ao tesouro no Facebook.

— Diz aí, pai — pede Alice.

— Tudo bem — responde ele. — Alguém visitando um país tropical.

— Achei — diz minha mãe, virando o laptop para nos mostrar as fotos de alguém. — Essa é minha. Certo. Um fim de namoro.

Ficamos em silêncio por vários minutos, procurando nos feeds de notícias. Finalmente, Nora encontra um.

— Amber Wasserman — diz ela. — "Eu achava que conhecia você. Parece que me enganei. Um dia, você vai olhar para trás e ver o que jogou fora."

— Está mais para um rompimento implícito — digo.

— É de verdade.

— Mas dá para interpretar literalmente — argumento. — Ela pode estar brigando com ele por ter jogado o iPhone dela fora.

— Isso é um caso clássico de lógica do Simon — diz Alice —, e não será tolerado. Vai, Boop. Sua vez.

Meu pai inventou o conceito de lógica do Simon, e não consigo me livrar disso. Significa uma vontade sustentada por evidências frágeis.

— Tudo bem — diz Nora. — Agora o contrário. Um casal meloso e nojento.

É uma escolha interessante, considerando que veio de Nora, que nunca fala nada relacionado a namoro ou ficantes.

— Ah, achei um — digo. — Carys Seward. “Estou tão agradecida por ter Jaxon Wildstein na minha vida. A noite de ontem foi perfeita. Te amo tanto, gato.” Piscadela.

— Nojento — sentencia Nora.

— Essa é sua Carys, Bub?

— Não tenho uma Carys — respondo.

Mas sei o que Alice está perguntando. Namorei com Carys durante quase quatro meses na primavera. Se bem que nenhuma das nossas noites juntos foi perfeita assim.

Mas a maluquice é que, pela primeira vez na vida, eu quase entendo. É estranho, nojento, e aquela carinha piscando extrapola o conceito de excesso de informações. Mas é isso. Talvez eu esteja perdendo o controle, mas só consigo pensar em como Blue anda assinando os e-mails usando as palavras “com amor”.

Acho que às vezes consigo nos imaginar tendo a noite perfeita juntos. E acho que também vou sentir vontade de gritar para todo o mundo ouvir.

Eu atualizo a página.

— É minha vez — digo. — Certo. Um judeu com uma postagem sobre o Natal.

Meu namorado virtual judeu-anglicano. Queria saber o que ele está fazendo neste exato momento.

— Por que Nick nunca posta nada? — pergunta Nora.

Porque ele acha que o Facebook é o menor denominador comum do discurso social. Mas ele gosta de falar sobre as mídias sociais como um veículo para construir e manifestar a própria identidade. Seja lá o que isso queira dizer.

— Encontrei. Jana Goldstein. “Com a lista dos filmes em exibição nos cinemas em uma das mãos e cardápios de delivery na outra. Pronta para amanhã. Feliz Natal para os judeus!”

— Quem é Jana Goldstein? — pergunta minha mãe.

— Uma pessoa de Wesleyan — explica Alice. — Tudo bem. Alguma coisa sobre advogados. — Ela se distrai com alguma coisa, e percebo que o celular está vibrando. — Opa. Já volto.

— Advogados? Qual é, Alice! — comenta Nora. — Isso favorece papai de uma forma absurda.

— Eu sei. É que fico com pena dele — diz Alice antes de subir a escada. — Alô — diz ela, atendendo o telefone.

Um instante depois, ouvimos a porta do quarto dela ser fechada.

— Achei! — Meu pai sorri. Ele é péssimo nesse jogo, porque só tem uns doze amigos no Facebook. — Bob Lepinski. "Boas festas para vocês e seus familiares, da Lepinski e Willis, P.C."

— Boa, pai — diz Nora, e depois olha para mim. — Com quem ela está falando?

— Como é que eu vou saber?

*

Alice passa duas horas ao telefone. Isso nunca tinha acontecido antes.

É o fim da caça ao tesouro. Nora se encolhe com o laptop no sofá, e nossos pais desaparecem no quarto deles. Não quero nem pensar no que estão fazendo lá. Não depois do que o pai e a madrasta de Blue fizeram. Bieber choraminga na entrada da casa.

Meu celular vibra com uma mensagem de Leah. *Estamos na sua porta*. Leah não gosta de bater ou tocar a campanhia. Acho que tem vergonha de pais.

Eu vou até lá e encontro Bieber de pé apoiado no parapeito, tentando chegar até ela pela janela.

— Desça — ordeno. — Venha, Bieb.

Eu o seguro pela coleira e abro a porta. Está frio, mas o dia está ensolarado, e Leah está usando um gorro de lã com orelhas de gatinho. Nick está atrás dela, meio constrangido.

— Oi — digo, puxando Bieber para eles entrarem.

— Estávamos pensando em dar uma volta — diz Leah.

Eu olho para ela. Tem alguma coisa meio estranha em seu tom de voz.

— Tudo bem — respondo. — Vou só trocar de roupa.

Ainda estou com a calça do pijama com estampa de golden retrievers.

Cinco minutos depois, estou de calça jeans e moletom. Coloco a guia em Bieber e saímos.

— Vocês só queriam dar uma volta mesmo ou aconteceu alguma coisa? — pergunto.

Eles se entreolham.

— É... — diz Nick.

Eu arqueio a sobrancelha para ele e espero para ver se vai me dar alguma explicação, mas ele só desvia o olhar.

— Como estão as coisas, Simon? — pergunta Leah, com uma voz estranha e delicada.

Eu paro na mesma hora. Ainda estamos na entrada da minha casa.

— O que está acontecendo?

— Nada. — Ela mexe nos pompons do gorro. Nick olha para a rua. — Só viemos ver se você queria conversar.

— Sobre o quê?

Bieber vai até Leah e se senta, olhando para ela daquele seu jeito suplicante.

— Por que você está me olhando assim, docinho? — pergunta ela, mexendo nas orelhas dele. — Não tenho biscoitos.

— Sobre o que vocês querem conversar? — pergunto de novo.

Paramos no meio-fio, e eu me mexo, desconfortável.

Leah e Nick se entreolham de novo, e eu me dou conta.

— Ah, merda. Vocês ficaram.

— O quê? — pergunta Leah, corando. — Não!

Eu olho para Leah, depois para Nick e novamente para Leah.

— Vocês não…?

— Simon. Não. Pare.

Leah não está olhando para Nick. Na verdade, está abaixada, o rosto enfiado no focinho de Bieber.

— Certo, então do que estamos falando? — pergunto. — O que está acontecendo?

— Hã... — diz Nick.

Leah se levanta de repente.

— Bom, tá. Vou embora. Feliz Natal, pessoal. Feliz Chanucá. Sei lá.

Ela dá um aceno rápido e se abaixa mais uma vez para meu cachorro falar com ela. E vai embora.

Nick e eu ficamos ali em silêncio por um momento. Ele toca a ponta de cada dedo com o polegar.

— O Chanucá acabou — comenta, por fim.

— O que está acontecendo, Nick?

— Ah, não esquenta. — Ele suspira e olha para a rua, para Leah, cada vez mais distante. — Ela estacionou lá em casa. Vou ter que esperar um minuto, para não parecer que estou indo atrás dela.

— Você pode entrar. Meus pais não se importam. Alice está em casa.

— É? — diz ele, olhando para minha casa. — Não sei. Acho que vou…

Ele se vira para mim com uma expressão diferente. Conheço Nick desde que tínhamos quatro anos. Nunca vi essa cara antes.

— Olha. — Ele toca meu braço. Eu olho para a mão dele. Não consigo evitar. Nick nunca toca em mim. — Feliz Natal, Simon. De verdade.

Ele retira a mão e acena, depois sai andando pela rua atrás de Leah.

*

A tradição da família Spier pede que o jantar de véspera de Natal inclua rabanadas feitas de acordo com a técnica da minha avó: com pedaços grandes de pão do dia anterior, para uma absorção máxima do ovo, fritos em toneladas de manteiga, em uma frigideira parcialmente tampada. Quando minha avó faz, fica abrindo a tampa e virando o pão, e meio que estraga tudo (ela é uma avó meio

radical). Nunca fica tão crocante quanto as que meu pai faz, mas é gostoso demais mesmo assim.

Comemos à mesa de jantar com a louça de casamento dos meus pais, e minha mãe coloca o enfeite de manjedoura que gira feito um ventilador quando se acende uma vela embaixo. É um tanto hipnótico. Alice diminui a luz no aposento, e minha mãe pega guardanapos de pano. Tudo fica com uma cara bem elegante.

Mas é estranho. Não traz a sensação de véspera de Natal. Falta certo brilho, mas não sei o que é.

Eu me senti assim a semana toda, sem entender o motivo. Não sei por que tudo parece tão diferente este ano. Talvez seja porque Alice estava longe. Ou talvez porque passo cada minuto pensando em um garoto que não quer me conhecer pessoalmente. Ou que "não está pronto" para me conhecer pessoalmente. Mas ao mesmo tempo é um garoto que escreve "com amor" no fim dos e-mails. Não sei. Não sei.

No momento, só quero voltar a sentir que hoje é Natal. Quero que seja como antes.

Depois do jantar, meus pais colocam *Simplesmente Amor* e se sentam no sofá de dois lugares, com Bieber espremido entre eles. Alice desaparece de novo para falar ao celular. Nora e eu passamos um tempo sentados em cantos opostos do sofá maior. Fico olhando para as luzes da árvore. Se eu apertar os olhos, tudo fica brilhante e enevoado, e quase consigo ter de volta aquela sensação que não esqueço. Mas é inútil. Então, vou para o meu quarto, me deito na cama e escuto músicas no modo aleatório.

Três músicas depois, ouço uma batida na porta.

— Simon.

É Nora.

— Que foi?

Ugh.

— Vou entrar.

Eu me apoio no travesseiro e olho para ela um pouco enfezado. Mas ela entra

mesmo assim; tira minha mochila da cadeira da escrivaninha e se senta, com as pernas dobradas e os braços ao redor dos joelhos.

— Oi — diz ela.

— O que você quer?

Ela está usando os óculos novamente, já tirou as lentes de contato. O cabelo está preso em um rabo de cavalo meio despenteado, e ela colocou uma camiseta de Wesleyan. É incrível como ela está ficando parecida com Alice.

— Preciso mostrar uma coisa — diz ela.

Nora vira a cadeira para a escrivaninha e começa a abrir meu laptop.

— Você pirou?

Dou um pulo. Sério. Ela acha mesmo que vai usar meu laptop assim, livremente?

— Tá, tudo bem. Você faz, então.

Ela tira o laptop da tomada e vai com a cadeira para perto da cama, para que eu o pegue.

— O que tenho que fazer?

Nora aperta os lábios e olha para mim de novo.

— Abra o Tumblr.

— O… creeksecrets?

Ela assente.

Está nos meus favoritos.

— Está carregando — digo. — Pronto. Abri. E agora?

— Posso sentar do seu lado? — pergunta.

Eu olho para ela.

— Na cama?

— É.

— Hã, tá.

Ela senta ao meu lado e olha para a tela.

— Mais pra baixo.

Desço a barra de rolagem. E paro.

Ela se vira e olha para mim.

Merda. Não estou acreditando.

— Está tudo bem? — pergunta ela, baixinho. — Sinto muito, Simon. Mas achei que você fosse querer saber. Supondo que não tenha sido você quem escreveu.

Eu balanço a cabeça lentamente.

— Não, não fui eu.

24 de dezembro, 10:15

CONVITE ABERTO DE SIMON SPIER A TODOS OS GAROTOS

Queridos rapazes de Creekwood,

Com esta missiva, declaro que sou completamente gay e estou aberto para negócios. Os interessados podem fazer contato direto comigo para discutir planos de sexo anal pelo cu. Ou bluequete. Mas não me façam ter dor nos ovos. Garotas não precisam se candidatar. Isso é tudo.

— Já denunciei — disse Nora. — Vão retirar.

— Mas as pessoas já viram.

— Não sei. — Ela fica em silêncio por um tempo. — Quem postaria uma coisa dessas?

— Uma pessoa que não sabe que “sexo anal pelo cu” é redundância.

— Isso é tão ridículo... — diz ela.

É claro que eu sei quem postou. E acho que devia agradecer por ele não ter postado uma das malditas capturas de tela. Mas, sinceramente: aquela referência imbecil a Blue faz dele o maior babaca sobre a face da Terra.

Meu Deus, e se Blue ler?

Fecho o laptop e o jogo na cadeira. Eu recosto a cabeça na cabeceira, e Nora senta na cama. Os minutos passam.

— Sabe, é verdade — digo, enfim. Não olho para ela. Nós dois ficamos encarando o teto. — Eu sou gay.

— Eu imaginei.

Eu olho para ela.

— Sério?

— Pela sua reação. Sei lá. — Ela pisca. — O que você vai fazer agora?

— Esperar que retirem o post. O que mais eu posso fazer?

— Você vai contar para as pessoas?

— Acho que Nick e Leah já leram — respondo, hesitante.

Nora dá de ombros.

— Você pode negar.

— Ah, não vou negar. Não tenho vergonha.

— Tudo bem, é que eu não sabia. Você não tinha dito nada até agora.

Ai, meu Deus. É sério?

Eu sento.

— É, você não tem a menor ideia da merda que está falando.

— Me desculpa! Caramba, Simon. Só estou tentando… — Ela olha para mim. — É claro que não é motivo para se envergonhar. Você sabe disso, né? E acho que a maioria das pessoas vai levar numa boa.

— Não sei o que as pessoas acham disso.

Ela hesita.

— Você vai contar para mamãe e papai? E para Alice?

— Não sei. — Eu dou um suspiro. — Não sei.

— Seu celular não para de vibrar — diz Nora.

Ela o entrega para mim. Tem cinco mensagens de Abby.

Simon, vc tá bem?

Me liga quando puder, tá?

Não sei como dizer isso, mas vc devia olhar o Tumblr. Te amo.

Eu não contei pra ninguém. Eu jamais contaria nada pra ninguém. Te amo, tá?

Me liga?

*

E então, é Natal. Eu acordava às quatro da manhã todos os anos, em um frenesi

desesperado. Não importava quanto eu me empenhava na busca de pistas, e, acredite, eu me empenhava. Mas Papai Noel era ninja. Ele sempre conseguia me surpreender.

Ao que parece, ganhei um presentão neste Natal. Boas vibrações para você também, Martin.

Às sete e meia, eu desço as escadas, e tudo dentro de mim se contorce e se contrai. As luzes ainda estão apagadas, mas o sol da manhã brilha pelas janelas da sala, e a árvore está toda apagada. Há cinco meias abarrotadas encostadas nas almofadas do sofá, pesadas demais para serem penduradas. O único acordado é Bieber. Eu o levo lá fora para um xixi rápido e dou o café da manhã dele, e ficamos deitados no sofá.

Sei que Blue está agora na igreja com a mãe, o tio e os primos, e todos foram na noite de ontem também. Ele está passando mais tempo na igreja nesses dois dias do que eu em toda a minha vida.

É engraçado. Não achei que fosse ser nada de mais. Mas acho que eu preferia estar na igreja agora, porque assim não teria que fazer o que estou planejando.

Às nove, todo mundo está acordado e o café está pronto, e estamos comendo biscoitos. Alice e Nora leem coisas nos celulares. Eu me sirvo de uma caneca de café e acrescento uma quantidade extra de creme e açúcar. Minha mãe fica observando enquanto eu mexo a bebida.

— Eu não sabia que você tomava café.

Isso, por exemplo. Ela faz isso toda hora. Os dois fazem. Eles me colocam em uma caixa, e toda vez que tento abrir a tampa, eles a fecham de volta. É como se nada em mim pudesse mudar.

— É, eu tomo.

— Tudo bem — diz ela, levantando as mãos como quem diz *Ei, calma*. — Tudo bem, filho. Mas é uma coisa diferente. Só estou tentando acompanhar você.

Se ela acha o fato de eu tomar café uma grande novidade, vai ser uma manhã de merda mesmo.

Vamos até a pilha de presentes. Blue me contou que na família dele os

presentes são abertos um de cada vez, e todo mundo espera sua vez. E, depois de algumas rodadas, eles fazem uma pausa e almoçam. É tão civilizado. Eles demoram a tarde inteira para esvaziar a árvore de Natal.

Não é bem assim com os Spier. Alice vai agachada até a árvore e começa a passar sacos e caixas para todo mundo, e todos nós falamos ao mesmo tempo.

— Uma capinha para o Kindle? Eu não tenho…

— Abra o outro, querida…

— Ei, café Aurora!

— Não, coloque do outro jeito, Boop. Todo mundo usa em Wesleyan.

Em vinte minutos, parece que uma fábrica de papel explodiu na sala. Estou no chão, deitado na frente do sofá, enrolando o fio do meu novo fone de ouvido nos dedos. Bieber está segurando um laço com as patas, puxando e mordendo, e todo mundo está jogado na sala.

É a minha deixa.

Se bem que, se esse momento realmente pertencesse a mim, não estaria acontecendo. Não agora. Ainda não.

— Ei. Quero falar uma coisa com vocês.

Tento parecer tranquilo, mas minha voz sai rouca. Quando Nora olha para mim e abre um sorriso de leve, meu estômago dá um nó.

— O que foi? — pergunta minha mãe, e se senta.

Não sei como as pessoas fazem isso. Como Blue fez. Três palavras. Só três palavrinhas e não vou ser mais o mesmo Simon. Estou com a mão tapando a boca, olhando para a frente.

Não sei por que achei que seria fácil.

— Sei o que é — diz meu pai. — Vou tentar adivinhar. Você é gay. Você engravidou alguém. *Você* está grávido.

— Pai, para — diz Alice.

Eu fecho os olhos.

— Estou grávido — digo.

— Foi o que pensei, filho — responde meu pai. — Você está brilhando.

Olho nos olhos dele.

— Falando sério agora. Eu sou gay.

Três palavras.

Todo mundo fica em silêncio por um momento.

E então, minha mãe diz:

— Querido… Isso é… Meu Deus, é… Obrigada por contar.

E então, Alice diz:

— Uau, Bub. Que legal.

E meu pai diz:

— Gay, é?

E minha mãe diz:

— Fale mais sobre isso.

É uma de suas falas favoritas de psicóloga. Eu olho para ela e dou de ombros.

— Estamos orgulhosos de você — acrescenta ela.

E aí, meu pai sorri e diz:

— E então, qual delas fez isso?

— Fez o quê?

— Fez você deixar de se interessar por mulheres. Foi a das sobrancelhas, a da maquiagem nos olhos ou a dentuça?

— Pai, isso é tão ofensivo — observa Alice.

— O quê? Só estou tentando descontrair. Simon sabe que nós o amamos.

— Seus comentários heteronormativos não aliviam o clima.

Acho que as coisas acontecem mais ou menos como eu esperava. Minha mãe perguntando sobre meus sentimentos, papai fazendo piada, Alice agindo de forma politicamente correta e Nora de bico calado. Daria para dizer que a previsibilidade oferece certo consolo, e minha família é bem previsível.

Mas estou exausto e infeliz agora. Pensei que fosse me sentir como se estivesse tirando um peso dos ombros. Mas está sendo como todo o resto dessa semana. Estranho e surreal.

*

— É uma notícia e tanto, Bub — comenta Alice, indo atrás de mim quando vou para o quarto.

Ela fecha a porta e senta de pernas cruzadas na ponta da minha cama.

— Ugh — respondo.

Eu desabo de cara no travesseiro.

— Ei. — Ela inclina o corpo para o lado, até ficar bem perto de mim. — Está tudo bem. Não precisa ficar chateado.

Eu a ignoro.

— Não vou sair, Bub. Porque você vai ficar aí sofrendo. Vai colocar aquela playlist. Como se chama?

— A Grande Depressão — murmuro.

É cheia de Elliott Smith e Nick Drake e The Smiths. Já está pronta, é só apertar o play.

— Certo — diz ela. — *A Grande Depressão*. Tão alegre. De jeito nenhum.

— Por que você está aqui?

— Porque sou sua irmã mais velha, e você está precisando de mim.

— Eu preciso ficar sozinho.

— De jeito nenhum. Conversa comigo, Bub! — diz ela. Alice desliza na minha direção. — Isso é demais. Podemos conversar sobre garotos.

— Tudo bem — digo, me apoiando nos braços e sentando. — Então me conte sobre seu namorado.

Hã?

Eu olho para ela.

— Os telefonemas. Você fica horas no quarto. Fala sério.

— Pensei que estivéssemos falando da sua vida amorosa.

Ela fica vermelha.

— Quer dizer que eu faço uma cena e *saio do armário*, e todo mundo debate a situação bem na minha frente em pleno maldito Natal. E você não vai nem me contar que tem namorado?

Alice fica em silêncio por um instante, e sei que está sem argumentos. Ela suspira.

— Como você sabe que não é namorada?

— É namorada?

— Não — diz ela, finalmente se encostando na cabeceira. — Namorado.

— Qual é o nome dele?

— Theo.

— Ele tem Facebook?

— Tem.

Eu abro o aplicativo no celular e saio olhando a lista de amigos dela.

— Ai, meus Deus. Para — diz ela. — Sério, Simon. Para.

— Por quê?

— Porque foi exatamente por isso que eu não quis contar para vocês. Eu sabia que fariam isso.

— Faríamos o quê?

— Um monte de perguntas. Fofocariam na internet. Reclamariam por ele gostar de torta, ou por ter barba, ou alguma coisa assim.

— Ele tem barba?

— Simon.

— Desculpa — digo, e coloco o celular na mesa de cabeceira.

Eu entendo. Na verdade, entendo *mesmo*.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Eu vou contar para eles — diz ela.

— Você que decide o que fazer.

— Não, você está certo. Não estou tentando ser… sei lá. — Ela começa de novo. — Se você teve coragem de contar que é gay, eu devia…

— Você devia ter coragem de contar que é hétero.

Ela abre um sorriso.

— Mais ou menos isso. Você é engraçado, Bub.

— Eu tento.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Ah, noite infeliz Blue, Eu tive o Natal mais epicamente esquisito e horrível de todos os tempos, e a maior parte do que aconteceu eu nem posso contar. E isso é uma merda. Basicamente, por causa de algumas circunstâncias misteriosas, saí do armário para a família inteira, e em breve para todo o universo. Acho que é tudo que posso dizer a respeito.

Então é sua vez de me distrair, tudo bem? Me conte mais sobre o Pequeno Feto e as escapadas sexuais horrendas dos seus pais, ou me diga quanto sou fofo. Me conte também que comeu muito peru e agora está nauseado. Você sabia que é a única pessoa que conheço que usa a palavra “nauseado”? Finalmente joguei no Google, e até que encontrei várias ocorrências nos resultados.

Sei que você vai para Savannah amanhã, mas espero de verdade que seu pai tenha internet, porque acho que meu coração não vai aguentar esperar uma semana inteira por um e-mail seu. Você devia me dar seu número de celular para eu mandar mensagens. Juro que também escrevo relativamente certo em mensagem de texto.

Feliz Natal, Blue. De coração. E espero que todo mundo deixe você em paz hoje, porque isso que você descreveu parece família até DEMAIS. Talvez ano que vem a gente possa fugir e passar o Natal em algum lugar distante, onde nossas famílias não consigam nos encontrar.

Com amor,

Jacques

<ENVIADO 25 DEZ 17:12> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: Ah, noite infeliz Ah, Jacques. Sinto muito. Não consigo nem imaginar que circunstâncias misteriosas tiraram você do armário para todo o universo, mas não parece nada bom, e sei que não é o que você queria. Eu gostaria de poder fazer alguma coisa para ajudar.

Não há novidades sobre o Pequeno Feto, mas basta dizer que estou mais do que um pouco nauseado agora que tive o prazer de ler as palavras “escapadas sexuais” e “pais” na mesma frase. E acho mesmo você fofo. Você é absurdamente fofo. Acho que passo tempo demais pensando em quanto você é adorável nos e-mails e tentando traduzir isso em uma imagem mental viável para fantasias e similares.

Mas essa coisa de mensagens de texto… Aaaah, não sei. Mas você não precisa se preocupar com minha viagem. Tem internet de sobra em Savannah. Você não vai nem perceber que eu viajei.

Com amor,

Blue.

<ENVIADO 25 DEZ 20:41> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Fantasias… e similares Especificamente: “e similares”.

Por favor, seja mais claro.

Com amor,

Jacques
P.S.: E SIMILARES? Sério?

<ENVIADO 26 DEZ 13:12> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Fantasias… e similares E… acho que vou calar a boca agora. ☺

Com amor,

Blue

<ENVIADO 26 DEZ 22:42>



É O SÁBADO pós-natal, e a Waffle House está lotada de gente velha, crianças e pessoas aleatórias sentadas no balcão lendo jornais impressos de verdade. As pessoas gostam mesmo de ir lá tomar café da manhã. Acho que, tecnicamente, é um restaurante de café da manhã. Nossos pais vão dormir até mais tarde, então estamos só eu e minhas irmãs, e estamos encostados em uma parede esperando uma mesa.

Passamos uns vinte minutos lendo coisas aleatórias no celular. Mas aí, Alice diz: — Ah, oi.

Ela está olhando para um cara sentado a uma mesa do outro lado do salão. Ele levanta a cabeça e sorri e acena para ela. É estranhamente familiar, magro e com cabelo castanho encaracolado.

— Aquele é…?

— É Carter Addison. Ele se formou um ano antes de mim. É um cara muito legal. Na verdade, Bub, acho que talvez você devesse conversar com ele, porque…

— É. Vou embora — digo.

Acabei de perceber por que Carter Addison é tão familiar.

— O quê? Por quê?

— Porque sim.

Estico a mão, pronto para pegar a chave do carro. Assim que ela me entrega, saio do restaurante.

Estou no banco do motorista com o iPod ligado e o aquecedor no máximo, tentando escolher entre Tegan and Sara e Fleet Foxes. De repente, a porta do passageiro se abre e Nora entra.

— O que deu em você? — pergunta ela.

— Nada.

— Você conhece aquele cara?

— Que cara?

— Aquele com quem Alice está conversando.

— Não.

Nora me encara.

— Então por que fugiu assim que o viu?

Eu me recosto no banco e fecho os olhos.

— Eu conheço o irmão dele — explico.

— Quem é o irmão dele?

— Sabe aquela postagem do creeksecrets?

Nora arregala os olhos.

— Aquela sobre…

— É.

— Por que ele escreveria uma coisa daquelas? — pergunta Nora.

Eu dou de ombros.

— Porque ele gosta da Abby, mas é um imbecil e acha que ela gosta de mim. Sei lá. É uma história complicada.

— Que escroto — diz Nora.

— É — retruco, surpreso.

Nora nunca se referiu a ninguém dessa forma.

Levo um susto com alguém batendo na janela; me viro e vejo o rosto furioso de Alice.

— Saia — ordena ela. — Eu dirijo.

Eu vou para o banco de trás. Não ligo.

— O que foi aquilo tudo? — pergunta ela, olhando pelo retrovisor enquanto sai da vaga de ré.

— Não quero falar sobre isso.

— Ah, é só que foi meio estranho tentar explicar para o Carter por que meu irmão e minha irmã saíram correndo assim que o viram. — Ela entra na Roswell

Road. — O irmão dele estava lá, Bub. É do seu ano na escola. Marty. Ele me pareceu legal.

Eu não digo nada.

— E eu queria muito comer waffle hoje — diz ela, de mau humor.

— Deixa pra lá, Allie — diz Nora.

A frase fica no ar. Outra coisa que Nora nunca faz é contrariar Alice.

Seguimos em silêncio pelo resto do caminho.

*

— Simon, a geladeira do porão. Não depois. Não em um minuto. Agora — diz minha mãe —, senão a festa está cancelada.

— Mãe. Para. Eu vou fazer. — Sério. Não tenho noção de onde ela tirou que isso é uma festa. — Você sabe que Nick, Leah e Abby já vieram aqui umas cinco zilhões de vezes.

— Tudo bem, mas dessa vez você vai deixar o porão apresentável, senão vai passar o ano-novo no sofá, espremido entre mim e seu pai.

— Ou a gente vai para a casa do Nick — murmuro.

Minha mãe está subindo a escada, mas se vira para olhar para mim.

— Não vai, não. E, por falar em Nick... Seu pai e eu discutimos isso, e queremos sentar com você e conversar sobre ele dormir aqui. Não estou preocupada com hoje, pois as garotas vão estar, mas estamos pensando nas próximas…

— Ai, meu Deus, mãe, para. Não quero falar disso agora.

Nossa. Como se Nick e eu não conseguíssemos ficar no mesmo quarto sem começarmos a fazer sexo selvagem freneticamente.

Todo mundo chega às seis, e acabamos acomodados no sofá velho do porão comendo pizza e vendo reprises de *The Soup*. Nosso porão é uma espécie de cápsula do tempo, com um carpete cor de caramelo e prateleiras com Barbies, Power Rangers e Pokémons. Também tem um banheiro e uma pequena lavanderia com geladeira. É aconchegante e incrível.

Leah está sentada na ponta do sofá, depois estamos eu e Abby. Nick está na outra ponta, mexendo nas cordas do violão velho de Nora. Bieber choraminga do alto da escada, e ouço passos acima de nós. Abby está contando uma história sobre Taylor; aparentemente, Taylor disse alguma coisa irritante. Estou tentando rir nas horas certas. Acho que estou meio pilhado. Leah só presta atenção na televisão.

Quando acabamos de comer, corro para abrir a porta para Bieber, que quase tropeça na escada, entrando na sala feito uma bala de canhão.

Nick coloca a TV no mudo e toca uma versão lenta e acústica de “Brown Eyed Girl”. Os passos no andar de cima param, e ouço alguém dizer: “Nossa. Que lindo.” É uma das amigas de Nora. A voz de Nick tem um efeito sobrenatural em garotas do nono ano.

Nick está sentado bem perto de Abby no sofá, e acho que sinto ondas de pânico irradiando de Leah. Ela e eu estamos no chão, fazendo carinho na barriga de Bieber. Ela não falou nada até agora.

— Olha esse cachorro — comento. — Zero vergonha. Está praticamente dizendo: “Passem as mãos em mim.”

Estou sentindo uma pressão estranha para ser mais alegre e falante do que o normal.

Leah passa os dedos pelos cachos da barriga de Bieber e não responde.

— Ele tem boca de garrafa de Coca-Cola — observo.

Ela me olha.

— Acho que isso não existe.

— Não?

Às vezes esqueço o que é invenção da família Spier e o que é real.

E então, do nada e sem mudar de entonação, ela diz: — Tiraram aquela postagem.

— Eu sei — respondo, e sinto um tremor nervoso nas entranhas. Ainda não tinha falado sobre a postagem do Tumblr com Nick e Leah, mas sei que eles viram.

— Mas não precisamos falar sobre ela — diz Leah.

— Tudo bem.

Olho para o sofá. Abby está encostada nas almofadas com os olhos fechados e um sorriso nos lábios. A cabeça está inclinada na direção de Nick.

— Você sabe quem escreveu? — pergunta Leah.

— Sei.

Ela me olha, esperando que eu conte.

— Não importa — acrescento.

Ficamos em silêncio por um momento. Nick para de tocar, mas cantarola e batuca na madeira do violão. Leah enrola o cabelo e o deixa cair de novo. Olho para ela, mas sem encará-la.

— Sei o que você quer me perguntar — digo.

Ela dá de ombros e sorri de leve.

— Eu sou gay. Essa parte é verdade.

— Tudo bem — diz ela.

Percebo de repente que Nick parou de cantarolar.

— Mas vou deixar para falar disso num outro dia. Enfim. Vocês querem sorvete?

Eu me levanto.

— Você acabou de contar pra gente que é gay? — pergunta Nick.

— Foi.

— Tudo bem — diz ele.

Abby lhe dá um tapa.

— O quê?

— Isso é tudo que você vai dizer? “Tudo bem”? — pergunta ela.

— Ele falou que não queria falar sobre isso — afirma Nick. — O que devo dizer?

— Alguma palavra de apoio. Sei lá. Ou segure a mão dele meio sem jeito, como eu fiz. Qualquer coisa.

Nick e eu nos olhamos.

— Eu não vou segurar sua mão — digo para ele, abrindo um sorrisinho.

— Tudo bem — retruca ele, assentindo —, mas saiba que eu seguraria a sua.

— Ahhh, assim é melhor — diz Abby.

Leah se vira de repente para Abby.

— Simon já tinha contado para você?

— Ele, hã, contou — responde Abby, olhando para mim rapidamente.

— Ah — diz Leah.

E ficamos em silêncio.

— Eu vou pegar o sorvete — digo, e vou para a escada; Bieber vem logo atrás, quase me atropelando.

*

Horas depois, o sorvete foi comido, a contagem regressiva foi feita e meus vizinhos gastaram todos os fogos de artifício. Eu olho para o teto do porão. É feito de estuque, e, no escuro, a textura forma imagens e rostos imaginários. Todo mundo levou um saco de dormir, mas, em vez de usá-los, empilhamos cobertores, lençóis e travesseiros no tapete.

Abby, ao meu lado, está dormindo, e ouço Nick roncando. Os olhos de Leah estão fechados, mas ela respira como se estivesse acordada. Acho que seria errado cutucá-la para descobrir. Mas, de repente, ela rola para o lado, suspira e abre os olhos.

— Ei — sussurro, rolando o corpo na direção dela.

— Ei.

— Você está com raiva?

— Do quê?

— De eu ter contado para a Abby primeiro.

Ela fica em silêncio por vários segundos e diz: — Não tenho o direito de ficar com raiva.

— Como assim?

— Isso é um problema seu, Simon.

— Mas você tem direito a ter emoções.

Se tem uma coisa que aprendi com uma mãe psicóloga, foi isso.

— Mas a questão aqui não sou eu.

Ela rola e fica de costas, colocando um dos braços embaixo da cabeça.

Não sei o que dizer. Ficamos em silêncio por um minuto.

— Não fique com raiva — digo.

— Você achou que eu reagiria mal ou que não aceitaria?

— Claro que não. Meu Deus, Leah, não. Isso nem passou pela minha cabeça. Você é a mais… Foi você quem me apresentou a Harry e Draco. Isso nunca foi uma preocupação.

— Tudo bem, então. — A outra mão dela está em cima da barriga, subindo e descendo a cada respiração. — E para quem mais você contou?

— Só para a minha família. Nora viu o Tumblr, então tive que contar.

— Entendi. E para quem mais além de Abby?

— Ninguém — respondo.

Fecho os olhos e penso em Blue.

— Então, como foi parar no Tumblr? — pergunta ela.

— Ah, isso. — Eu faço uma careta. — É uma longa história.

Ela vira a cabeça para mim, mas não responde. Sei que está me observando.

— Acho que estou quase pegando no sono — digo.

Mas não estou. E não durmo. Por horas e horas.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: auld lang syne Jacques,

Pobre zumbi. Espero que você já esteja dormindo de novo enquanto digito isto. A boa notícia é que ainda temos quatro dias de recesso, que devem ser dedicados exclusivamente a dormir e escrever para mim.

Senti sua falta ontem à noite.

A festa foi boa. Fui para a casa da avó da minha madrasta, e, como ela tem uns noventa anos, lá pelas nove horas nós já estávamos de volta sentados em frente à TV.

Ah, e o sr. Despertar Sexual estava lá, acredita? A mulher dele está extremamente grávida. Ela e minha madrasta estavam comparando fotos de ultrassom dos fetos no jantar.

Nosso Pequeno Feto parece um alienígena fofinho com cabeção e membros pequenininhos. Dá para ver o nariz dele ou dela, e até que achei isso legal. Mas, infelizmente, a mulher do sr. Despertar Sexual tinha uma foto em 3-D. Só posso dizer, Jacques, que tem coisas que não dá para apagar da memória.

Algum plano para os últimos dias de recesso?

Com amor,

Blue

<ENVIADO 1 JAN 13:19> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: auld lang syne Nossa, estou um zumbi mesmo. Completamente destruído. Acabamos de voltar da Target, e adormeci no carro a caminho de casa. E, felizmente, era minha mãe quem estava dirigindo. Mas você tem que entender que a Target fica a uns cinco minutos de onde moro. Não é estranho? Agora, estou me sentindo esquisito, grogue e desorientado, e acho que meus pais vão querer jantar em família esta noite.

Ugh.

Que pena saber do seu trauma com o ultrassom em 3-D, de cujos detalhes você tentou tão gentilmente me poupar. Infelizmente, sou um idiota com pouquíssimo autocontrole quando se trata do Google Imagens. E agora está marcado para sempre na minha memória também. Ah, o milagre da vida. Você talvez queira pesquisar “bonecas reborn”. Sério mesmo, dá uma olhada.

Não tem nada acontecendo por aqui no fim de semana, fora o fato de que todas as coisas do universo me lembram você. A Target está cheia de você. Você sabia que fazem umas canetas Sharpie enormes chamadas Super Sharpie? E tem também a supercola, claro. Parece a Liga da Justiça de artigos de papelaria. Quase comprei, só para mandar para você as fotos deles lutando contra o crime. Eu teria feito capas e tudo. Só que ALGUÉM continua não querendo me dar o número do celular.

Com amor,

Jacques <ENVIADO 1 JAN 17:31> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Reborn Acho que você me deixou sem palavras. Acabei de ler o artigo da Wikipédia e estou olhando as fotos agora. Não consigo parar de olhar. Acho que você encontrou a coisa mais bizarra da internet, Jacques.

E ri alto da sua Liga da Justiça de artigos de papelaria combatendo o crime. Eu queria ter visto. Mas a história das mensagens de texto… só posso dizer que sinto muito. A ideia de trocar números de celular ainda me apavora. De verdade. É por causa da ideia de que você poderia ligar e ouvir a voz na caixa postal e SABER. Não sei o que dizer, Jacques. Não estou pronto para você saber quem eu sou. Sei que é idiotice, e, sinceramente, a essa altura, passo metade do tempo imaginando nosso primeiro encontro. Mas não consigo pensar em alguma forma de isso acontecer sem tudo mudar entre a gente. Acho que tenho medo de perder você.

Faz algum sentido?

Não me odeie.

Com amor,

Blue

<ENVIADO 2 JAN 10:13> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Reborn Acho que estou tentando entender seu ponto de vista sobre as mensagens de texto. Você tem que confiar em mim! É verdade que sou curioso, mas não vou telefonar se você não se sentir à vontade para isso. Não vamos surtar por conta disso. E não quero parar de mandar e-mails. Só quero também poder mandar mensagens de texto, como uma pessoa normal.

E SIM, eu quero me encontrar pessoalmente com você. E obviamente, isso mudaria as coisas, mas acho que estou meio que pronto para essa mudança. Talvez seja, sim, uma grande coisa. Não sei. Quero saber os nomes dos seus amigos e o que você faz depois da aula e todas as coisas que não me conta. Quero saber como é sua voz.

Mas só quando você estiver pronto. E eu jamais conseguiria odiar você. Você não vai me perder. Mas pense nisso. Tá?

Com amor,

Jacques

<ENVIADO 2 JAN 12:25>



É O PRIMEIRO dia de aula depois do recesso de Natal, e estou considerando passar o dia todo no estacionamento. Não sei explicar. Achei que ficaria bem. Mas agora que estou aqui, não consigo sair do carro. Fico enjoado só de pensar.

— Nem devem se lembrar mais do post — diz Nora.

Eu dou de ombros.

— Ficou lá por o quê, uns três dias? E foi há mais de uma semana.

— Quatro dias.

— Alguém ainda lê aquele Tumblr?

Entramos na escola assim que o primeiro sinal toca. As pessoas estão correndo e se empurrando pela escada. Ninguém parece prestar atenção em mim, e, apesar de todo o esforço de Nora para me tranquilizar, dá para ver que ela está tão aliviada quanto eu. Sigo com a multidão até meu armário, e acho que estou finalmente começando a relaxar. Algumas pessoas acenam para mim normalmente. Garrett, da mesa do almoço, passa por mim e diz: — E aí, Spier?

Jogo a mochila no armário e pego os livros de literatura e francês. Ninguém colocou bilhetes homofóbicos ali, ainda bem. E também não rabiscaram a palavra “bicha” na porta, melhor ainda. Estou quase pronto para acreditar que as coisas melhoraram um pouco em Creekwood. E que ninguém viu a postagem de Martin no Tumblr, afinal.

Martin. Meu Deus, não quero nem pensar em ter que ver aquela cara de capeta dele. E é claro que ele está na mesma droga de turma que eu no primeiro tempo.

Ainda sinto uma onda silenciosa de medo quando penso em vê-lo de novo.

No momento, só estou tentando respirar.

Quando entro no corredor de línguas e artes, um cara do futebol americano que mal reconheço esbarra com tudo em mim quando está descendo a escada. Dou um passo para trás para me equilibrar, mas ele coloca a mão no meu ombro e olha no fundo dos meus olhos.

— Ah, oi — diz ele.

— Oi…

Ele me segura pelas bochechas e puxa meu rosto como se fosse me beijar.

— Smack!

Ele sorri, e seu rosto está tão perto que sinto o calor do hálito dele. E, ao meu redor, as pessoas estão rindo; parecem a merda do Elmo, de *Vila Sésamo*.

Eu me afasto dele com as bochechas pegando fogo.

— Aonde você vai, Spier? — pergunta alguém. — É a vez do McGregor.

E todo mundo começa a rir de novo. Sabe, eu nem conheço essas pessoas. E não sei que tanta graça elas veem, pelo amor de Deus.

Na aula de literatura, Martin não olha para mim.

Mas, durante o dia inteiro, Leah e Abby parecem dois pitbulls, lançando olhares cheios de fúria para qualquer um que me encare de um jeito esquisito. É muito fofo da parte delas. No final das contas, o dia não é um completo desastre. Algumas pessoas cochicham e riem. Outras me dão sorrisos enormes e aleatórios no corredor, sabe-se lá com que intenção. Duas lésbicas que nem conheço se aproximam de mim em frente ao meu armário, me abraçam e me dão seus números de telefone. E pelo menos uns doze alunos héteros fazem questão de me dizer que me apoiam. Uma garota até confirma que Jesus ainda me ama.

É muita atenção. Minha cabeça está girando.

No almoço, as garotas decidem discutir e avaliar cinquenta milhões de caras que, na opinião delas, são possíveis namorados para mim. E está tudo perfeito e hilário até Anna fazer uma piada sobre Nick ser gay. Em resposta, Nick se joga em cima de Abby. E Leah fica transtornada.

— Devíamos arrumar um namorado para Leah também! — diz Abby, e quando ela fala isso eu me encolho.

Eu amo a Abby e sei que ela só está tentando aliviar o clima, mas meu Deus

do céu. Tem horas que ela consegue dizer o contrário da coisa certa.

— Não, muito obrigada, querida — responde Leah, naquele seu tom agradavelmente doentio.

Só que os olhos dela parecem bolas incandescentes de ódio. Ela se levanta de repente e empurra a cadeira sem falar mais nada.

Assim que ela sai, Garrett olha para Bram, que morde os lábios. E tenho quase certeza de que esse é o código para "Bram gosta da Leah".

E não sei por quê, mas isso me deixa irritado.

— Se você gosta dela, faça alguma coisa — digo para Bram, e ele fica vermelho.

Sei lá. Estou de saco cheio de gente hétero que não consegue resolver as próprias merdas.

De alguma forma, consigo sobreviver até o ensaio. É o primeiro sem os roteiros, e vamos direto para as cenas de grupo. Há acompanhamento musical agora, e as pessoas estão cheias de energia. Acho que caiu a ficha de que a estreia é em menos de um mês.

Mas, na metade da música do ladrão, Martin para de cantar.

— Você só pode estar de brincadeira — diz Abby.

E todo mundo fica em silêncio por um minuto, se entreolhando. Olhando para todos os lados, menos para mim. Por um minuto, fico confuso, mas aí sigo o olhar de Abby até o fundo do auditório. E tem dois caras aleatórios em frente à dupla hélice, com aparência meio familiar. Acho que eram da minha turma de saúde do ano passado. Um está usando moletom com capuz e óculos falsos, além de uma saia por cima da calça cáqui; os dois estão segurando cartazes enormes.

O cartaz do primeiro cara diz: "E aí, Simon?"

E o cartaz do cara de saia diz: "WHAT WHAT - IN THE BUTT?", fazendo alusão à música.

Os caras estão rebolando, e outras pessoas espiam pela porta e riem. Uma garota está rindo tanto que está com as mãos na barriga, e uma pessoa diz: — Parem, meninos! Meu Deus, vocês são horríveis.

Mas ela também está rindo.

É estranho, não estou nem ficando vermelho. Parece que estou assistindo a tudo isso de um milhão de quilômetros de distância.

De repente, Taylor Metternich, logo ela, dispara pela escada lateral do palco e pelo corredor do auditório. Abby a segue.

— Ah, merda — diz o cara de saia, e o outro ri.

Eles saem correndo do auditório, deixando a porta bater.

Taylor e Abby vão atrás, e há uma gritaria e passos lá fora. A sra. Albright faz o mesmo, e o resto de nós só fica ali. Só que, de alguma forma, acabo sentado em uma das plataformas, espremido entre duas veteranas que estão com os braços ao redor dos meus ombros.

Tenho um vislumbre de Martin, e ele parece arrasado. Está cobrindo o rosto com as mãos.

Alguns minutos depois, Abby entra de novo, seguida da sra. Albright, que está guiando Taylor com delicadeza. O rosto dela está inchado e vermelho, como se tivesse chorado. Vejo a sra. Albright levar Taylor até a fila da frente e acomodá-la ao lado de Cal. Ela se ajoelha na frente deles por um minuto para conversar.

Abby vem falar comigo, balançando a cabeça.

— As pessoas são um lixo — diz ela.

Eu faço que sim lentamente.

— Eu achei que Taylor fosse bater em um daqueles caras.

Taylor Metternich. Sério. Quase batendo em um cara.

— Você está brincando — comento.

— Não estou — diz Abby. — Eu também quase bati.

Olho rapidamente para Taylor. Ela está encostada na cadeira, de olhos fechados, só respirando.

— Mas ela não bateu, né? Não quero arranjar um problema para ela.

— Ai, meu Deus. Nunca diga isso. Nada disso é culpa sua, Simon — diz Abby. — Aqueles caras são uns babacas.

— Eles não podem sair impunes — observa Brianna. — A política aqui não é de tolerância zero?

Mas a política de tolerância zero ao bullying de Creekwood é aplicada com tanta rigidez quanto as malditas regras de vestuário.

— Não esquenta — diz Abby. — Eles estão na sala da sra. Knight agora. Acho que a escola está tentando entrar em contato com os pais deles.

E, instantes depois, a sra. Albright reúne todo mundo em um círculo no palco.

— Lamento que vocês tenham visto aquilo. — Ela olha sobretudo para mim. — Foi incrivelmente desrespeitoso e inadequado, e quero que saibam que levo isso muito a sério. — Ela hesita, e eu olho para ela. Percebo de repente que a sra. Albright está furiosa. — Infelizmente, vamos ter que encerrar por hoje, para que eu resolva isso. Sei que é inesperado e peço desculpas a todos. Retomamos o ensaio amanhã.

Ela vem até mim e se agacha na frente da minha plataforma.

— Você está bem, Simon?

Sinto que fico um pouco vermelho.

— Estou.

— Tudo bem — diz ela, baixinho. — Saiba que aqueles bostinhas vão ser suspensos. É sério. Vai ser minha prioridade.

Abby, Brianna e eu ficamos olhando para ela, um pouco surpresos. É a primeira vez que ouço uma professora falar de um jeito tão enfático.

Abby fica presa na escola até o último ônibus sair, e me sinto péssimo por causa disso. Não sei. Parece que tudo é um pouco culpa minha. Mas Abby diz para eu não ser ridículo e que ela pode fazer uma horinha vendo os testes do time de futebol.

— Vou com você — digo.

— Simon, falando sério. Vá para casa descansar um pouco.

— Mas e se eu quiser perturbar o Nick?

Ela não tem argumentos contra isso. Atravessamos o corredor de biologia e descemos a escada dos fundos, na direção da sala de música, onde parece estar acontecendo um festival radical de bateria e guitarra a portas fechadas. O som é quase profissional, mas os vocais são estranhos e aleatórios, como a parte grave de uma harmonia. Abby dança ao som da batida por um minuto enquanto

passamos, e depois saímos pela porta lateral perto do campo de futebol.

Está muito frio lá fora, e não faço ideia de como esse pessoal do futebol sobrevive de short e pernas de fora. As garotas estão no campo fechado, e são dezenas de rabos de cavalo balançando. Passamos por elas para chegarmos aos garotos, que estão correndo por entre cones laranja e chutando bolas de futebol de um para o outro. Abby se pendura na cerca e se inclina para olhar. Vários garotos estão usando camisas justas de manga comprida por baixo da camiseta de futebol, e alguns estão com caneleiras. E todos têm panturrilhas de jogador de futebol. Até que é algo legal de se ver.

O técnico sopra o apito, e todos os jogadores se reúnem ao redor dele por um minuto. Depois, eles se dispersam, distribuem garrafas de água, driblam com as bolas e alongam as pernas. Nick corre até nós na mesma hora, de rosto vermelho e sorrindo, e Garrett e Bram vêm logo atrás.

— É estranho fazerem vocês passarem de novo pelo teste — diz Abby.

— Pois é — diz Garrett. Ele está suado e vermelho, e os olhos são de um azul elétrico. — É meio que uma formalidade. Mais ou menos. Só para ver — ele faz uma pausa para recuperar o fôlego — em que posição vão colocar a gente.

— Ah, entendi — diz ela.

— Vocês estão matando o ensaio? — pergunta Nick, sorrindo para Abby.

— Basicamente — responde ela. — Eu pensei: é, acho que vou ficar olhando os garotos do futebol agora.

Ela se inclina para perto de Nick e sorri para ele.

— É mesmo? — pergunta Nick.

Estou com a sensação de que não devia estar ouvindo isso.

— E aí, estão indo bem? — pergunto para Garrett e Bram.

— Estamos — diz Garrett, e Bram assente.

É engraçado. Eu almoço com esses caras cinco dias por semana, mas nunca parei para conversar direito com eles. Tenho vontade de conhecê-los melhor. Mesmo Bram não sabendo direito o que quer com Leah. Sei lá. Pelo menos, tanto Garrett quanto Bram reagiram muito bem a minha revelação, e acho que eu não esperava isso de atletas.

Além do mais, Bram é fofo. Tipo, muito fofo. Ele está a uns trinta centímetros da cerca, todo suado e com uma camisa branca de gola alta por baixo da camiseta de futebol. Está calado, mas seus olhos castanhos são muito expressivos. Ele tem a pele morena, cachos escuros e sedosos, e mãos grossas.

— O que acontece se vocês fizerem besteira na audição? — pergunto. — Vocês podem ser expulsos do time?

— Audição? — pergunta Bram, sorrindo de leve.

E, quando ele olha para mim, sinto uma dorzinha estranha e agradável.

— Testes.

Fico vermelho. E sorrio para ele. E sinto um pouco de culpa.

Por causa de Blue. Apesar de ele ainda não estar pronto. Apesar de ele ser apenas palavras em uma tela de laptop.

Mas é que também sinto um pouco como se ele fosse meu namorado. Sei lá.

*

Talvez seja o ar do inverno ou talvez as panturrilhas dos garotos do futebol, mas, depois de tudo que aconteceu hoje, até que estou de bom humor.

Até chegar ao estacionamento. Porque Martin Addison está encostado no meu carro.

— Por onde você andou? — pergunta ele.

Só quero que se afaste, para eu não ter que olhar para ele.

— Podemos conversar um segundo? — pergunta.

— Não tenho nada para conversar com você.

— Tudo bem. Entendi. — Ele suspira, e vejo o ar saindo de sua boca. — Simon, é que… eu devo um sério pedido de desculpas a você.

Eu só fico ali parado.

Ele estica os braços e estala os dedos enluvados.

— Meu Deus, é que eu… Sinto muito. Pelo que aconteceu lá dentro. Não sei o que… Eu achava que as pessoas não faziam mais essas merdas.

— É, quem adivinharia? Porque Shady Creek é tão progressista, não é

mesmo?

Martin balança a cabeça.

— Eu realmente achava que não seria nada de mais.

Não sei o que responder.

— Olha, me desculpa, tá? Eu estava transtornado. Por causa daquela história com a Abby. Não pensei direito. E aí, meu irmão caiu em cima de mim, e eu fiquei… Eu me senti um merda, sabe. E apaguei aquelas capturas de tela há séculos. Juro por Deus. Você pode fazer o favor de dizer alguma coisa?

Quase começo a rir.

— O que você quer que eu diga?

— Sei lá. Eu estou tentando…

— Tudo bem, que tal isto? Acho você um babaca. Uma babaquinha de merda. Nem vem com essa de que não sabia que isso ia acontecer. Você me chantageou. Isso... Cara, não era o que você queria? Me humilhar?

Ele balança a cabeça e abre a boca para responder, mas eu interrompo: — E quer saber? Você não é ninguém para vir dizer que não é nada de mais. Isso foi uma grande coisa, sim. Essa história era para ser... Era para ser minha. Sou eu quem devia decidir quando, onde, para quem e como queria sair do armário. — De repente, surge um nó na minha garganta. — Você tirou isso de mim. E ainda colocou Blue no meio? Sério? Você é um merda, Martin. Não quero olhar para a sua cara nunca mais.

Ele está chorando. Está tentando se controlar, mas está chorando de verdade. E meu coração se aperta.

— Você pode se afastar do meu carro e me deixar em paz?

Ele assente, baixa a cabeça e vai embora.

Eu entro no carro. E desabo em lágrimas.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Neve!

Blue,

Dá uma olhada lá fora!

Não estou acreditando. Flocos de neve de verdade no primeiro dia de aula. Será que conseguimos folga até o fim da semana? Porque acho que mais uns dias em casa cairiam muito bem. Nossa, foi um dia tão estranho... Nem sei o que contar além do fato de que me revelar para o universo é exaustivo.

Falando sério, estou acabado.

Você já chorou de raiva?

E já se sentiu culpado por ficar com raiva?

Me diga que não sou estranho.

Com amor,

Jacques

<ENVIADO 5 JAN 19:19> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Neve!

Você não é estranho, Jacques. Parece que você teve um dia de merda, e queria que houvesse algo que eu pudesse fazer para deixar o seu dia melhor. Você já tentou comer seus sentimentos? Ouvi dizer que Oreo pode ser terapêutico. Não tenho muita autoridade para falar, mas você não devia se sentir culpado por ficar com raiva, ainda mais se o que está deixando você assim é o que estou pensando.

Tudo bem. Tenho que contar uma coisa, e acho que pode ser perturbador. Acho que o momento não poderia ser pior, mas não consigo pensar em outra saída, então aqui vai: Jacques, tenho quase certeza de que sei quem você é.

Com amor,

Blue <ENVIADO 5 JAN 22:01> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Sério?

Uau. Tudo bem. Não é perturbador. Mas é um momento meio que especial, não é?

Na verdade, também acho que sei quem você é. Então, só por diversão, eu acho que: 1. Seu primeiro nome é igual ao de um presidente americano.

2. E de um personagem de quadrinhos.

3. Você gosta de desenhar.

4. Você tem olhos azuis.

5. E me empurrou uma vez em um corredor escuro em uma cadeira de rodinhas.

Com amor,

Jacques

<ENVIADO 6 JAN 19:12> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com
ASSUNTO: Re: Sério?

1. Na verdade, sim.
2. É um personagem meio desconhecido, mas sim.
3. Não exatamente.
4. Não.
5. Não mesmo.

Sinto muito, Jacques, mas acho que não sou quem você está pensando.

Blue <ENVIADO 6 JAN 21:43> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Sério?

Ah, eu estava indo tão bem no começo.

Pois é. Uau. Acho que errei feio. Me desculpe, Blue. Espero que isso não deixe as coisas estranhas entre nós.

De qualquer modo, será que seu palpite sobre mim também está errado? E aí seria empate? Mas acho que você viu aquela coisa no Tumblr. Meu Deus, me sinto tão idiota.

Com amor,

Jacques <ENVIADO 6 JAN 23:18> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: Sério?

No Tumblr? Está falando do creeksecrets? Acho que não entro lá desde agosto. O que houve por lá? E você não precisa se sentir idiota. Não faz mal. Mas acho que não estou errado.

Jacques a dit. Certo?

Blue

<ENVIADO 7 JAN 7:23>



POIS É. EU fui descuidado. Parece que deixei uma trilha de pistas, e eu não devia ficar surpreso por Blue ter descoberto quem eu era. Acho que talvez eu quisesse que isso acontecesse.

Jacques a dit é a versão francesa da brincadeira "O mestre mandou", que em inglês se chama *Simon Says*. E obviamente não é tão inteligente quanto achei que fosse.

Eu estraguei tudo. Sério, sou um imbecil. Não sei no que eu estava pensando. Olhos azul-esverdeados e uma sensação instintiva de que Blue era Cal? É a lógica clássica do Simon. Não me surpreende que eu tenha errado de forma tão horrenda e épica.

Passo uns vinte minutos olhando para o e-mail de Blue de manhã cedo antes de responder. Depois, fico atualizando a página sem parar, até Nora bater à porta. Chegamos à escola cinco minutos antes. Então, fico mais cinco minutos sentado no carro estacionado, atualizando meu e-mail de novo, no celular.

Ele não viu a postagem do Tumblr. Já é alguma coisa. É uma grande coisa, na verdade.

Entro quando o sinal toca, e estou bem atordoado. Sorte que minhas mãos parecem saber a combinação do cadeado do armário, porque meu cérebro fritou. As pessoas falam comigo e eu assinto, mas nenhuma informação é registrada. Acho que dois caras me chamam de Sêmen Gay. Não sei. Na verdade, nem ligo.

Só consigo pensar em Blue. Acho que parte de mim está torcendo para alguma coisa acontecer hoje. Algum tipo de revelação. Não consigo acreditar que Blue não me contaria, agora que sabe quem eu sou. Ou seja, estou procurando em toda a parte. Leah me passa um bilhete na aula de francês, e meu

coração dispara, porque penso que pode ser uma mensagem dele: *Me encontre em frente ao seu armário. Estou pronto.* Alguma coisa assim. Mas acaba sendo um desenho impressionante e realista em estilo mangá da nossa professora de francês executando felação em uma baguete. Por falar em coisas que me lembram Blue...

E quando alguém me cutuca no ombro na aula de história, meu coração dispara como uma bola de pinball. Mas é só Abby.

— Psiu, escute isso — diz ela.

Eu escuto, e é Taylor explicando para Martin que ela não estava *tentando* ter um vão entre as coxas, mas o *metabolismo* dela é assim, e ela nem *sabia* que algumas garotas sonham em ter esse vão. Martin assente e coça a cabeça e parece entediado.

— Ela não pode controlar o metabolismo, Simon — comenta Abby.

— Ao que parece, não.

Taylor pode ser uma agente secreta que combate o bullying, mas ela continua sendo bem irritante.

Abby me cutuca de novo e pede que eu pegue uma caneta que ela deixou cair, e meu coração vira uma bola de pinball outra vez. Não consigo evitar. Existe uma expectativa no ar que é impossível reprimir.

Assim, quando as aulas terminam sem nenhum acontecimento extraordinário, meu coração fica meio partido. É como dar onze da noite no seu aniversário e você perceber que não vai ter uma festa surpresa, afinal.

*

Na quinta-feira, depois do ensaio, Cal menciona casualmente que é bissexual. E que deveríamos sair qualquer dia desses. Fui pego de surpresa. Só fiquei olhando, boquiaberto. O doce Cal de movimentos lentos, franja hipster e olhos de oceano.

Mas a questão é que ele não é Blue.

Que não anda respondendo meus e-mails.

Incrivelmente, esqueço o episódio com Cal até a aula de literatura do dia seguinte. O sr. Wise está fora da sala quando eu entro, e os nerds estão inquietos. Umas pessoas estão discutindo Shakespeare, e alguém sobe em uma cadeira e berra o solilóquio de Hamlet no ouvido de outro cara. O sofá está lotado. Nick está no colo de Abby.

Ela se joga para trás e me chama. Está sorrindo, toda feliz.

— Simon, eu estava contando para o Nick o que aconteceu no ensaio ontem.

— É — diz Nick. — Mas quem é esse tal de Calvin?

Eu balanço a cabeça e fico vermelho.

— Ninguém. É do grupo de teatro.

— Ninguém, é? — Nick inclina a cabeça. — Tem certeza? Porque essa aqui me disse…

— Shhh! — faz Abby, tapando a boca de Nick. — Desculpa, Simon. É que fiquei empolgada por você. Não era segredo, era?

— Não, mas não é… não foi nada — digo.

— Ah, isso veremos — retruca Abby, com um sorrisinho.

Não sei como explicar para ela que, para todos os efeitos, eu já estou comprometido. Com alguém que tem o primeiro nome igual ao de um presidente e de um personagem desconhecido de quadrinhos e que não gosta de desenhar, não tem olhos azuis e ainda não me empurrou em uma cadeira de rodinhas.

Alguém que parecia gostar mais de mim antes de saber quem eu era.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Re: Sério?

Eu entendo. Só porque fui descuidado, não quer dizer que seja justo forçar você a se revelar, não se ainda não estiver pronto. E, acredite, sou especialista nesse tipo de situação. Mas agora você sabe minha identidade de super-herói e eu não sei a sua, e isso é esquisito, não é?

Não sei mais o que dizer. O anonimato teve seu propósito entre nós, eu entendo. Mas agora quero conhecer você de verdade.

Com amor,

Simon <ENVIADO 9 JAN 20:23> PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: bluegreen181@gmail.com ASSUNTO: Re: Sério?

Ah, Blue de certa forma é minha identidade de super-herói, então você quer dizer minha identidade civil. Mas, obviamente, esse detalhe está a quilômetros de distância da questão principal. É que não sei o que mais responder. Lamento de verdade, Simon.

E parece que as coisas estão acontecendo do jeito que você queria. Que bom para você.

Blue

<ENVIADO 10 JAN 14:12> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: Sério?

Acontecendo do jeito que eu queria? Do que você está falando?
???

Simon

<ENVIADO 10 JAN 15:45> PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com
ASSUNTO: Re: Sério?

Sério, juro por tudo que é mais sagrado que não sei do que você está falando, porque nada parece estar acontecendo do jeito que eu queria.

Tudo bem, já entendi que você não quer trocar mensagens de texto. E que não quer me encontrar. Tudo bem. Mas odeio ver que tudo está diferente agora, até nos e-mails. Claro que é uma situação constrangedora. Acho que o que estou tentando dizer é que compreendo se você não me achar atraente e tal. Vou superar. Mas você é meu melhor amigo de muitas formas, e eu quero que continue assim.

Podemos fingir que nada disso aconteceu e voltar ao normal?

Simon

<ENVIADO 12 JAN 00:18>



ISSO NÃO QUER dizer que vou parar de pensar no assunto.

Passo o domingo inteiro no quarto, alternando entre The Smiths e Kid Cudi no volume máximo, e nem ligo se meus pais vão achar que estou enlouquecendo. Por mim, eles podem se incomodar o quanto quiserem. Tento fazer com que Bieber fique comigo na cama, mas ele fica andando de um lado para o outro, então o levo para o corredor. Mas ele choraminga, pedindo para voltar.

— Nora, pega o Bieber — grito, mas ela não responde.

Mando uma mensagem de texto.

Ela responde: *Pega você. Não estou em casa.*

Onde você está?, escrevo. Odeio essa novidade de Nora nunca estar em casa.

Mas ela não responde. E estou me sentindo pesado e apático demais para me levantar e pedir a minha mãe.

Fico olhando para o ventilador de teto. Então Blue não vai me contar quem é, o que significa que vou ter que descobrir sozinho. Estou repassando a lista de pistas já faz algumas horas.

O primeiro nome igual ao de um presidente e de um personagem desconhecido de uma história em quadrinhos. Metade judeu. Escreve superbem. Fica nauseado com facilidade. Virgem. Não vai a festas. Gosta de super-heróis. Gosta de Reese's e Oreo (ou seja, não é idiota). Pais divorciados. É o irmão mais velho de um feto. O pai mora em Savannah. O pai é professor de literatura. A mãe é epidemiologista.

O problema é que estou começando a perceber que não sei quase nada sobre ninguém. Eu sei de um modo geral quem é virgem. Mas não faço ideia se os pais

da maioria das pessoas são divorciados, ou qual é a profissão deles. Os pais de Nick são médicos, mas não sei o que a mãe de Leah faz, e muito menos qual é o problema com o pai dela, porque Leah nunca fala sobre ele. E não sei por que o pai de Abby ainda mora em Washington. E esses são meus melhores amigos. Sempre me achei fofoqueiro, mas acho que só com coisas idiotas.

Na verdade, é terrível, agora que parei para pensar.

Mas não adianta. Porque, mesmo que eu desvende o mistério, isso não muda o fato de que Blue não está interessado. Ele descobriu quem eu sou. E agora tudo está diferente, e não sei o que fazer. Falei para ele que entendo se ele não se sentir atraído por mim. Tentei fazer parecer que não me importo.

Mas eu não entendo. E, obviamente, me importo.

Isso é uma merda, mesmo.

*

Na segunda-feira, tem um saco plástico de supermercado preso na porta do meu armário, e a primeira coisa que me ocorre é que se trata de uma coquilha. Consigo imaginar um atleta idiota me dando uma coquilha suada como grande gesto de humilhação e babaquice. Sei lá. Talvez eu esteja paranoico.

Mas não é uma coquilha. É uma camiseta com o logotipo de *Figure 8*, um álbum do Elliott Smith. Em cima dela tem um bilhete: “Suponho que Elliott saiba que você teria ido aos shows dele se pudesse.”

O bilhete está escrito em papel azul-esverdeado com caligrafia perfeitamente reta, sem nem sombra de inclinação. E é claro que ele se lembrou do segundo “t” em Elliott. Porque ele é Blue. Ele lembraria.

A camiseta é de tamanho médio, tem maciez de roupa usada e tudo nela é incrível e completamente perfeito. Por um momento louco, penso em procurar um banheiro e trocar de roupa na mesma hora.

Mas eu me obrigo a parar. Porque é estranho. Porque ainda não sei quem ele é. E a ideia de ele me ver com a camiseta me deixa meio envergonhado, por algum motivo. Assim, deixo dobrada na sacola e coloco no armário. Em seguida,

saio flutuando pelo corredor, em um torpor nervoso e feliz.

Quando vou para o ensaio, há um abalo sísmico. Não entendo direito. Mas tem alguma coisa a ver com Cal. Ele está saindo do auditório para ir ao banheiro na hora que eu chego, e para um minuto na porta. Nós sorrimos um para o outro e continuamos andando.

Não é nada. Não foi nem um momento. Mas uma explosão de raiva toma conta do meu peito. Meu corpo todo fica tenso. E tudo porque Blue é um covarde. Ele pendura a droga de uma camiseta na porta do meu armário, mas não tem coragem de se aproximar pessoalmente.

Ele estragou tudo. Agora, tem um cara adorável com uma franja incrível que talvez goste de mim, e não adianta de nada. Não vou sair com Cal. Provavelmente, nunca vou ter um namorado. Estou ocupado demais tentando não me apaixonar por alguém que não é real.

*

O resto da semana passa voando, e é cansativo. Os ensaios duram uma hora a mais por dia agora, o que quer dizer que estou jantando em pé na bancada da cozinha tentando não derrubar migalhas nos meus livros. Meu pai diz que sentiu minha falta esta semana, ou seja, está triste porque teve que gravar *The Bachelor*. Não tive notícias de Blue e também não mandei nenhum e-mail.

Sexta é um dia importante. Falta uma semana para a estreia, e vamos apresentar *Oliver!* duas vezes durante a semana: uma para os alunos do primeiro ano pela manhã, e outra para os do segundo e do terceiro, à tarde. Temos que chegar à escola uma hora antes para nos aprontarmos, o que significa que Nora vai ter que ficar esperando no auditório. Mas Cal a coloca para trabalhar, e ela parece satisfeita de prender fotos do elenco na parede do pátio, ao lado de algumas imagens do filme de Mark Lester e de uma lista superampliada do elenco e da equipe.

Os bastidores são o melhor tipo de caos. Adereços somem do nada, pessoas andam de um lado para o outro usando partes do figurino, e os vários prodígios

musicais de Creekwood estão repassando a abertura. É nosso primeiro dia apresentando a peça com a orquestra, e, só de ouvi-los ensaiando, tudo parece bem mais real. Taylor já está vestida e maquiada, e fica nas coxias fazendo um aquecimento vocal esquisito que ela mesma inventou. Martin não consegue encontrar a barba.

Visto o primeiro de três figurinos, que consiste em uma camisa bege desgrenhada e grande demais com uma calça enorme de amarrar, e descalço. Duas garotas colocam coisas no meu cabelo para deixar bagunçado, que é o equivalente a colocar sapatos de salto em uma girafa. Depois, elas me dizem que tenho que passar lápis de olho, coisa que detesto. Já é ruim o bastante ter que usar lentes de contato.

A única pessoa em quem confio para fazer isso é Abby, que me coloca em uma cadeira perto da janela, no camarim das meninas. Nenhuma delas se importa com a minha presença ali, e nem é porque sou gay. Os camarins costumam ser abertos para todos, e quem desejar mais privacidade pode trocar de roupa no banheiro.

— Fecha — diz ela.

Eu fecho os olhos, e as pontas macias dos dedos de Abby tocam levemente a minha pálpebra. Em seguida, tenho a sensação de que estão desenhando na minha pele, porque, sem brincadeira, pintar o olho não é nada mais do que um traço de lápis.

— Estou ridículo? — pergunto.

— Nem um pouco — diz ela.

Ela fica em silêncio por um minuto.

— Tenho uma pergunta para você — digo.

— O quê?

— Por que seu pai está em Washington?

— Ele ainda está procurando emprego aqui.

— Ah. Ele e seu irmão vão se mudar para cá?

Ela passa a ponta do dedo na beirada da minha pálpebra.

— Meu pai vai, em algum momento. Meu irmão é calouro na Howard.

Ela assente, estica a outra pálpebra e delicadamente começa a passar o lápis.

— Me sinto idiota por não saber disso — digo.

— Por que você se sentiria idiota? Acho que nunca comentei nada.

— Mas eu nunca perguntei.

A pior parte é quando ela faz a parte de baixo, porque tenho que ficar de olhos abertos, e odeio quando coisas encostam nos meus olhos.

— Não pisque — diz Abby.

— Estou tentando.

Ela coloca a ponta da língua um pouquinho para fora. Abby está cheirando a baunilha e talco.

— Pronto. Deixa eu ver.

— Estou pronto? — pergunto.

Ela para, me avalia e diz:

— Quase.

Em seguida, me ataca com pós e pincéis, praticamente uma ninja da maquiagem.

— Uau! — exclama Brianna ao passar.

— Né? — diz Abby. — Simon, não me leve a mal, mas você está meio que ridiculamente lindo.

O que me leva a quase ter um torcicolo de tão rápido que viro para me olhar no espelho.

— O que você acha? — pergunta ela, sorrindo.

— Estou estranho — respondo.

É meio surreal. Não estou acostumado com meu rosto sem óculos, e, com os olhos pintados, a impressão geral é: OLHOS.

— Espere só até Cal ver — comenta Abby, baixinho.

Eu balanço a cabeça.

— Ele não é…

Mas não consigo concluir o raciocínio. Não consigo parar de me observar.

*

A primeira apresentação do dia é um sucesso, embora a maior parte dos alunos use o tempo para dormir mais umas duas horinhas. No entanto, alguns alunos estão superempolgados por estarem perdendo o primeiro e o segundo tempos, o que os torna a plateia mais incrível de todas. A exaustão de semanas desaparece, e sou movido por adrenalina, gargalhadas e aplausos.

Tiramos os figurinos, e todo mundo fica feliz quando a sra. Albright elogia nossa performance. Somos liberados para almoçar com as pessoas de fora da peça. Fico um pouco animado de ir almoçar com a maquiagem ainda intacta. E não só por estar, segundo Abby, ridiculamente lindo. Mas, de certa forma, é incrível ser identificado como parte do elenco.

Leah é obcecada por maquiagem de olho.

— Caramba, Simon.

— Você não adorou? — pergunta Abby.

De repente, me bate uma vergonha. Não ajuda em nada o fofo do Bram estar olhando para mim.

— Eu não tinha ideia de que seus olhos eram tão cinzentos — observa Leah. Ela se vira para Nick, incrédula. — Você sabia?

— Não — responde ele.

— O contorno é meio cor de carvão — continua ela. — No meio é mais claro, e ao redor da pupila é quase prateado. Mas um prateado-escuro.

— Cinquenta tons de cinza — diz Abby.

— Que nojo — retruca Leah, e ela e Abby trocam sorrisos.

É praticamente um milagre.

Nós nos reunimos novamente no auditório depois do almoço, para que a sra. Albright nos lembre quanto somos incríveis, depois vamos para os bastidores vestir o figurino da primeira cena. É meio corrido dessa vez, mas acho que gosto dessa agitação. A orquestra se aquece de novo, e um falatório preenche o auditório conforme os alunos vão se acomodando.

Estou realmente animado com a próxima apresentação. Porque é para a minha turma. Porque Blue vai estar em algum lugar da plateia. E, por mais irritado que eu esteja com ele, ainda gosto de pensar que ele está assistindo.

Fico ao lado de Abby e espio a plateia por um vão entre as cortinas.

— Nick está ali — diz ela, apontando para o lado esquerdo do auditório. — E Leah. E Morgan e Anna estão atrás deles.

— Não está na hora de começar?

— Não sei — diz Abby.

Eu me viro para espiar o lugar onde Cal está, em frente a uma mesa na coxia. Ele está com fones de ouvido e um pequeno microfone curvado na frente da boca, e no momento está franzindo a testa e assentindo. De repente, se levanta e sai andando na direção do auditório.

Olho novamente para a plateia. As luzes ainda estão acesas, e as pessoas estão apoiadas nos encostos das cadeiras, gritando umas com as outras. Algumas fizeram bolinhas de papel com o programa e estão jogando-as para o alto.

— Os nativos estão inquietos — comenta Abby, sorrindo na penumbra.

Sinto um toque no meu ombro. É a sra. Albright.

— Simon, você pode vir comigo um minuto?

— Claro.

Abby e eu nos entreolhamos.

Sigo a sra. Albright até o camarim, onde Martin está esparramado em uma cadeira de plástico, enrolando a ponta da barba no dedo.

— Sente-se — diz ela, fechando a porta.

Martin me olha como se estivesse me perguntando o que está acontecendo.

Eu o ignoro.

— Aconteceu uma coisa bem chata — começa a sra. Albright lentamente —, e eu queria falar com vocês sobre isso primeiro. Acho que vocês têm o direito de saber.

Estou com uma sensação ruim. A sra. Albright olha para um ponto atrás da gente por um segundo, depois pisca e nos encara. Ela parece exausta.

— Alguém alterou a lista do elenco no pátio e mudou o nome dos personagens de vocês dois para uma coisa imprópria.

— Para o quê? — pergunta Martin.

Mas na mesma hora eu entendo. Martin faz o papel de Fagin. Eu estou listado

como “garoto de Fagin”. Algum gênio deve ter achado que seria hilário cortar os Is e os Ns, para nos chamar de “fag”, um termo pejorativo em inglês para gay.

— Ah — diz ele, decifrando um momento depois.

Trocamos olhares, e ele revira os olhos. Por um momento, quase parece que somos amigos de novo.

— É. E tinha um desenho. Enfim — diz a sra. Albright —, Cal está retirando a lista agora, e em um minuto vou lá fora ter uma conversinha com seus adoráveis colegas.

— Você vai cancelar a apresentação? — pergunta Martin, com as mãos nas bochechas.

— Você gostaria que eu fizesse isso?

Martin olha para mim.

— Não, está tudo bem. Não precisa — digo.

Meu coração está martelando no peito.

Não sei. Não quero pensar em nada disso. Mas tenho certeza de uma coisa: fico arrasado com a possibilidade de Blue não ver a peça.

Eu queria que isso não tivesse tanta importância para mim.

Martin afunda o rosto nas mãos.

— Eu sinto muito, muito, Spier.

— Pare, por favor. — Eu me levanto. — Tá bem? Pare.

*

Acho que estou ficando meio cansado de tudo. Estou tentando não deixar que me afete. Eu não devia ligar se pessoas idiotas me chamam de uma palavra idiota e não devia ligar para o que as pessoas pensam de mim. Mas sempre ligo. Abby passa o braço ao redor dos meus ombros, e observamos das coxias a sra. Albright subir no palco.

— Oi — diz ela no microfone. Ela está segurando um caderno, e não está sorrindo. Nem um pouco. — Alguns de vocês me conhecem. Sou a sra. Albright, professora de teatro.

Alguém da plateia faz um assobio sugestivo, e algumas pessoas riem.

— Sei que vocês estão aqui para ver uma apresentação exclusiva de uma peça incrível. Temos uma equipe e um elenco maravilhosos, e estamos loucos para começar. Mas, antes, quero tirar uns minutinhos para revisar com vocês a política antibullying da escola.

Algo nas palavras “revisar” e “política” faz as pessoas se calarem, restando apenas o som de conversas sussurradas e do farfalhar da roupa nas cadeiras. Alguém solta uma gargalhada, e outra pessoa grita “cala a boca”. Então, um monte de gente começa a dar risadinhas.

— Eu vou esperar — diz a sra. Albright. Quando as risadas cessam, ela levanta o caderno. — Alguém reconhece isto aqui?

— Seu diário? — pergunta algum idiota.

Ela ignora.

— Este é o Manual de Creekwood, que vocês deviam ter lido e assinado no começo do ano.

Todo mundo para de prestar atenção na mesma hora. Meu Deus. Deve ser muito bizarro ser professor. Eu me sento de pernas cruzadas no chão da coxia. A sra. Albright continua falando e lendo trechos do manual e comentando alguns pontos. Quando ela toca no assunto tolerância zero, Abby aperta minha mão. Os minutos se arrastam.

Estou completamente inexpressivo.

Depois de um tempo, a sra. Albright se aproxima da coxia e joga o caderno numa cadeira.

— Vamos em frente — diz.

Ela estava com um brilho intenso e assustador nos olhos.

As luzes começam a diminuir, e a orquestra toca as primeiras notas da abertura. Eu saio da coxia e entro no palco. Sinto meus braços e pernas pesados. Acho que tudo o que eu queria agora era deitar na minha cama com meu iPod.

Mas a cortina se abre.

E eu sigo em frente.

28

MAIS TARDE, NO camarim, a ficha cai.

Martin van Buren. Nosso oitavo presidente.

Mas não tem como. Não é possível.

A toalha que estava usando para tirar a maquiagem cai no chão. Ao meu redor, garotas tiram chapéus e soltam os cabelos e passam sabonete no rosto e fecham as mochilas. Uma porta se abre de repente em algum lugar, e há uma explosão de gargalhadas.

Minha mente está fervilhando. O que sei sobre Martin? O que sei de verdade sobre Blue?

Martin é inteligente, obviamente. Seria inteligente o bastante para ser Blue? Não faço ideia se Martin é metade judeu. Poderia ser. Talvez seja. Não é filho único, mas pode ter mentido sobre isso. Não sei. Não sei. Não faz sentido nenhum. Porque Martin não é gay.

Mas, pensando bem, alguém acha que ele é. Se bem que eu não devia acreditar em algum babaca anônimo que me chamou de veado.

— Simon, não! — diz Abby, na porta.

— O quê?

— Você tirou! — Ela olha para o meu rosto por um minuto. — Acho que ainda dá para ver.

— Você está falando da beleza absurda? — pergunto, e ela ri.

— Escuta só. Acabei de receber uma mensagem de Nick, ele está esperando a gente no estacionamento. Vamos levar você para sair hoje.

— O quê? Para onde?

— Ainda não sei. Mas minha mãe está em Washington este fim de semana, ou

seja: a casa e o carro são todos meus. Então, você vai passar a noite em território Suso.

— Vamos dormir na sua casa?

— Vamos — diz ela, e reparo que está sem maquiagem e novamente de calça skinny. — Vá levar sua irmã em casa. Ou fazer o que você tiver que fazer.

Olho no espelho e tento domar meu cabelo.

— Nora já voltou de ônibus — digo, lentamente. É estranho. O Simon do espelho ainda está de lentes de contato. Ainda está quase irreconhecível. — Por que vamos fazer isso mesmo?

— Porque não temos ensaio — explica ela, cutucando minha bochecha —, e porque você teve um dia de merda.

Eu quase dou uma gargalhada. Ela nem faz ideia.

No caminho para o estacionamento, ela fala dos planos para mais tarde, e deixo que as palavras dela meio que passem direto por mim. Estou encucado demais com a história do Martin. É quase incompreensível.

Significaria que Martin escreveu aquela postagem no Tumblr sobre homossexualidade em agosto. E é com Martin que venho trocando e-mails diariamente nos últimos cinco meses. Quase dá para acreditar nessa parte, mas não consigo encontrar explicação para a chantagem. Se Martin é mesmo gay, por que colocar Abby no meio disso?

— Acho que devíamos passar a tarde em Little Five Points — diz Abby —, depois vamos para Midtown.

— Parece ótimo.

Não faz sentido.

Mas, então, penso nas tardes na Waffle House e nos ensaios até tarde da noite, e de como eu estava começando a gostar dele antes de tudo desmoronar. Chantagem com uma amizade de brinde. Talvez essa tenha sido a razão de tudo.

Só que nunca senti que ele gostava de mim. Nem uma vez. Então, não pode ser isso. Martin não pode ser Blue.

A não ser que seja. Mas não.

Porque não pode ser uma brincadeira. Blue não pode ser uma brincadeira.

Isso não é nem uma possibilidade. Ninguém poderia ser tão cruel assim. Nem mesmo Martin.

Estou tendo dificuldade para respirar.

Não pode ser uma brincadeira porque não sei o que eu faria se fosse.

Não consigo pensar nisso. Meu Deus. Não consigo.

Não vou pensar.

*

Nick está esperando em frente à escola, e ele e Abby se cumprimentam com um soquinho quando se veem.

— Estamos com ele — diz ela.

— E agora? — pergunta Nick. — Vamos de carro para casa pegar nossas coisas e você vai nos buscar?

— Esse é o plano — diz Abby. Ela pega a chave do carro na mochila e pergunta: — Vocês falaram com a Leah?

Nick e eu trocamos olhares.

— Ainda não — diz Nick.

Ele parece murchar. É complicado, porque, embora eu ame a Leah, a presença dela muda tudo. Ela vai ficar mal-humorada e resmungona por causa de Nick e Abby, vai reclamar de Midtown. E juro que não sei como descrever, mas a insegurança dela às vezes pode ser contagiosa.

Mas Leah odeia ser excluída.

— Talvez só nós três hoje — diz Nick com cuidado, olhando para o chão.

Dá para ver que ele se sente mal por isso.

— Tudo bem — respondo.

— Tudo bem — diz Abby. — Vamos.

*

Vinte minutos depois, estou no banco de trás do carro da mãe de Abby com uma pilha de livros nos pés.

— Deixe em qualquer lugar — diz Abby, me olhando pelo retrovisor. — Ela lê enquanto me espera. Ou quando estou dirigindo.

— Nossa, eu fico enjoado só de ler o celular no carro — diz Nick.

— Nauseado — digo, e meu coração dá um nó.

— Vejam só quem apareceu: o sr. Pai dos Burros. — Nick se vira e sorri para mim.

Abby pega a rodovia 285 e entra no trânsito sem dificuldade nenhuma. Ela nem parece tensa. Eu me dou conta de que ela é a melhor motorista do grupo.

— Você sabe para onde estamos indo? — pergunto.

— Sei — diz Abby.

Vinte minutos depois, paramos no estacionamento do Zesto. Eu nunca venho aqui. Na verdade, mal vou a Atlanta. Está quente e barulhento lá dentro, cheio de gente comendo cachorro-quente com queijo, hambúrguer e coisas do tipo. Mas não estou nem aí por estarmos no inverno. Peço sorvete de chocolate com pedaços de Oreo mesmo assim e, durante os dez minutos que levo para comer, quase me sinto normal de novo. Quando voltamos para o carro, o sol está começando a se pôr.

Em seguida, vamos ao Junkman's Daughter, que fica ao lado do Aurora Café.

Mas não estou pensando em Blue.

Passamos alguns minutos olhando as coisas lá de dentro. Eu adoro o Junkman's Daughter. Nick fica absorto em uma estante de livros sobre filosofia oriental, e Abby compra uma meia-calça. Acabo vagando pelos corredores, tentando não fazer contato visual com garotas de aparência assustadora, com moicanos cor-de-rosa.

Não estou pensando no Aurora Café e não estou pensando em Blue.

Não posso pensar em Blue.

Não posso pensar na possibilidade de Blue ser Martin.

Está escuro, mas não está tão tarde, e Abby e Nick querem me levar a uma livraria feminista que obviamente está repleta de material gay. Olhamos as prateleiras, e Abby pega um livro de fotos LGBT para me mostrar; Nick fica perto, meio constrangido. Abby compra para mim um livro sobre pinguins gays,

e nós saímos para andar mais um pouco pela rua. Mas está ficando frio e estamos ficando com fome de novo, então voltamos para o carro e seguimos para Midtown.

Abby parece saber exatamente aonde vamos. Ela para em uma rua lateral e estaciona sem dificuldade. Andamos rapidamente até a esquina e vamos para a rua principal. Nick está tremendo, pois está só com uma jaqueta, e Abby revira os olhos dizendo: — Garoto da Georgia.

Em seguida, passa o braço ao redor dele e esfrega seu braço para aquecê-lo.

— Chegamos — diz ela quando nos deparamos com um lugar na Juniper chamado Webster's.

Tem um pátio grande cheio de luzes de Natal e faixas de arco-íris, e, embora o pátio esteja vazio, o estacionamento está lotado.

— Isso é tipo um bar gay? — pergunto.

Abby e Nick sorriem.

— Tudo bem — digo —, mas como vamos entrar?

Eu tenho 1,70 de altura, Nick não pode fazer crescer uma barba de repente, e Abby está usando um monte de pulseiras da amizade. Não há a menor chance de nos passarmos por pessoas de vinte e um anos.

— É um restaurante — diz Abby. — Nós só vamos jantar.

Lá dentro, o ambiente está abarrotado de caras com cachecol, jaqueta e calça skinny. E todos são fofos e impressionantes. A maioria tem piercing. Tem um bar atrás, com hip-hop tocando e garçons se contorcendo para passar no meio da multidão com chopes e cestos com asinhas de frango.

— Só vocês três? — pergunta o recepcionista, apoiando a mão no meu ombro por um segundo, mas é o bastante para fazer meu estômago dar um nó. — Só deve demorar um minuto, querido.

Chegamos um pouco para o lado, e Nick pega um cardápio. Tudo que servem ali é sugestivo: linguiça, bruschettas. Abby não consegue parar de rir. Tenho que ficar lembrando a mim mesmo que é só um restaurante. Faço contato visual sem querer com um cara lindo usando uma camiseta apertada com gola V e desvio o olhar na mesma hora, mas meu coração dispara.

— Vou ao banheiro — digo, porque tenho certeza de que vou entrar em combustão se ficar ali.

Os banheiros ficam no final de um pequeno corredor depois do bar, e tenho que passar por um monte de gente para chegar lá. Quando saio, o lugar está ainda mais cheio. Tem duas garotas segurando cervejas e meio que dançando, e um grupo de caras rindo, e muita gente segurando bebidas ou de mãos dadas.

Alguém bate no meu ombro.

— Alex.

Eu me viro.

— Eu não sou…

— Você não é Alex — diz o cara —, mas tem cabelo de Alex.

Ele ergue a mão e passa os dedos pelo meu cabelo.

Está sentado em um banco do bar e não parece muito mais velho do que eu. Tem cabelo louro bem mais claro que o meu. É um louro estilo Draco. Está usando camisa polo e calça jeans e é muito bonito. Acho que talvez esteja bêbado.

— Qual é seu nome, Alex? — pergunta ele, descendo do banco.

Quando fica de pé, é quase uma cabeça mais alto do que eu e tem cheiro de desodorante. Tem dentes extremamente brancos.

— Simon.

— Simon, de *Alvin e os Esquilos*! — Ele ri.

Está mesmo bêbado.

— Eu sou Peter. Pan — diz ele. — Não saia daí. Vou comprar uma bebida para você.

Ele coloca a mão em meu cotovelo e se vira para o bar, e de repente estou segurando um copo de martíni cheio de uma coisa verde.

— Parece maçã — diz Peter.

Tomo um gole e não acho horrível.

— Obrigado — digo, e a sensação de nó no estômago se apossa de mim.

Estou meio perdido. Isso é tão diferente do meu normal.

— Você tem olhos incríveis — diz Peter, sorrindo para mim.

A música muda para algum ritmo com batida forte. Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas as palavras são engolidas.

— O quê?

Ele dá um passo mais para perto de mim.

— Você é estudante?

— Ah. Sou.

Meu coração dispara. Ele está tão perto que nossas bebidas estão encostando uma na outra.

— Eu também. Estou na Emory. Sou do terceiro ano. Espera.

Ele esvazia o copo em um grande gole e se vira para o bar. Eu olho por cima da multidão e procuro Nick e Abby. Eles estão sentados a uma mesa do outro lado e estão me olhando, parecendo desconfortáveis. Abby me vê e acena, desesperada. Dou um sorriso e aceno para ela de volta.

De repente, sinto a mão de Peter no meu braço de novo, e ele me entrega um copo pequeno cheio de um líquido laranja, como aquele remédio para resfriado. Efervescente. Mas ainda estou na metade do meu drinque de maçã, então viro tudo e devolvo o copo vazio para ele. Brindamos com nossas bebidas de remédio, e a dele logo desaparece.

Eu tomo um gole da minha, e tem gosto de refrigerante de laranja. Peter ri e toca nas pontas dos meus dedos.

— Simon, você já tomou alguma dose antes?

Eu faço que não.

— Own, tudo bem. Incline a cabeça e só… — Ele demonstra com o copo vazio. — Pronto?

— Pronto — respondo, e aquela sensação quente e feliz começa a surgir.

Tomo a dose em dois goles e consigo não colocar nada para fora. Dou um sorriso para Peter, e ele pega meu copo, segura minha outra mão e entrelaça os dedos nos meus.

— Simon fofo. De onde você é?

— De Shady Creek.

— Sei — diz ele, e percebo que nunca ouviu falar de lá, mas ele sorri e se

senta no banco e me puxa para perto.

Os olhos dele são meio cor de mel, e eu gosto disso. Agora está mais fácil falar, está mais fácil do que não falar, e só digo a coisa certa, e ele assente e ri e aperta as palmas das minhas mãos. Conto para ele sobre Abby e Nick, para quem estou tentando não olhar, porque, toda vez que olho, os olhares deles começam a me repreender. E Peter me conta sobre os amigos e diz: — Ah, minha nossa, você tem que conhecer meus amigos. Você tem que conhecer Alex.

Ele pede mais uma dose de remédio para cada um, depois me pega pela mão e me leva até uma mesa grande e redonda no canto. Ali está um grupo só de garotos, praticamente, e são todos fofos, e tudo está girando.

— Este é o Simon — diz Peter, passando o braço pelo meu ombro e me abraçando de lado. Ele me apresenta a todo mundo, e eu esqueço todos os nomes na mesma hora, exceto Alex, a quem Peter apresenta dizendo: — Conheça seu sósia.

Mas é meio desconcertante, porque Alex não é nada parecido comigo. Nós dois somos brancos, claro. Mas até nosso cabelo, famoso por ser parecido, é totalmente diferente. O dele é bagunçado de propósito. O meu é só bagunçado. Mas Peter fica olhando para mim e para ele, rindo, e alguém se senta no colo de outra pessoa para liberar uma cadeira para mim, e alguém me dá uma cerveja. Tem bebidas para todo o lado.

Os amigos de Peter são barulhentos e engraçados, e estou rindo tanto que fico com soluço, mas nem consigo me lembrar do que estou rindo. E o braço de Peter está apertando meus ombros, e em determinado momento, do nada, ele se inclina para me dar um beijo na bochecha. É um outro universo completamente diferente. É como ter um namorado. E, de alguma forma, eu começo a contar para eles sobre Martin e os e-mails e a chantagem, e, parando para pensar, até que é uma história hilária. E todo mundo está gargalhando, e uma garota diz: — Ai, meu Deus, Peter, ai, meu Deus. Ele é um amorzinho.

E a sensação é incrível.

De repente, Peter se inclina para perto de mim. Os lábios dele estão perto do meu ouvido, e ele pergunta: — Você está no ensino médio?

— Estou no segundo ano — digo.

— Do ensino médio — repete ele. O braço ainda está ao redor do meu corpo. — Quantos anos você tem?

— Dezessete — sussurro, me sentindo envergonhado.

Ele olha para mim e balança a cabeça.

— Ah, querido — diz ele, sorrindo com tristeza. — Não. Não.

— Não? — pergunto.

— Com quem você veio? Onde estão seus amigos, Simon fofo?

Eu aponto na direção de Nick e Abby.

— Ah — diz ele.

Ele me ajuda a levantar e segura minha mão, e o salão fica girando, mas acabo em uma cadeira. Ao lado de Abby e em frente a Nick, com um cheesebúrguer intocado na mesa. Frio, mas simples e perfeito, sem nada verde e com muita batata.

— Tchau, Simon fofo — diz Peter, me abraçando e dando um beijo na minha testa. — Viva seus dezessete anos.

Ele sai cambaleando, e Abby e Nick parecem não saber se gargalham ou se entram em pânico. Ai, meu Deus. Eu amo meus amigos. Amo de verdade. Mas sinto tudo girando por dentro.

— Quanto foi que você bebeu? — pergunta Nick.

Tento contar nos dedos.

— Deixa. Não quero saber. Só coma alguma coisa.

— Adorei aqui — digo.

— Estou vendo — comenta Abby, enfiando uma batata frita na minha boca.

*

— Mas vocês viram os dentes dele? — pergunto. — Ele tinha os dentes mais brancos que eu já vi. Aposto que usa aquelas coisas. Aqueles produtos.

— Whitestrips — diz Abby.

Ela está com o braço ao redor da minha cintura, e Nick está com o braço ao

redor da minha outra cintura. Quer dizer, a mesma cintura. E meus braços estão ao redor dos ombros deles, porque eu amo MUITO esses dois.

— Sem a menor dúvida — digo, com um suspiro. — Ele está na faculdade.

— Foi o que você disse — diz Abby.

É uma noite perfeita. Tudo está perfeito. Nem está mais frio lá fora. É noite de sexta, e não estamos na Waffle House, nem jogando *Assassin's Creed* no porão de Nick, e também não estamos pensando em Blue. Estamos aqui e estamos vivos, e todo mundo do universo está aqui agora.

— Oi — digo para alguém.

Sorrio para todas as pessoas que cruzam nosso caminho.

— Simon. Meu Deus — diz Abby.

— Tudo bem — diz Nick. — Você vai no banco da frente, Spier.

— O quê? Por quê?

— Porque acho que Abby não precisa do seu vômito no estofamento da mãe dela.

— Eu não vou vomitar — digo, mas, assim que as palavras saem da minha boca, sinto uma reviravolta suspeita na barriga.

Por isso, vou na frente e abro a janela, e o ar frio é intenso e refrescante. Fecho os olhos e encosto a cabeça no banco, mas de repente me lembro de uma coisa.

— Esperem, aonde estamos indo? — pergunto.

Abby reduz e deixa um carro entrar na frente.

— Para a minha casa — responde ela. — Em College Park.

— Mas esqueci minha camiseta. Podemos passar na minha casa?

— É do outro lado — diz Abby.

— Merda — digo. *Merda merda merda*.

— Posso emprestar uma camiseta — insiste Abby. — Tenho certeza de que algumas das roupas do meu irmão estão aqui.

— E você já está de camiseta — diz Nick.

— Nãão. Não. Não é para vestir — respondo.

— Então é para quê? — pergunta Abby.

— Não posso vestir — explico. — Seria estranho. Tenho que botar debaixo do meu travesseiro.

— Ah, porque isso não é nem um pouco estranho — diz Nick.

— É uma camiseta do Elliott Smith. Você sabia que ele se esfaqueou quando tínhamos cinco anos? Foi por isso que nunca fui a um show dele. — Eu fecho os olhos. — Você acredita em vida após a morte? Nick, os judeus acreditam no paraíso?

— Tudo bem... — diz Nick.

Ele e Abby trocam um olhar pelo retrovisor, e Abby passa para a faixa da direita. Ela entra no retorno para a rodovia e, quando se mistura aos outros carros, percebo que estamos indo para o norte. De volta para Shady Creek. Para pegar minha camiseta.

— Abby, já falei que você é a melhor pessoa do universo inteiro? Ai, meu Deus. Eu amo tanto você. Eu amo você mais do que Nick ama você.

Abby ri, e Nick começa a tossir, e fico meio nervoso, porque agora não consigo lembrar se é segredo que Nick ama Abby. É melhor eu continuar falando.

— Abby, e se você virasse minha irmã? Preciso de novas irmãs.

— Qual é o problema com suas antigas irmãs? — pergunta ela.

— Elas são terríveis. Nora nunca está em casa, e Alice está namorando.

— Como isso pode ser terrível? — pergunta Abby.

— Alice está namorando? — pergunta Nick.

— Mas elas deviam ser Alice e Nora. Não deviam mudar — explico.

— Elas não têm o direito de mudar? — pergunta Abby, rindo. — Mas você está mudando. Está diferente do que era cinco meses atrás.

— Não estou diferente!

— Simon. Acabei de ver você flertando com um cara desconhecido em um bar gay. Você está de lápis no olho. E está totalmente bêbado.

— Não estou bêbado.

Abby e Nick se olham de novo pelo espelho e caem na gargalhada.

— E ele não era um cara desconhecido.

— Não era? — questiona Abby.

— Era um cara desconhecido da *faculdade* — lembro a ela.

— Ah.

Abby para na porta da minha casa e desliga o carro, e eu a abraço e digo: — Obrigado obrigado obrigado.

Ela bagunça meu cabelo.

— Tudo bem. Um segundo — peço. — Não saiam daqui.

O caminho está meio ondulante, mas nada de mais. Demoro um minuto para acertar a chave. As luzes da entrada estão apagadas, mas a TV está ligada, e acho que na minha cabeça meus pais já estariam dormindo a essa hora, mas eles estão aconchegados no sofá usando pijamas, com Bieber entre os dois.

— O que você está fazendo em casa, garoto? — pergunta meu pai.

— Tenho que pegar uma camiseta — respondo, mas talvez isso não tenha soado muito bem, então tento de novo. — Estou de camiseta, mas preciso pegar uma camiseta para levar para a casa de Abby, porque é uma determinada camiseta e não é nada de mais, mas preciso dela.

— Tudo bem… — diz minha mãe, e olha para o meu pai.

— Vocês estão vendo *The Wire*? — pergunto. Eles deram pause. — Ai, meu Deus. É isso que vocês fazem quando não estou em casa. Vocês veem séries, com roteiro e tudo.

E agora não consigo parar de rir.

— Simon — chama meu pai, parecendo confuso e severo e achando graça, tudo ao mesmo tempo. — Tem alguma coisa que você queira nos contar?

— Eu sou gay — digo, e começo a rir.

Não consigo me controlar, e mais risadinhas escapam da minha boca.

— Tudo bem, sente-se — diz ele, e estou prestes a fazer uma piada, mas ele fica me olhando, então me sento no braço do sofá de dois lugares. — Você está bêbado.

Ele parece meio perplexo. Eu dou de ombros.

— Quem veio dirigindo? — pergunta ele.

— Abby.

— Ela bebeu?

— Pai, fala sério. Não. — Ele dá de ombros. — Não! Meu Deus.

— Em, você quer…

— Eu quero, sim — diz minha mãe, tirando Bieber de cima das pernas.

Ela sai do sofá e vai até a entrada, e escuto a porta da frente abrir e fechar.

— Ela vai lá fora falar com Abby? — pergunto. — É sério? Vocês não confiam mais em mim?

— Não sei se devemos, Simon. Você aparece às dez e meia, claramente bêbado, e nem parece achar que isso seja um problema, então…

— Então para vocês o problema é que não estou tentando esconder. O problema é que não estou mentindo para vocês.

Meu pai se levanta de repente, e eu olho para ele e percebo que está furioso. Isso é tão incomum que fico tenso, e também meio destemido, porque acabo dizendo: — Você gosta mais quando minto sobre as coisas? Deve ser uma merda você não poder mais fazer piada sobre gays. Aposto que mamãe não vai deixar, né?

— *Simon* — repreende ele.

Dou uma risadinha, mas sai aguda demais.

— Aquele momento constrangedor em que você percebe que faz piadas gays na frente do seu filho gay há dezessete anos.

Há um silêncio horrível e tenso. Meu pai só fica me olhando.

Finalmente minha mãe volta, e olha para cada um de nós por quase um minuto. E então diz: — Mandei Abby e Nick voltarem para casa.

— O quê? Mãe! — Eu me levanto rápido demais, e meu estômago se revira. — Não. Não. Só vim pegar minha camiseta.

— Você vai ficar em casa hoje — diz minha mãe. — Seu pai e eu precisamos de um minuto para conversar. Por que você não vai tomar um copo de água? Vamos até lá daqui a pouco.

— Não estou com sede.

— Não estou pedindo — conclui minha mãe.

Eles só podem estar de brincadeira. Tenho que ficar ali sentado, bebendo

água, enquanto eles falam de mim pelas costas. Bato a porta da cozinha.

Assim que a água toca meus lábios, eu bebo tão rápido que quase me esqueço de respirar. Meu estômago está dando voltas. Acho que a água piora tudo. Estico os braços na mesa e deito a cabeça. Estou cansado demais.

Meus pais entram alguns minutos depois e se sentam ao meu lado.

— Bebeu água? — pergunta meu pai.

Movo o copo vazio na direção dele sem levantar a cabeça.

— Que bom — diz ele, hesitante. — Filho, temos que conversar sobre consequências.

Claro, porque afinal já tem pouca merda acontecendo na minha vida, né? Sou uma piada para as pessoas na escola, não consigo parar de pensar em um garoto, por quem acho que estou apaixonado, e ele pode ser uma pessoa que não suporto. E tenho certeza de que vou vomitar ainda hoje.

Mas é isso. Eles querem falar sobre consequências.

— Nós conversamos e… supostamente, este é o seu primeiro delito, certo? — Faço que sim com a cabeça ainda apoiada nos braços. — Então sua mãe e eu concordamos que você vai ficar de castigo por duas semanas a partir de amanhã.

Levanto a cabeça de repente.

— Vocês não podem fazer isso.

— Ah, não?

— A peça é no fim de semana que vem.

— Ah, sabemos bem — diz meu pai. — E você pode ir para a escola ensaiar e fazer suas apresentações, mas tem que voltar para casa logo depois. E seu laptop vai passar uma semana na sala.

— E vou pegar seu celular agora mesmo — diz minha mãe, esticando a mão. Puramente profissional.

— Isso é tão absurdo — digo, porque é isso que se diz, mas, sinceramente? Não estou nem aí.



É FERIADO DE Martin Luther King e só temos aula a partir de terça. Quando chego lá, Abby está esperando em frente ao meu armário.

— Por onde você andou? Mandei mensagem o fim de semana inteiro. Você está bem?

— Estou — respondo, esfregando os olhos.

— Fiquei muito preocupada com você. Quando sua mãe saiu… Ela é meio apavorante. Achei que fosse me obrigar a fazer o teste do bafômetro.

Ai, meu Deus.

— Me desculpa. Eles são bem rigorosos quando se trata de direção.

Abby chega para o lado para eu abrir o armário.

— Não, tudo bem — diz Abby. — Eu só me senti mal de deixar você. E, como não tivemos notícias suas durante todo o fim de semana…

Abro a porta.

— Meus pais tiraram meu celular. E meu computador. E ainda por cima estou de castigo por duas semanas. — Procuro o livro de francês. — Pois é.

Abby faz uma cara triste.

— Mas e a peça?

— Não, está tudo bem com a peça. Eles não implicaram com isso.

Tranco a porta do armário.

— Que bom — diz ela. — Desculpe, é tudo culpa minha.

— O que é culpa sua? — pergunta Nick, nos encontrando no corredor a caminho da aula de literatura.

— Simon está de castigo.

— Não é culpa sua — digo. — Fui eu que bebi e desfilei na frente dos meus

pais.

— Não foi a melhor estratégia — observa Nick.

Eu olho para ele. Tem alguma coisa diferente, mas não consigo identificar.

De repente, percebo. São as mãos. Eles estão de mãos dadas. Viro para olhar para eles, e os dois sorriem com timidez. Nick dá de ombros.

— Nossa! Ao que parece, vocês não sentiram muita falta de mim na sexta, afinal.

— Não muito — diz Nick.

Abby esconde o rosto no ombro dele.

*

Arranco a história de Abby durante uma prática de conversação em duplas na aula de francês.

— E aí, como aconteceu? Me conte tudo. *C'était un surprise* — acrescento quando Madame Blanc passa pela minha fileira.

— *C'était* une *surprise, Simon. Au feminin*.

Como não amar os professores de francês? Eles fazem um estardalhaço por causa de gênero, mas sempre pronunciam meu nome como *Simone*.

— Hã, *nous étions…*

Abby sorri para Madame Blanc e espera que ela se afaste.

— Então, nós deixamos você em casa, e depois de toda aquela confusão fiquei chateada, porque sua mãe parecia muito zangada, e eu não queria que ela pensasse que eu sou o tipo de pessoa que bebe e dirige.

— Ela não teria deixado você ir para casa dirigindo se achasse que isso aconteceu.

— Ah, que bom — diz Abby. — Não sei. De qualquer modo, nós fomos embora, mas acabamos estacionando em frente à casa de Nick por um tempo, para o caso de você conseguir convencer seus pais a deixarem você sair de novo.

— É, desculpa. Não rolou.

— Ah, eu sei. Mas me senti mal de deixar você. Mandamos mensagem de

texto e esperamos um tempo.

— Desculpe — repito.

— Não, tudo bem — diz Abby, e abre um sorriso enorme. — *C'était magnifique*.

*

O almoço acaba sendo incrível, porque Morgan e Bram fizeram aniversário no fim de semana prolongado, e Leah é rigorosa quanto a isso. Para ela, cada um deve ganhar um bolo enorme. O que quer dizer dois bolos, e os dois de chocolate.

Só que não sei quem comprou os bolos hoje, porque Leah não aparece no almoço. E, parando para pensar, ela não estava na aula de inglês nem na de francês.

Coloco a mão no bolso de trás automaticamente, mas lembro que meu celular foi confiscado. Então, me inclino na direção de Anna, que está usando dois chapéus de festa e comendo uma montanha de cobertura.

— Cadê a Leah?

— Hã... — responde Anna, sem me olhar nos olhos. — Ela está aqui.

— Está na escola?

Anna dá de ombros.

Tento não me preocupar, mas não a vejo o dia todo, e também não a vejo no dia seguinte. Mas Anna diz que ela está aqui. E o carro dela está no estacionamento, o que torna tudo muito estranho. E o carro continua ali até as sete da noite, quando finalmente saímos do ensaio. Não sei o que está acontecendo.

Só quero falar com ela. Talvez haja mensagens de texto suas no meu celular e eu nem faça ideia.

Ou talvez não. Não sei. Que saco.

Quinta à tarde, no curto intervalo entre as aulas e o ensaio, eu finalmente a vejo saindo do banheiro perto do pátio.

— Leah! — Corro até ela e a abraço. — Por onde você andou?

Ela fica tensa.

Eu me afasto.

— Hã, está tudo bem?

Ela olha para mim de um jeito hesitante e diz:

— Não quero falar com você.

Então puxa a blusa para baixo e cruza os braços.

— Oi? — Eu olho para ela. — Leah, o que aconteceu?

— Diz você. Como foi na sexta? Você, Nick e Abby se divertiram?

Há um momento de silêncio.

— Não sei o que você quer que eu diga. Me desculpe.

— Você parece mesmo lamentar muito.

Duas garotas do nono ano passam por nós, gritando e correndo atrás uma da outra e batendo com força na porta. Nós esperamos.

— Ah, lamento — digo quando a porta se fecha. — Se o problema for Nick e Abby, não sei o que dizer.

— Claro, o problema são eles, com certeza… — Ela ri e balança a cabeça. — Deixa pra lá.

— Ah, o quê? Você quer mesmo falar sobre isso ou quer ser sarcástica e não me contar o que está acontecendo? Porque se você vai só rir da minha cara, sério, vai ter que entrar na fila.

— Ah, sim, pobre Simon.

— Tudo bem, quer saber? Esquece. Vou para a merda do ensaio agora, e você pode me procurar quando estiver pronta para não agir mais como uma babaca.

Eu me viro e saio andando, tentando ignorar o nó se formando em minha garganta.

— Perfeito — diz ela. — Divirta-se. Dê um oi para sua BFF por mim.

— Leah. — Eu me viro — Por favor. Para.

Ela balança a cabeça de leve, seus lábios estão comprimidos e ela pisca sem parar.

— Tudo bem. Mas, na próxima vez que vocês decidirem sair sem mim, me

mandem algumas fotos, pelo menos. Para eu fingir que ainda tenho amigos.

Há um som como o de um choro sufocado, e ela passa direto por mim, saindo pela porta. Durante o ensaio inteiro, só fico ouvindo esse barulho, sem parar.



CHEGO EM CASA e minha única vontade é sair andando por aí. Ir para qualquer lugar. Mas não posso nem passear com a porcaria do cachorro. Estou tão agitado, estranho e infeliz.

Odeio quando Leah fica com raiva de mim. Odeio. Não estou dizendo que não acontece muito, porque tem toda uma questão emocional com ela que eu nunca entendo. Mas a sensação agora é diferente e pior do que o nosso normal. Ela foi tão cruel em relação a tudo.

Além do mais, é a primeira vez que vejo Leah chorar.

O jantar é queijo quente e Oreo, porque meus pais ainda estão trabalhando e Nora saiu de novo. E eu basicamente passo a noite olhando para o teto. Não tenho vontade de fazer o dever. Ninguém vai esperar isso de mim mesmo, já que a peça estreia amanhã. Escuto música e fico entediado e impaciente e, sinceramente, deprimido.

Por volta das nove, meus pais vêm falar comigo, querem *conversar*. Logo quando eu pensava que o dia não podia piorar.

— Posso me sentar? — pergunta minha mãe, de pé perto da beirada da cama.

Dou de ombros, e ela se senta, e meu pai se senta na cadeira da escrivaninha.

Coloco as mãos embaixo da cabeça e suspiro.

— Deixa eu adivinhar. Não fique bêbado.

— É, é bem isso — diz meu pai —, não fique bêbado.

— Entendi.

Eles se olham. Meu pai pigarreia.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, garoto.

Eu olho para ele.

— O que você disse na sexta. Sobre as piadas gays.

— Eu estava brincando. Tudo bem.

— Não — retruca ele. — Não está tudo bem.

Dou de ombros.

— Só vou deixar uma coisa clara, caso a mensagem tenha passado batida. Eu amo você. Muito. Acima de tudo. E sei que deve ser incrível ter um pai legal.

— Hã-hã — diz minha mãe.

— Desculpe. Pais legais. Pais ousados, incríveis e hipsters.

— Ah, é incrível — digo.

— Mas dá um toque na gente se precisar, tá? Fala comigo. — Ele massageia o queixo. — Sei que não facilitei as coisas para você se abrir para nós. Estamos orgulhosos de você. Foi muito corajoso, garoto.

— Obrigado.

Eu me levanto e encosto na parede, achando que é uma boa hora para esfregarem meu cabelo e dizerem *Durma bem, filho* e *Não fique acordado até tarde*.

Mas eles não se mexem. Então, eu digo:

— Só para constar, eu sabia que você estava brincando. Não foi por isso que não quis contar pra vocês.

Meus pais se olham de novo.

— Posso perguntar qual foi o motivo? — indaga minha mãe.

— Sabe, não houve nenhum específico. Eu só não queria ter que falar sobre isso. Eu sabia que seria um estardalhaço. Sei lá.

— E foi? — pergunta minha mãe.

— Ah, foi.

— Sinto muito — diz minha mãe. — Nós fizemos um estardalhaço?

— Ai, meu Deus. Sério? Vocês fazem estardalhaço por tudo.

— É mesmo? — pergunta ela.

— Quando eu comecei a beber café. Quando comecei a fazer a barba. Quando arrumei uma namorada.

— São coisas emocionantes — diz ela.

— Não é emocionante — respondo. — É… sei lá. Vocês são tão obcecados com tudo o que eu faço. Não posso nem mudar de meia sem alguém comentar.

— Ah — diz meu pai. — Então o que você está tentando dizer é que somos *bizarros demais*.

— É.

Minha mãe ri.

— É que você ainda não é pai e não consegue entender. É assim: você tem um bebê, e de repente ele começa a fazer coisas. E eu conseguia ver cada mudançazinha, era tudo tão fascinante. — Ela dá um sorriso triste. — E agora, estou perdendo algumas coisas. Algumas coisinhas. E é difícil abrir mão.

— Mas eu tenho dezessete anos. Você não acha que é normal que eu mude?

— Claro que é. E eu adoro isso. É a época mais empolgante. — Ela aperta a ponta do meu pé. — Só estou dizendo que eu gostaria de testemunhar tudo isso acontecer.

Não sei o que responder.

— Vocês estão tão crescidos agora — continua ela —, vocês três. E são todos tão diferentes. Mesmo quando eram bebês. Alice era tão destemida, e Nora era tão tímida, e você era um palhaço. Todo mundo ficava dizendo que você saiu igualzinho a seu pai.

Meu pai sorri, e estou meio chocado. Eu nunca, nunquinha, pensei em mim assim.

— Eu me lembro de quando peguei você pela primeira vez. A sua boquinha. Você pegou direto no meu peito.

— *Mãe.*

— Você não imagina. Foi um momento incrível. E seu pai entrou carregando sua irmã, e ela ficava dizendo “Bebê não!” — Minha mãe ri. — Eu não conseguia parar de olhar para você. Não conseguia acreditar que éramos pais de um menino. Acho que nos acostumamos tanto a nos ver como pais de menina que foi uma coisa toda nova a se descobrir.

— Me desculpem por não ter sido tão menino assim — digo.

Meu pai vira a cadeira para olhar diretamente para mim.

— Você está de brincadeira?

— Mais ou menos.

— Você é um menino incrível — diz ele. — É tipo um ninja.

— Ah, obrigado.

— De nada — diz ele.

Ouvimos ao longe a porta batendo e unhas caninas arranhando o piso de madeira. Nora chegou.

— Escuta — diz minha mãe, cutucando meu pé de novo. — Não quero me intrometer demais, mas será que você pode fazer um pouco a nossa vontade? Contar para a gente o que você puder, e vamos tentar não ser esquisitos e obcecados?

— Parece um bom acordo.

— Que bom — diz ela. Eles se olham de novo. — Temos uma coisa para você.

— É mais uma anedota sobre amamentação?

— Ah, meu Deus, você adorava os peitos dela — diz meu pai. — Não acredito que virou gay.

— Hilário, pai.

— Eu sei que sou. — Ele se levanta e tira uma coisa do bolso. — Toma — diz ele, jogando para mim.

Meu celular.

— Você ainda está de castigo, mas ganha condicional este fim de semana. E pode pegar o laptop depois da peça amanhã, se lembrar todas as falas.

— Mas eu não tenho falas — digo, lentamente.

— Então você não tem nada com que se preocupar, garoto.

*

Mas é meio engraçado, porque, mesmo sem falas para esquecer, estou nervoso. Empolgado e agitado e pilhado e nervoso. Assim que o sinal do fim das aulas toca, a sra. Albright leva Abby, Martin, Taylor e alguns outros para fazer um

aquecimento vocal na sala de música, e o resto de nós fica sentado no chão do auditório comendo pizza. Cal está correndo de um lado para o outro resolvendo coisas com a equipe técnica, e é meio que um alívio ficar no meio de um grupo aleatório de garotas do último ano. Nada de Calvin Coolidge nem de Martin van Buren e nenhum outro garoto presidencial para me confundir. Nada de Leah olhando para mim com armas no lugar de olhos.

A peça começa às sete, mas a sra. Albright quer todos nós prontos com o figurino completo às seis. Coloco minhas lentes de contato e troco de roupa cedo, depois fico sentado no camarim das garotas esperando Abby. São cinco e meia quando ela chega, e o humor dela está esquisito. Ela nem diz oi direito.

Puxo a cadeira para o lado dela e a observo passando maquiagem.

— Está nervosa? — pergunto.

— Um pouco.

Ela olha no espelho enquanto passa rímel nos cílios.

— Nick vem hoje, né?

— Vem.

Essas respostas curtas e abruptas... Ela quase parece irritada.

— Quando você acabar, pode me ajudar a ficar ridiculamente lindo?

— O lápis no olho? — pergunta ela. — Tudo bem. Só um segundo.

Abby pega a bolsinha de maquiagem e coloca a cadeira em frente a minha. A essa altura, somos os únicos no camarim. Ela abre o lápis e estica minhas pálpebras, e tento não me mexer.

— Você está tão quieta — comento depois de um tempo. — Está tudo bem?

Ela não responde. Sinto o lápis deslizando pela beirada dos meus cílios.

— Abby?

O lápis se afasta, e eu abro os olhos.

— Não abre ainda. — Abby parte para a outra pálpebra. Ela fica em silêncio por um minuto. E depois diz: — Qual foi a história com Martin?

— Com Martin? — pergunto, e meu estômago revira.

— Ele me contou tudo, mas eu gostaria de ouvir de você.

Eu congelo. *Tudo.* Mas o que isso quer dizer?

— A história da chantagem?

— É. Isso. Ok, pode abrir. — Ela começa a riscar embaixo do olho, e luto contra a vontade de piscar. — Por que você não me contou?

— Porque... não sei. Não contei para ninguém.

— E fez o que ele queria?

— Eu não tinha muita escolha.

— Mas você sabia que eu não estava a fim dele, certo? — Ela tampa o lápis.

— É, eu sabia.

Abby se afasta um pouco para me examinar, suspira e se inclina para a frente de novo.

— Vou ter que acertar — diz ela. E fica em silêncio.

— Me desculpe. — De repente, parece importante que ela entenda. — Eu não sabia o que fazer. Ele ia contar para todo mundo. Eu não queria ajudá-lo. Eu mal ajudei.

— É.

— Por isso mesmo ele acabou postando aquilo no Tumblr. Porque eu não ajudei o bastante — acrescento.

— Não, eu entendo — diz ela.

Abby termina com o lápis e esfuma tudo com o dedo. Um instante depois, sinto que ela passa um pincel almofadado nas minhas bochechas e no meu nariz.

— Acabei — diz ela, e eu abro os olhos. Ela olha para mim e franze a testa. — É que, você sabe... Entendo que você estava em uma situação difícil. Mas você não tem que decidir nada sobre a minha vida amorosa. Eu escolho com quem eu saio. — Ela dá de ombros. — Para mim, você entendia isso.

Eu me ouço respirando fundo.

— Desculpe.

Eu baixo a cabeça. Queria poder desaparecer.

— Ah, você sabe. As coisas são assim. — Ela dá de ombros. — Vou lá para fora, tá?

— Tá. — Eu balanço a cabeça.

— Talvez outra pessoa possa fazer sua maquiagem amanhã — diz ela.

*

A peça vai bem. Melhor do que bem. Taylor está perfeitamente sincera, e Martin está perfeitamente perverso, e Abby está tão animada e engraçada que é quase como se nossa conversa no camarim não tivesse acontecido. Mas, quando a apresentação acaba, ela desaparece sem se despedir, e Nick já foi embora depois que tiro o figurino. E não faço ideia se Leah apareceu.

Então, é assim. A peça está ótima. Eu é que estou infeliz.

Encontro meus pais e Nora no pátio, e meu pai está segurando um buquê de flores tão gigantesco que parece saído de uma história do Dr. Seuss. Porque, mesmo sem falas, tudo indica que possuo um dom divino para o teatro. E, durante todo o caminho para casa, eles cantarolam as músicas e falam sobre a voz incrível de Taylor e me perguntam se sou amigo do cara hilário de barba. Ou seja, Martin. Meu Deus, que pergunta.

Eu me reencontro com meu laptop assim que chegamos em casa. Para ser sincero, estou mais confuso do que nunca.

Não é surpresa Leah estar furiosa por causa de sexta. Acho que ela está exagerando, mas entendo. Eu devia ter imaginado que isso aconteceria. Mas Abby?

Sinceramente, por essa eu não esperava. É estranho, porque eu me sentia culpado por várias coisas, e Abby nunca foi uma delas. Mas sou um idiota. Porque a pessoa de quem você gosta não pode ser forçada ou persuadida ou manipulada. Se tem alguém que sabe disso, esse alguém sou eu.

Sou um amigo de merda. Pior que isso, porque devia estar implorando o perdão de Abby agora mesmo, mas não estou. Estou ocupado demais me perguntando o que exatamente Martin disse para ela. Porque parece que ele não mencionou mais nada além da chantagem.

O que poderia significar que ele não quer admitir que é Blue. Ou poderia significar que ele não é Blue. E a ideia de Blue não ser Martin me dá uma esperança tão grande que fico até sem fôlego.

Estou realmente esperançoso, apesar da confusão que arrumei. Apesar do

drama. Apesar de tudo. Porque, mesmo com toda a merda que aconteceu essa semana, eu ainda gosto de Blue.

O que sinto por ele é feito um batimento cardíaco, suave e persistente, por baixo de tudo.

Entro no meu e-mail como Jacques e, quando faço isso, tenho um estalo. E não é a lógica do Simon. É a verdade objetiva e indiscutível: Todos os e-mails que Blue me mandou têm horário.

Muitos deles foram enviados logo depois do horário das aulas. Muitos foram enviados enquanto eu estava no ensaio. Logicamente, Martin também estava no ensaio, sem tempo de escrever e sem wi-fi.

Blue não é Martin. Não é Cal. Só é alguém.

Então, vou até o começo, em agosto, e leio tudo. O assunto dos e-mails. Cada linha de todas as mensagens.

Não faço ideia de quem ele seja. Não tenho pista nenhuma.

Mas acho que estou me apaixonando por ele de novo.



PARA: bluegreen181@gmail.com DE: hourtohour.notetonote@gmail.com ASSUNTO: Nós.

Blue,

Fiquei escrevendo e apagando este e-mail durante todo o fim de semana, e ainda não consegui acertar. Mas vou fazer isso. Aqui vamos nós.

Sei que não escrevo faz um tempo. Foram semanas esquisitas.

Primeiro, quero dizer o seguinte: sei quem você é.

Ainda não sei seu nome e nem como você é, nem todas as outras coisas. Mas você precisa entender que eu realmente conheço você. Sei que é inteligente e cuidadoso e estranho e engraçado. E você repara nas coisas e me escuta, mas não de um jeito intrometido. De um jeito real. Você pensa demais em tudo e se lembra de detalhes e sempre, sempre diz a coisa certa.

Acho que gosto de saber que nos conhecemos mais por dentro do que por fora.

Então, me ocorreu que tenha passado muito tempo pensando em você e relendo seus e-mails e tentando fazer você rir. Mas tenho passado bem pouco tempo explicando as coisas para você e correndo riscos e mergulhando de cabeça.

Obviamente, não sei que diabo estou fazendo aqui, mas o que estou tentando dizer é que gosto de você. Mais do que gosto. Quando flerto com você, não é de brincadeira, e quando digo que quero conhecê-lo, não é só porque estou curioso. Não vou fingir que sei como isso termina e não faço ideia se é possível se apaixonar por e-mail. Mas eu gostaria mesmo de conhecer você, Blue. Quero tentar isso. E não consigo imaginar uma situação em que não queira beijar você loucamente assim que te vir.

Eu só queria deixar isso bem claro.

O que estou tentando dizer é que tem um parque de diversões radical no estacionamento do Perimeter Mall hoje, e parece que fica aberto até as nove.

Só para você saber, estarei lá às seis e meia. E espero te ver lá.

Com amor,

Simon

<ENVIADO 25 JAN 9:27>



CLICO EM ENVIAR e tento não pensar no assunto, mas fico inquieto e nervoso durante todo o caminho até a escola. E colocar Sufjan Stevens no volume máximo não resolve nada, e deve ser por isso que as pessoas não ouvem Sufjan Stevens no volume máximo. Meu estômago parece estar numa centrífuga.

Primeiro, coloco o figurino do avesso, depois passo dez minutos procurando as lentes, até lembrar que já estou com elas. Atingi o nível de espasmos nervosos de Martin; Brianna demora muito para passar o lápis em mim. E, durante toda a confusão e os discursos de incentivo e o som da abertura, só penso em Blue.

Não sei como consigo passar ileso pela apresentação. Sinceramente, não me lembro de metade dela.

Depois, tem uma cena melosa no palco, com as pessoas se abraçando e agradecendo à plateia e agradecendo à equipe e agradecendo à orquestra. Todos os formandos ganham rosas, e Cal ganha um buquê, e o buquê da sra. Albright é impressionante. Meu pai chama isso de Festival das Lágrimas da Matinê de Domingo, o que rapidamente inspirou o Inevitável Conflito do Golfe nas Tardes de Domingo. Quem pode culpá-lo?

Mas então penso na sra. Albright esculachando as turmas inteiras de primeiro e segundo anos. E de como parecia furiosa e determinada, jogando o manual do colégio na cadeira.

Eu queria ter levado para ela outro buquê ou um cartão ou uma tiara. Sei lá. Qualquer presente vindo especialmente de mim.

Depois, nos vestimos de novo. E temos que desmontar o cenário. Tudo demora séculos. Nunca uso relógio, mas fico o tempo todo olhando a hora no celular. 17h24. 17h31. 17h40. Cada parte de mim se contorce, gira e grita de

expectativa.

Às seis, eu saio. Simplesmente passo pela porta. Está quente demais lá fora, e com isso quero dizer que está quente demais para janeiro. Quero ficar menos empolgado, porque quem sabe o que Blue está pensando, e quem sabe em que estou me metendo? Mas não consigo evitar. Estou com uma sensação boa e insistente.

Fico pensando no que meu pai falou: *Foi muito corajoso, garoto.*

Talvez eu seja corajoso mesmo.

O parque de diversões vira a festa do nosso elenco, e todo mundo vai direto da escola para o shopping. Menos eu. Eu viro à esquerda no sinal e vou para casa. Porque não ligo de ser inverno. Eu quero a camiseta.

Está debaixo do meu travesseiro, macia e branca e bem dobrada, com o muro de espirais vermelhas e pretas e uma foto de Elliott na frente. Em preto e branco, exceto pela mão dele. Eu a visto rapidamente e pego um casaco. Considerando a hora, tenho que ir correndo para o shopping, se quiser chegar às seis e meia.

Só que tem uma coisa dura cutucando meu ombro, naquele ponto que não dá para coçar. Enfio o braço por dentro da camisa. Tem um pedaço de papel preso no tecido. Eu o pego e puxo.

É outro bilhete em papel azul-esverdeado, e começa com um P.S. Meus dedos tremem enquanto leio.

> *P.S.: Adoro o jeito como você sorri, sem perceber que está sorrindo. Adoro seu cabelo de quem acabou de acordar. Adoro o jeito como você faz contato visual por mais tempo do que o necessário. E adoro seus olhos cinza-lua. Então, se você acha que não sinto atração por você, Simon, você está maluco.*

E, embaixo disso, ele escreveu seu número de celular.

Um formigamento se irradia a partir de algum ponto abaixo da minha barriga. É sufocante, maravilhoso e quase insuportável. Nunca estive tão consciente dos meus batimentos cardíacos. Blue e sua caligrafia vertical e a palavra *adoro*

repetida várias vezes.

Sem falar que eu poderia ligar agora mesmo e descobrir quem ele é.

Mas acho que não vou fazer isso. Ainda não. Porque, até onde sei, ele pode estar me esperando neste exato minuto. De verdade. Em pessoa. O que quer dizer que tenho que ir para o shopping AGORA.

*

São quase sete horas quando chego lá, e sinto raiva de mim mesmo por estar tão atrasado. Já escureceu, mas o parque está barulhento e iluminado. Adoro esses parques itinerantes. Adoro saber que um estacionamento em janeiro pode ser transformado em Coney Island no verão. Vejo Cal e Brianna e alguns formandos na fila para comprar bilhetes e sigo na direção deles.

Estou com medo de estar escuro demais. E é claro que estou com medo de Blue já ter vindo e ido embora. Mas é impossível ter certeza se não sei quem estou procurando.

Compramos vários bilhetes e vamos em todos os brinquedos. Tem uma roda-gigante, um carrossel, carrinhos bate-bate e balanços voadores. Encolhemos as pernas no trenzinho e também andamos nele. Depois, compramos chocolate quente e bebemos sentados no meio-fio perto da lanchonete.

Olho para todo mundo que passa, e cada vez que alguém olha para mim e faz contato visual, meu coração dá um nó.

Vejo Abby e Nick sentados na frente dos jogos, de mãos dadas e comendo pipoca. Nick está com um monte de bichos de pelúcia enfileirados ao redor dos pés.

— Não acredito que ele tenha ganhado tudo isso para você — digo para Abby.

Fico nervoso quando saio andando na direção dela. Não sei como as coisas estão entre a gente.

Mas então ela sorri para mim.

— Nem pensar. Eu é que ganhei para ele.

— É aquele joguinho da grua — diz Nick. — Ela manda muito bem. Acho que está roubando.

Ele a cutuca de lado.

— Vai achando isso mesmo — diz Abby.

Eu dou uma gargalhada tímida.

— Senta aqui com a gente — diz ela.

— Tem certeza?

— Tenho — diz ela, e chega mais perto de Nick para abrir espaço para mim. Em seguida, encosta a cabeça no meu ombro por um momento e sussurra: — Me desculpe, Simon.

— Está brincando comigo, não é? Eu é que peço desculpas. Sinto muito.

— Ah, eu pensei no assunto, e você ganha um crédito quando está sendo chantageado.

— É mesmo?

— É — diz ela. — E porque não consigo ficar com raiva quando estou tão loucamente feliz.

Não consigo ver o rosto de Nick, mas ele bate a ponta do tênis na sapatilha dela. E eles se aproximam ainda mais.

— Vocês vão ser um casal bem meloso, não vão?

— Provavelmente — diz Nick.

Abby olha para mim e pergunta:

— Então essa é a camiseta?

— O quê? — pergunto, corando.

— A camiseta que o Bêbado Alcoolizado me fez atravessar a cidade para buscar.

— Ah. É.

— Imagino que haja uma história por trás dela.

Eu dou de ombros.

— Tem a ver com o cara que você está procurando? — pergunta ela. — Tem um cara na história, não tem?

Eu quase engasgo.

— O cara que estou procurando?

— Simon — diz ela, colocando a mão no meu braço. — É óbvio que você está procurando alguém. Você não para de olhar para os lados.

— Humpf — resmungo, escondendo o rosto.

— Você sabe que não tem problema ser um pouquinho romântico, né? — diz ela.

— Não sou romântico.

— Então tá. — Abby ri. — Esqueci que você é tão cínico quanto Nick.

— Ei, o que foi que eu fiz? — pergunta Nick.

Abby chega perto dele, mas olha para mim.

— Espero que você o encontre, tá?

Tá.

*

Mas são oito e meia e eu ainda não o encontrei. Ou ele não me encontrou. É difícil saber o que pensar.

Ele gosta de mim. O bilhete dizia basicamente isso. Mas foi escrito duas semanas atrás. Isso quase me mata. Duas semanas com a camiseta debaixo do meu travesseiro, e não fazia ideia do que havia preso dentro dela. Sei que já foi dito, mas sou um idiota colossal.

Em duas semanas, ele pode ter mudado de opinião a meu respeito.

O parque fecha dali a meia hora, e todos os meus amigos já foram para casa. Eu também devia ir. Mas tenho mais alguns bilhetes, e gasto a maioria em jogos. Guardo o último para a Xícara Maluca. Acho que é o último lugar onde eu encontraria Blue, e o evitei a noite inteira.

Não tem fila nenhuma, e eu entro direto no brinquedo. A Xícara Maluca tem cabines de metal com telhados em forma de domo, além de um volante de metal no meio que faz a cabine girar. E o brinquedo em si também gira depressa, com o objetivo de deixar as pessoas tontas. Ou talvez o objetivo seja esvaziar sua cabeça.

Estou sozinho na xícara. Duas garotas se espremem na cabine ao lado da minha, e o controlador vai fechar o portão. Quase todas as outras cabines estão vazias. Eu me recosto e fecho os olhos.

De repente, uma pessoa aparece ao meu lado.

— Posso sentar aqui? — pergunta ele, e eu abro os olhos de repente.

É o fofo do Bram Greenfeld, de olhos delicados e panturrilhas de jogador de futebol.

Eu solto a corrente da cabine para ele entrar. E dou um sorriso para ele. É impossível não sorrir.

— Gostei da camiseta — diz ele, e parece nervoso.

— Obrigado — digo. — É do Elliott Smith.

— Eu sei — diz Bram.

Tem alguma coisa na voz dele. Eu me viro para ele devagar, e seus olhos são grandes e castanhos, e estão totalmente abertos.

Há uma pausa. Ainda estamos olhando um para o outro. Estou com uma sensação diferente na barriga, algo como um fio sendo esticado.

— É você — digo.

— Sei que estou atrasado — responde ele.

De repente, há um som de metal arrastado, um sacolejo e uma música alta. Alguém grita e ri, e o brinquedo ganha vida.

*

Os olhos de Bram estão bem fechados, e o queixo está tenso. Ele está num silêncio completo. Tampa o nariz e a boca com as mãos. Eu seguro o volante de metal com as duas mãos, mas ele fica fazendo uma rotação no sentido horário, por conta própria. Parece que o brinquedo quer girar. E gira e gira.

— Me desculpe — diz ele quando o brinquedo para, e a voz está fraca, os olhos ainda fechados.

— Tudo bem. Você está bem?

Ele assente, expira e diz:

— Estou. Vou ficar.

Saímos do brinquedo e chegamos ao meio-fio, e ele se inclina para a frente e coloca a cabeça entre os joelhos. Eu me sento ao lado dele, sentindo-me constrangido, nervoso e quase bêbado.

— Tinha acabado de ver seu e-mail — diz ele. — Eu tinha certeza de que não encontraria mais você.

— Não consigo acreditar que é você.

— Sou eu. — Ele abre os olhos. — Você não sabia mesmo?

— Nem desconfiava.

Eu observo. Os lábios se encostam de leve, como se o mais suave dos toques fosse capaz de abri-los. As orelhas são um pouco grandes, e ele tem duas sardas na maçã do rosto. E os cílios são mais dramáticos do que eu já tinha reparado.

Bram se vira para mim, e eu desvio o olhar.

— Achei que tinha sido bem óbvio — diz ele.

Balanço a cabeça.

Ele olha para a frente.

— Eu meio que queria que você descobrisse.

— Então por que não me contou?

— Porque… — diz ele, e a voz falha um pouco.

Estou doido para tocar nele. Sinceramente, eu nunca quis tanto uma coisa na vida.

— Porque, se você quisesse que fosse eu, acho que teria descoberto sozinho.

Não sei como reagir a isso. Não sei se é verdade ou não.

— Mas você não me deu pistas — digo, por fim.

— Dei, sim — diz ele, sorrindo. — Meu endereço de e-mail.

— Bluegreen181.

— Bram Louis Greenfeld. Meu aniversário.

— Meu Deus. Sou um idiota.

— Não é, não — diz ele, com delicadeza.

Mas sou. Sou um idiota. Eu estava querendo que ele fosse Cal. E acho que imaginei que Blue seria branco. Quase quis dar um soco em mim mesmo por

causa disso. Branco não devia ser o padrão, assim como hétero não devia ser o padrão. Não devia existir nenhum padrão.

— Desculpe — digo.

— Por quê?

— Por não ter descoberto.

— Mas seria totalmente injusto da minha parte esperar isso — diz ele.

— Você adivinhou quem eu era.

— Ah, é — diz ele. E olha para baixo. — Acho que já suspeitava havia algum tempo. Mas, na verdade, eu só enxerguei aquilo que queria.

Enxergar aquilo que queria.

Acho que isso significa que Bram queria que fosse eu.

Meu estômago se revira, e minha cabeça fica confusa. Limpo a garganta.

— Acho que eu não devia ter falado nada sobre o meu professor de literatura.

— Não teria adiantado.

— Não?

Ele abre um sorrisinho e se vira.

— O seu jeito de falar é quase igual ao seu jeito de escrever.

— Não é possível.

Estou muito sorridente agora.

Ao longe, eles começam a fechar os brinquedos e a desligar as luzes. Há certa beleza e um pouco de horror em uma roda-gigante parada e apagada. Depois do parque, as luzes se apagam nas vitrines das lojas. Sei que meus pais estão em casa me esperando.

Mas chego mais perto de Bram, até nossos braços estarem quase se tocando, e sinto que ele está tremendo um pouco. Nossos dedos mindinhos estão a uns dois centímetros de distância, e é como se uma corrente elétrica invisível passasse entre eles.

— Mas como você é um presidente? — pergunto.

— O quê?

— O primeiro nome igual ao de um antigo presidente.

— Ah — diz ele. — Abraham.

— Ahhh.

Ficamos em silêncio por um momento.

— E não consigo acreditar que você foi na Xícara Maluca por minha causa.

— Devo gostar mesmo de você.

Eu me inclino na direção dele e sinto o coração na garganta.

— Quero segurar sua mão — digo, baixinho.

Porque estamos em público. Porque não sei se ele saiu do armário.

— Então segure — diz ele.

E eu seguro.



NA SEGUNDA, DURANTE a aula de literatura, meus olhos encontram Bram imediatamente. Ele está sentado no sofá ao lado de Garrett, usando uma camisa de gola por baixo do suéter, e está tão lindo que quase dói olhar para ele.

— Oi, oi — digo.

Ele sorri como se estivesse me esperando e chega para o lado para abrir espaço.

— Bom trabalho nesse fim de semana, Spier — diz Garrett. — Foi bem engraçado.

— Eu não sabia que você estava lá.

— É que Greenfeld me fez ir três vezes — diz ele.

— Ah, é? — pergunto, sorrindo para Bram.

Ele sorri de volta, e fico tonto e sem fôlego e meio desnorteado. Não dormi nada à noite. Passei dez horas imaginando este momento, e, agora que chegou, não faço ideia do que dizer. Talvez, algo incrível, espertinha e não relacionada à escola.

Talvez.

— Você terminou o capítulo?

— Terminei — diz ele.

— Eu, não.

Ele sorri e eu sorrio. Fico vermelho, e ele olha para baixo, e passamos por uma pantomima de gestos ansiosos.

O sr. Wise entra e começa a ler *O despertar* em voz alta, e temos que acompanhar nos nossos exemplares. Mas fico me perdendo o tempo todo. Nunca fiquei tão distraído. Então, eu me inclino para acompanhar com Bram, e ele se

aproxima um pouco de mim. Estou perfeitamente ciente de cada ponto de contato entre nós. É como se nossas terminações nervosas tivessem encontrado um jeito de passar pelo tecido.

Bram estica as pernas e empurra o joelho contra o meu. O que quer dizer que o resto da aula é dedicado a olhar para os joelhos de Bram. Tem um ponto em que a calça dele está desfiando, e uma pontinha da pele marrom fica levemente visível. E eu só queria encostar ali. Chega uma hora em que Bram e Garrett se viram para olhar para mim, e percebo que suspirei em voz alta.

Depois da aula, Abby passa o braço pelo meu ombro e diz: — Eu não sabia que você e Bram eram tão amigos.

— Shhh — faço, e minhas bochechas coram.

Nossa, a Abby nunca deixa passar nada.

Não espero vê-lo de novo até o almoço, mas ele se materializa em frente ao meu armário um pouco antes.

— Acho que devíamos ir a algum lugar — diz ele.

— Fora do campus?

Tecnicamente, só os formandos podem sair do campus, mas os seguranças não saberiam dizer se somos formandos. Pelo menos, eu acho.

— Você já fez isso antes? — pergunto.

— Não — diz ele.

E resvala as pontas dos dedos nas minhas de leve, só por um momento.

— Nem eu. Tudo bem.

Saímos e atravessamos o estacionamento com toda a confiança que temos. O ar está frio depois de uma hora ou duas de chuva de manhã.

O Honda Civic de Bram é velho e confortável e bem cuidado, e ele liga o aquecimento assim que partimos. Um cabo auxiliar sai do isqueiro e se liga a um iPod. Ele me pede para escolher a música. Não sei se Bram sabe que me entregar o iPod é como me entregar a janela da alma dele.

É claro que a seleção musical dele é perfeita. Muita música soul clássica e hip-hop moderno. Uma verdadeira variedade de bluegrass. Há uma única música de Justin Bieber, puro misto de prazer e culpa. E, sem exceção, todos os discos e

músicos que já mencionei nos e-mails.

Acho que estou apaixonado.

— Para onde vamos? — pergunto.

Ele olha para mim e sorri.

— Pensei num lugar.

Eu me recosto no banco e passo a lista de músicas de Bram enquanto o aquecedor reaviva meus dedos. Está começando a chover de novo. Vejo os pingos deslizarem em diagonais pela janela.

Resolvo apertar o *play*, e a voz de Otis Redding sai baixinho pelos alto-falantes. “Try a Little Tenderness”. Eu aumento o volume.

E toco no cotovelo de Bram.

— Você está tão quieto — digo.

— Agora ou em geral?

— Ah, os dois.

— Fico quieto perto de você — diz ele, sorrindo.

Eu também sorrio.

— Sou um dos caras fofos que deixam você sem palavras?

Ele aperta o volante.

— Você é *o* cara fofo — diz Bram.

Ele entra em um shopping center não muito longe da escola e estaciona na frente da Publix.

— Vamos fazer compras? — pergunto.

— É o que parece — diz ele, com um sorriso de leve.

Bram Misterioso. Cobrimos a cabeça com as mãos e saímos correndo pela chuva.

Quando entramos pela porta iluminada, meu celular vibra na calça jeans. Tem três mensagens não lidas. Todas de Abby.

Vc vem almoçar?

Onde vc está?

Bram tb sumiu. Q estranho. ;-)

Mas ali está Bram, carregando uma cesta de mercado, e os cachos estão

úmidos, e os olhos, iluminados.

— Vinte e sete minutos até o final do almoço — diz ele. — Talvez devêssemos nos dividir.

— Combinado. Para onde, chefe?

Ele me manda para o corredor de laticínios pegar leite.

— O que você foi buscar? — pergunto, quando nos reencontramos no caixa.

— O almoço — diz ele, voltando a cesta para mim.

Dentro, há duas embalagens de Oreos em miniatura e uma caixa de colheres descartáveis.

Eu quase dou um beijo nele bem na frente do leitor do código de barras.

Ele insiste em pagar. A chuva aumenta, mas vamos correndo e entramos no carro, sem fôlego, deixando as portas baterem. Esfrego os óculos na camisa para secá-los. Bram gira a ignição, e o aquecedor volta a soprar, e o único som é o das gotas de chuva na janela. Ele olha para as mãos, e vejo que está sorrindo.

— Abraham — digo, experimentando o nome, e sinto uma dor delicada abaixo do estômago.

Ele olha para mim.

A chuva forma uma espécie de cortina, o que acaba sendo uma coisa boa. Porque, de repente, me inclino por cima do câmbio, coloco as mãos nos ombros dele e tento continuar respirando. Só consigo ver os lábios de Bram. Que se abrem delicadamente assim que me inclino para beijá-lo.

E não consigo descrever. É calmaria e pressão e ritmo e respiração. Temos dificuldade de posicionar os narizes no começo, mas depois conseguimos, e percebo que meus olhos ainda estão abertos. Então, os fecho. E as pontas dos dedos dele roçam no meu pescoço, em um movimento lento e constante.

Ele para por um momento, e meus olhos se abrem, e ele sorri, e eu sorrio também. Ele se inclina para me beijar de novo, de forma doce e delicada. É quase perfeito demais. Quase Disney demais. Isso não pode estar acontecendo comigo.

Dez minutos depois, estamos de mãos dadas comendo Oreo com leite, o almoço perfeito. Mais Oreo do que leite. E eu jamais me lembraria das colheres,

mas ele se lembrou. Claro.

— E agora? — pergunto.

— Devíamos voltar para a escola.

— Não, estou falando de nós. Não sei o que você quer. Não sei se você está pronto para fazer as coisas abertamente.

Ele passa o polegar nas linhas da palma da minha mão, e isso me faz perder o foco.

Ele para de mover o polegar, olha para mim e entrelaça os dedos nos meus. Eu me inclino e viro a cabeça na direção dele.

— Estou dentro se você estiver — diz ele.

— Dentro? Como assim? Tipo namorando?

— Isso, é. Se for o que você quer.

— É o que eu quero.

Meu namorado. Meu namorado de olhos castanhos, que escreve superbem e ainda é uma estrela do futebol.

E não consigo parar de sorrir. Há momentos em que realmente dá mais trabalho não sorrir.

*

Naquela noite, às 20h05, Bram Greenfeld não está mais solteiro no Facebook, o que também pode ser descrito como a melhor coisa que já aconteceu na história da internet.

Às 20h11, Simon Spier também não está mais solteiro. O que gera umas cinco milhões de curtidas e um comentário instantâneo de Abby Suso: *CURTI CURTI CURTI.*

Seguido de um comentário de Alice Spier: *Espera… o quê?*

Seguido de outro comentário de Abby Suso: *Me liga!*

Mando uma mensagem dizendo que vou conversar com ela amanhã. Acho que quero guardar isso só para mim hoje.

Em vez de ligar para ela, ligo para Bram. Quase não consigo acreditar que eu

não tinha o número dele até ontem. Ele atende na mesma hora.

— Oi — diz ele, depressa e gentilmente. Como se a palavra só pertencesse a nós.

— Grandes novidades no Facebook hoje.

Eu afundo no colchão. Ele ri baixinho.

— É.

— Qual é o próximo passo? Vamos manter a classe? Ou explodimos os feeds de notícias de todo mundo com selfies nossas se beijando?

— Boa ideia a das selfies — diz ele. — Mas só umas dezenas por dia.

— E temos que ficar falando do aniversário de namoro toda semana. Todos os domingos.

— Ah, e todas as segundas, por causa do nosso primeiro beijo.

— E umas vinte postagens por noite sobre quanto sentimos saudade um do outro.

— Estou mesmo com saudade — diz ele.

Meu Deus do céu. Que semana para eu estar de castigo.

— O que você está fazendo agora? — pergunto.

— Isso é um convite?

— Eu queria que fosse.

Ele ri.

— Estou sentado na frente da escrivaninha, olhando pela janela e falando com você.

— Falando com seu namorado.

— É — diz ele. Consigo ouvir o sorriso. — Com ele mesmo.

*

— Agora chega. — Abby me aborda no meu armário. — Estou quase enlouquecendo. O que está rolando entre você e Bram?

— Eu, hã...

Eu olho para ela e dou um sorriso enquanto uma onda de calor sobe pelas

minhas bochechas. Ela espera. Eu dou de ombros. Não sei por que é tão estranho falar sobre isso.

— Ai, caraca. Olha só você.

— O quê? — pergunto.

— Está vermelho. — Ela cutuca minhas bochechas. — Me desculpe, mas você é tão fofo, eu não consigo aguentar. Vai logo. Vai para a aula.

Bram e eu temos inglês e álgebra juntos, o que quer dizer duas horas olhando e desejando os lábios dele e cinco horas imaginando e desejando os lábios dele. Em vez de almoçar, fugimos para o auditório, e é estranho ver o palco sem o cenário de *Oliver!*. O show de talentos da escola é na sexta, e alguém já pendurou pompons dourados na frente das cortinas.

Estamos sozinhos no teatro, mas o local parece grande demais, então seguro Bram pela mão e o puxo até o camarim masculino.

— Ahá — diz ele, enquanto mexo na tranca. — É uma atividade a portas fechadas.

— É, sim — confirmo, e o beijo.

Ele coloca as mãos na minha cintura e me puxa mais para perto. Ele é poucos centímetros mais alto do que eu e tem cheiro de sabonete Dove, e para alguém cuja carreira de beijos começou ontem, ele tem lábios mágicos. Macios, doces e dedicados. Ele beija como Elliott Smith canta.

Pegamos cadeiras, e eu viro a minha de lado para apoiar as pernas no colo dele. Ele bate com as mãos nas minhas canelas, e conversamos sobre tudo. Sobre o Pequeno Feto estar do tamanho de uma batata-doce. Sobre Frank Ocean ser gay.

— Ah, e adivinha quem parece que era bissexual — diz Bram.

— Quem?

— Casanova.

— A bosta do Casanova?

— Eu juro — diz ele. — De acordo com meu pai.

— Você está me dizendo — começo, beijando seu punho — que seu pai contou para você que Casanova era bissexual?

— Foi a reação dele quando contei.

— Seu pai é incrível.

— Incrivelmente constrangedor.

Adoro o sorriso irônico dele. Adoro vê-lo todo relaxado perto de mim. Adoro isso. Tudo. Ele se inclina para a frente e coça o tornozelo, e meu coração dá um nó. A pele marrom-dourada do pescoço dele.

Tudo.

Passo o resto do dia flutuando e só consigo pensar nele. Mando uma mensagem de texto assim que chego em casa.

Estou com taaaaanta saudade!!!

É brincadeira. Mais ou menos.

Ele responde com outra mensagem de texto.

Feliz aniversário de dois dias!!!!!

E isso me faz gargalhar à mesa da cozinha.

— Você está de bom humor — diz minha mãe, entrando com Bieber.

Eu dou de ombros.

Ela me dá um sorrisinho curioso.

— Tudo bem, não se sinta obrigado a falar sobre o assunto, mas só estou dizendo que se você quiser…

Malditos psicólogos. Até parece que ela não é esquisita e obcecada.

Escuto um carro parar na porta de casa.

— Nora já está em casa? — pergunto.

É engraçado, mas me acostumei a ela estar fora até a hora do jantar.

Olho pela janela e um segundo depois preciso confirmar o que acabei de ver. Nora está mesmo em casa. Mas o carro. A motorista.

— Aquela é Leah? — pergunto. — Dando carona para Nora?

— É o que parece.

— Ah, tá. Tenho que ir lá fora.

— Ah, não — diz ela. — Que pena você estar de castigo.

— Mãe — suplico.

Ela dá de ombros.

— Para com isso. Por favor.

Nora já está abrindo a porta do carro.

— Estou aberta a negociações.

— Pelo quê?

— Uma noite de condicional em troca de acesso por dez minutos ao seu Facebook.

Meu Deus.

— Cinco — digo. — Com supervisão.

— Combinado — diz ela. — Mas quero ver o namorado.

Pois bem. Uma das minhas irmãs está prestes a ser assassinada.

Mas, primeiro, Leah. Eu saio correndo pela porta.

*

Nora vira o rosto para mim, surpresa, mas passo direto por ela e estou ofegante quando alcanço a porta do passageiro. Antes que Leah possa protestar, eu abro e entro.

O carro de Bram é velho, mas o de Leah é uma relíquia dos Flinstones. Tem toca-fitas e janelas de manivela. Tem uma fileira de personagens de anime de pelúcia no painel, e o chão está sempre coberto de papéis e garrafas vazias de Coca-Cola. E tem aquele cheiro floral de avó.

A verdade é que eu adoro o carro de Leah.

Ela olha para mim, perplexa, e faz uma cara muito feia.

— Sai do meu carro — diz ela.

— Eu quero conversar.

— Mas eu não quero.

Prendo o cinto de segurança.

— Me leva para a Waffle House.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Nem um pouquinho.

Eu me recosto no assento.

— Então você está basicamente sequestrando meu carro comigo dentro.

— Acho que é bem isso mesmo.

— Inacreditável.

Ela balança a cabeça. Mas, um instante depois, começa a dirigir. Leah olha para a frente com os lábios comprimidos e não diz nada.

— Sei que você está magoada comigo — digo.

Nada.

— E peço desculpas por Midtown. De verdade.

Nada ainda.

— Você pode dizer alguma coisa?

— Chegamos. — Ela para o carro. O estacionamento está quase vazio. — Pode comer seu waffle de bosta ou o que quiser.

— Você vem comigo.

— Ah, não vou, não.

— Então não vá. Mas eu não vou sem você.

— Não é problema meu.

— Tudo bem. Vamos conversar aqui.

Eu solto o cinto de segurança e me viro para ela.

— Não há nada para conversar.

— Então o quê? É isso? Não vamos mais ser amigos?

Ela se recosta no banco e fecha os olhos.

— Own, talvez você devesse ir chorar no ombro da Abby.

— Isso é sério? Qual é o seu problema com ela?

Estou tentando não elevar a voz, mas não está adiantando muito.

— Eu não tenho nenhum problema com ela — diz Leah. — Só não sei por que viramos melhores amigos dela de repente.

— Ah, porque ela é namorada do Nick, por exemplo.

Leah vira a cabeça para mim como se eu tivesse dado um tapa nela.

— Isso mesmo. Fica colocando Nick na história, e podemos esquecer de uma vez que você é obcecado por ela também.

— Você está de brincadeira? Eu sou gay!

— Você é platonicamente obcecado por ela! — grita ela. — Mas tudo bem. Ela é uma melhoria danada.

— *O quê?*

— Melhor amiga quatro ponto zero. Agora disponível na embalagem mais linda e ousada do mundo!

— Ah, pelo amor de Deus. Você é bonita.

Ela ri.

— Ah, tá.

— É sério, para com isso. Estou tão de saco cheio disso... — Eu olho para ela. — Ela não é melhoria nenhuma. Você é minha melhor amiga.

Ela ri com deboche.

— Bom, vocês são. As duas. E Nick. Os três. Mas eu jamais substituiria você. Você é Leah.

— Então por que contou para ela primeiro?

— Leah.

— É que… deixa pra lá. Não tenho direito de me incomodar.

— Para de dizer isso. Você pode se incomodar.

Ela fica em silêncio. E eu fico em silêncio. Então ela diz: — Foi tão... Não sei. Era óbvio que Nick gostava dela. Nada disso foi surpresa. Mas quando você contou para ela primeiro, meu mundo caiu, eu não esperava. Achei que você confiasse em mim.

— Eu confio.

— Ao que parece, confia mais nela, o que é incrível, porque há quanto tempo você a conhece? Seis meses? Você me conhece há seis anos.

E não sei o que dizer. Tem um caroço na minha garganta.

— Mas não importa — diz ela. — Eu não posso… você sabe. É uma coisa sua.

— É que… É, foi mais fácil contar para ela. Mas não é questão de confiar mais em uma ou na outra, nem nada disso. Você nem imagina. — Meus olhos ardem. — É como se… Eu conheço você desde sempre, e Nick há mais tempo ainda. Vocês me conhecem melhor do que ninguém. Vocês me conhecem bem

demais.

Ela aperta o volante e evita meus olhos.

— Estou falando de tudo. Vocês sabem tudo sobre mim. As camisetas de lobo. Os cones de cookie. “Boom boom pow.”

Ela abre um sorriso.

— E não, eu não tenho esse tipo de histórico com Abby. Mas foi o que tornou tudo mais fácil. Tem uma grande parte de mim que eu ainda estou experimentando. E não sei como ela se encaixa. Como eu me encaixo. É tipo uma nova versão de mim. Eu só precisava de alguém que conseguisse aceitar isso. — Dou um suspiro. — Mas eu queria muito contar para você.

— Tudo bem.

— É que acabou ficando difícil puxar esse assunto.

Encaro o volante.

— Eu meio que entendo — diz ela, por fim. — Entendo mesmo. É tipo, quanto mais tempo você convive com algo, mais difícil é falar sobre ele.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Leah?

— Sim?

— O que aconteceu com o seu pai? — Prendo a respiração.

— Meu pai?

Eu me viro para ela.

— Ah, é uma história engraçada.

— Jura?

— Hã. Na verdade, não. Ele pegou uma gostosona de dezenove anos do trabalho. E foi embora de casa.

— Ah. — Eu olho para ela. — Leah, cara, sinto muito.

Esperei seis anos para fazer essa pergunta.

Meu Deus, eu sou um idiota.

— Para de piscar assim — diz ela.

— Assim como?

— Não ouse chorar.

— O quê? De jeito nenhum!

E é neste momento que perco o controle: estou aos prantos, com direito a olho inchado e nariz escorrendo.

— Você é impossível, Spier.

— Eu sei! — Desabo nos ombros dela. O perfume de amêndoas do seu xampu é tão familiar. — Eu amo você de verdade, sabia? Me desculpe por tudo. Por toda essa história com a Abby. Por tudo.

— Tudo bem.

— É sério. Eu amo você.

Ela funga.

— Hum, caiu algum cisco nos seus olhos, Leah?

— Não. Cala a boca. Caiu no seu.

Eu enxugo as lágrimas e dou risada.



PARA: hourtohour.notetonote@gmail.com DE: marty.mcfladdison@gmail.com ASSUNTO: Um pedido de desculpas não dá nem para o começo Oi, Spier,

Suponho que você me odeie, o que faria todo o sentido. Não sei por onde começar, então vou tentar pedindo desculpas. Sei que é uma palavra inadequada e que talvez eu devesse estar fazendo isso pessoalmente, mas você não deve querer nem olhar na minha cara, então vai ter que ser assim mesmo.

Não consigo parar de pensar na nossa conversa no estacionamento e naquilo que você falou sobre eu ter tirado algo de você. Sinto que foi algo enorme. É como se antes eu não me permitisse enxergar, mas, agora que estou enxergando, não consigo acreditar nas coisas que fiz. Tudo. A chantagem, e você tem razão, foi mesmo chantagem. E a postagem do Tumblr. Não sei se você sabe, mas eu mesmo tirei do ar. Sei que não diminui a gravidade do que fiz, mas eu queria que você soubesse. Estou muito mal por tudo o que fiz, e não vou pedir que você me perdoe. Só quero que saiba quanto eu lamento.

Nem sei explicar. Vou tentar, mas acho que vai parecer idiota, porque é mesmo idiota. Você precisa saber, antes de mais nada, que não sou homofóbico, e acho mesmo que gays são incríveis, ou normais, ou o que você preferir. Não tenho problema com isso.

Meu irmão saiu do armário no verão, pouco antes de voltar para Georgetown, e foi um Deus nos acuda na minha família. Meus pais estão tentando transformar isso em uma coisa incrível, e agora a nossa casa é tipo uma utopia gay. Mas é muito estranho, porque Carter nem está aqui, e nunca fala sobre o assunto quando vem para cá. Meus pais e eu fomos à Parada Gay este ano, e ele nem foi com a gente. Quando contei, ele disse “Ah, tá, legal”, como se talvez fosse um pouco de exagero. E talvez fosse mesmo. Isso foi na mesma semana em que vi seu e-mail. Acho que estava passando por uma fase meio esquisita.

Mas acho que só estou inventando desculpas, porque talvez meu problema mesmo fosse gostar de uma garota e estar desesperado. Senti ciúme pelo fato de uma garota como Abby se mudar para cá e escolher fazer amizade logo com você, que já tem tantos amigos, e acho que você nem percebe quanto isso é incrível. Não estou brigando nem tentando insultá-lo nem nada. Só estou dizendo que parece tão fácil para você. Saiba que na verdade você tem muita sorte.

Nem sei se isso faz sentido, e você já deve ter parado de ler, mas quero deixar tudo claro. E tenho que dizer que estou absurdamente arrependido. Dizem que você está em um delírio gay de amor por um tal de Abraham, e quero que saiba que fico muito mais do que feliz por isso. Você merece. Você é um cara incrível, Spier, e foi legal conhecê-lo. Se eu pudesse fazer tudo de novo, faria chantagem para você virar

meu amigo e pararia por aí.

Sinceramente,

Marty Addison

<ENVIADO 29 JAN 17:24>



O SHOW DE talentos começa às sete, e Nick e eu chegamos quando as luzes estão diminuindo. Bram e Garrett disseram que estavam sentados mais para trás, no meio, guardando dois lugares. Meus olhos o encontram imediatamente. Ele está de costas na cadeira, olhando a porta, e sorri quando me vê.

Nós nos espremos entre as cadeiras, e eu me sento ao lado de Bram, e nós ficamos entre Nick e Garrett.

— Isso aí é um programa? — pergunta Nick, se inclinando por cima de mim.

— É. Quer? — pergunta Garrett, e passa o cilindro de papel já amassado.

Com certeza é o nome de Abby que ele está procurando.

— Aposto que ela é a primeira ou a última — digo.

Ele sorri.

— Penúltima.

E as luzes se apagam.

O burburinho da plateia morre quando as luzes do palco se acendem e Maddie, do grêmio estudantil, vai até o microfone. Chego mais perto de Bram. E, como está muito escuro, coloco a mão no joelho dele. Sinto que ele se mexe sem fazer barulho, entrelaçando os dedos nos meus. Então ele levanta nossas mãos e beija a minha de leve.

Ele para e a mantém ali. E sinto uma fisgada latente debaixo do meu umbigo.

Bram deixa que nossas mãos entrelaçadas voltem para o colo dele. E, se ter um namorado é assim, não sei por que em nome de Deus esperei tanto tempo.

No palco, surge uma garota atrás da outra. Todas de vestidos curtos. Todas cantando músicas da Adele.

E então, chega a vez de Abby, e ela sai da coxia arrastando um púlpito fino e

preto até a beirada do palco. Olho para Nick, mas ele não me vê. Está olhando hipnotizado para a frente, com a postura ereta e um sorriso surgindo nos lábios. Uma garota loura do primeiro ano aparece com um violino e uma partitura. Ela posiciona o violino debaixo do queixo e olha para Abby, que assente e inspira claramente. A violinista começa a tocar.

É uma versão estranha e quase triste de “Time After Time”. Os movimentos de Abby conduzem cada nota. Nunca vi ninguém dançar sozinho antes, fora a exibição constrangedora que acontece quando as pessoas formam o círculo em um Bar Mitzvah. E, no começo, não tenho ponto de referência. Em um grupo, dá para procurar sincronia. Mas Abby controla seus próprios movimentos; ainda assim, cada movimento parece intenso, deliberado e verdadeiro.

Não consigo não observar Nick enquanto ele assiste. Ele sorri silenciosamente com o punho apertado na boca durante todo o tempo.

Abby e a violinista terminam e recebem aplausos surpresos e satisfeitos, e as cortinas se fecham parcialmente enquanto o palco é preparado para o ato final. Pegam uma bateria, então acho que é algum tipo de banda. Maddie pega o microfone e faz alguns anúncios sobre várias oportunidades futuras de dar dinheiro ao grêmio. Há alguns sons experimentais vindo de trás da cortina, quando os instrumentos vão sendo ligados e testados.

— Quem é? — pergunto para Nick.

Ele olha o programa.

— O nome é Emoji.

— Fofo.

A cortina se abre e revela cinco garotas com instrumentos, e a primeira coisa que reparo é nas cores. Todas estão usando tecidos de estampas diferentes, e as cores são tão intensas que fica estranhamente punk rock. A baterista inicia uma batida rápida.

É nessa hora que percebo que a baterista é Leah.

Estou sem palavras. O cabelo dela está solto, na altura dos ombros, e as mãos se movem com uma rapidez impossível. Os outros instrumentos se juntam a ela, Morgan no teclado e Anna no baixo. Taylor nos vocais.

E minha irmã Nora na guitarra, tão relaxada e confiante que quase não a reconheço. Estou estupefato. Eu nem sabia que ela tinha voltado a tocar guitarra.

Bram olha para mim e ri.

— Simon, a sua cara.

Elas fazem um cover de “Billie Jean”, do Michael Jackson, e não é brincadeira. É simplesmente elétrico. Garotas estão se levantando e dançando pelos corredores. De repente, elas fazem uma transição direta para “Just Like Heaven”, do The Cure. A voz de Taylor é doce e aguda e sai sem esforço, e, de alguma forma, é perfeita. Mas ainda estou boquiaberto. É difícil entender o que está acontecendo.

Bram estava certo: as pessoas são mesmo como casas de quartos grandes e janelas pequenas. E talvez seja mesmo uma coisa boa que a gente nunca pare de surpreender os outros.

— Nora não está nada mal, hein? — comenta Nick, se inclinando na minha direção.

— Você sabia disso?

— Estou trabalhando com ela há meses. Mas ela me pediu para não contar para você.

— É sério? Por quê?

— Porque ela sabia que você ia fazer um estardalhaço.

Afinal, minha família é assim. Tudo é segredo porque tudo é motivo para um estardalhaço. Tudo é como sair do armário.

— Meus pais vão surtar por estarem perdendo isso.

— Mas eles estão aqui — diz Nick, e aponta para o outro lado do corredor, onde consigo ver as nucas deles algumas fileiras à frente.

Eles estão juntinhos, apoiando a cabeça um no outro. E então, reparo em um coque desgrenhado de cabelo louro-escuro ao lado da minha mãe. É engraçado, mas poderia ser a Alice.

Nora dá o sorrisinho dela, e o cabelo está solto e ondulado. Um nó na minha garganta.

— Você parece estar tão orgulhoso — sussurra Bram.

— É, é estranho — digo.

As mãos de Nora param na guitarra e Taylor para de cantar, e todo mundo para de tocar, menos Leah, que está com uma expressão determinada e enérgica. Ela dispara no solo de bateria mais incrível que já ouvi. Os olhos estão concentrados, e as bochechas estão vermelhas e ela está linda. Ela nunca acreditaria em mim se eu dissesse.

Eu me viro para olhar para Bram, mas ele está virado na outra direção olhando para Garrett, e consigo ver pelas bochechas dele que está sorrindo. E Garrett balança a cabeça, sorri e diz: — Não quero ouvir, Greenfeld.

A música termina, e as pessoas gritam e aplaudem enquanto as luzes se acendem. Há uma movimentação a caminho do pátio, e esperamos as coisas se acalmarem um pouco. Abby sai e nos encontra na mesma hora. E aí, um cara de cabelo castanho e barba ruiva entra na fileira vazia na nossa frente e sorri.

— Está na cara que você é Simon — diz ele.

Eu faço que sim, confuso. Ele também é familiar, na verdade, mas não consigo identificá-lo.

— Oi. Sou Theo.

— Theo, tipo… o Theo da Alice?

— Mais ou menos isso — diz ele, sorrindo.

— Ela está aqui? O que você está fazendo aqui? — Desvio o olhar automaticamente para onde meus pais estavam sentados, mas a fileira deles já está vazia. — É um prazer conhecer você — acrescento.

— Igualmente — responde ele. — Alice está no saguão, mas me mandou trazer um recado para você e, hã, Bram.

Bram e eu trocamos olhares enquanto Nick, Abby e Garrett olham com interesse.

— Então. Ela queria avisar que seus pais estão prestes a convidar vocês para um lugar chamado Varsity, e você deve dizer que não pode ir. E as palavras mágicas que você tem que dizer é dever de casa atrasado.

— O quê? Por quê?

— Porque — diz Theo, assentindo —, ao que parece, demora meia hora para

chegar lá e meia hora para voltar, fora todo o tempo gasto pedindo e comendo.

— E vale cada segundo — digo para ele. — Você já tomou o smoothie de laranja de lá?

— Não — responde Theo. — Mas também só passei um total de cinco horas da minha vida em Atlanta. Até agora.

— Mas por que ela não me quer lá?

— Porque está tentando conseguir para vocês umas duas horas sem supervisão em casa.

— Ah.

Minhas bochechas estão queimando.

Nick dá uma risada de deboche.

— Pois é — diz Theo, dando um sorrisinho para Bram. — É, acho que vejo vocês lá fora.

Os olhos de Bram estão acesos de malícia. É tão atípico dele.

— Ah, você participou desse plano?

— Não — diz ele —, mas dou total apoio.

— É um pouco esquisito minha irmã ter organizado tudo.

Ele sorri, mordendo o lábio.

— Mas também é muito maneiro — admito.

Assim que chegamos ao pátio, vou direto na direção de Alice. Bram fica para trás com Nick, Abby e Garrett.

— Não acredito que você está aqui.

— Ah — diz ela —, o pequeno Nick Eisner me deu a dica de que uma coisa importante aconteceria. Mas sinto muito por ter perdido a peça semana passada, Bub.

— Tudo bem. Conheci Theo — digo, baixando a voz. — Ele é legal.

— É, é. — Ela dá um sorriso tímido. — Qual é o seu?

— Suéter cinza de zíper, ao lado do Nick.

— Estou mentindo. Eu já estava acompanhando a vida dele pelo Facebook — diz ela, me abraçando. — Ele é um fofo.

— Eu sei.

E então, a porta lateral se abre, e as garotas do Emoji saem. Nora dá um gritinho quando nos vê.

— Allie! — diz ela. E corre em sua direção. — O que você está fazendo aqui? Por que não está em Connecticut?

— Porque você é uma estrela do rock — diz Alice.

— Não sou nada — retruca Nora, sorrindo.

Meus pais estão com um buquê gigantesco no melhor estilo Dr. Seuss para entregar a ela e passam uns cinco minutos elogiando seu talento com a guitarra. Depois, eles querem elogiar o resto da banda e Abby, então viramos um grupo grande. E Nora está conversando com Theo, e meus pais estão apertando a mão de Bram, e Taylor e Abby estão se abraçando aleatoriamente. É uma cena surreal e maravilhosa.

Vou até Leah, e ela sorri e dá de ombros. Dou um abraço esmagador nela.

— Você é o máximo — digo para ela. — Eu não fazia ideia.

— Me deixaram pegar uma bateria da escola emprestada. Comecei a estudar sozinha.

— Há quanto tempo?

— Uns dois anos.

Ela morde o lábio.

— Então eu sou o máximo, é isso? — pergunta ela.

— É, SIM — digo.

Eu lamento, Leah, mas preciso abraçá-la de novo.

— Já está bom — diz ela, se contorcendo um pouco. Mas consigo ver que está sorrindo.

Dou um beijo na testa dela, e ela fica inacreditavelmente vermelha. Quando Leah cora, é tão radical.

Meus pais se aproximam para propor uma ida comemorativa a Varsity.

— Eu tenho dever atrasado para fazer — digo para eles.

— Tem certeza, garoto? — pergunta meu pai. — Quer que eu traga um smoothie de laranja?

— Ou dois — diz Alice. E sorri.

Alice me diz para deixar o celular ligado, para que ela possa me mandar uma mensagem quando estiverem voltando para casa.

— E não vai esquecer os smoothies.

— Simon, dizem que na vida não se pode ter tudo.

— Grandes. Com copo especial.

Deve haver umas cem pessoas ainda a caminho do estacionamento. Estou voltando com Bram. A situação é pública demais para nos darmos as mãos. Temos que considerar que estamos na Georgia. Assim, ando ao lado dele e deixo um espaço entre nós. Somos só dois caras em uma noite de sexta. Só que o ar ao nosso redor parece estalar de eletricidade.

Bram parou no topo do edifício-garagem. Ele destranca o carro do alto da escada, e vou para o lado do passageiro. O carro ao meu lado liga de repente e me assusta. Espero que ele saia antes de eu abrir a porta, mas o motorista não se mexe. Olho pela janela e vejo que é Martin.

Nossos olhares se cruzam. Estou surpreso por ele estar aqui, pois não estava na escola hoje. O que quer dizer que não o vejo desde que ele me mandou aquele e-mail.

Martin passa a mão pelo cabelo e retorce a boca.

E eu só olho para ele.

Não respondi o e-mail. Ainda não.

Sei lá.

Mas está frio do lado de fora, então eu entro no carro e vejo pela janela enquanto Martin sai de ré.

— Você está aquecido? — pergunta Bram.

Eu faço que sim.

— Então acho que vamos para a sua casa.

Ele parece nervoso, e isso me deixa nervoso.

— Tudo bem pra você?

— Sim — diz ele, olhando para mim. — Quer dizer, *claro*.

— Certo. Claro.

E meu coração dispara.

*

Entrar em casa com Bram é como ver tudo pela primeira vez. A cômoda de madeira pintada junto à parede, lotada de catálogos e correspondência. Um desenho pavoroso emoldurado de *Alvin e os Esquilos* que Nora fez no jardim de infância. Tem um baque abafado de Bieber pulando do sofá, seguido pelo estalar dele correndo na nossa direção.

— Ah, oi — diz Bram, quase se agachando. — Eu sei quem você é.

Bieber o cumprimenta com paixão, todo língua, e Bram ri de surpresa.

— Você tem esse efeito na gente — explico.

Ele dá um beijo no focinho de Bieber e me segue até a sala.

— Está com fome? — pergunto. — Ou com sede?

— Estou bem — diz ele.

— Acho que temos Coca-Cola. — Quero muito beijá-lo e não sei por que estou enrolando. — Quer ver alguma coisa?

— Claro.

Eu olho para ele.

— Eu não.

Ele ri.

— Então não vamos ver nada.

— Quer ver meu quarto?

Ele dá aquele sorriso malicioso de novo. Talvez seja algo típico dele, sim. Talvez eu ainda o esteja conhecendo.

Fotos emolduradas cobrem a parede da escada, e Bram para e olha cada uma.

— A famosa fantasia de lata de lixo — diz ele.

— O auge de Nora. Eu esqueci que você sabia disso.

— E aqui é você com o peixe, certo? Está na cara que está empolgado.

Na foto, estou com seis ou sete anos, queimado de sol, o braço esticado o mais longe possível do corpo, segurando um peixe por uma linha de pesca. Pareço prestes a explodir em lágrimas horrorizadas.

— Eu sempre adorei pescar — digo.

— Não acredito que você era assim, tão louro.

Quando chegamos no topo da escada, ele segura minha mão e a aperta.

— Você está aqui mesmo — comento, balançando a cabeça. — É de verdade.

Eu abro a porta e tento chutar algumas roupas para o lado quando entramos.

— Me desculpe por… isso tudo aqui.

Tem uma pilha de roupas sujas ao lado do cesto vazio e uma pilha de roupas limpas ao lado da cômoda vazia. Livros e papéis para todo lado. Um saco vazio de biscoitos Goldfish na escrivaninha, ao lado de um despertador quebrado de *George, o Curioso,* meu laptop e um braço robótico de plástico. A mochila está na escrivaninha. Capas emolduradas de discos de vinil estão tortas nas paredes.

Mas minha cama está feita. É lá que nos sentamos, encostados na parede com as pernas esticadas.

— Quando você me manda e-mails — pergunta ele —, onde fica?

— Normalmente, aqui. Às vezes, em frente à escrivaninha.

— Ah — diz ele, assentindo.

Eu me inclino e dou um beijo delicado no pescoço dele, abaixo do maxilar. Ele se vira para mim e engole em seco.

— Oi — digo.

Ele sorri.

— Oi.

E então, eu o beijo de verdade, e ele corresponde o beijo e enfia as mãos no meu cabelo. Começamos a nos beijar como se precisássemos disso tanto quanto precisamos respirar. Meu estômago se revira intensamente. E, de alguma forma, acabamos na horizontal, as mãos dele nas minhas costas.

— Gosto disso — digo, e minha voz sai sem fôlego. — Devíamos fazer isso. Todos os dias.

— Tudo bem.

— Não vamos fazer mais nada nunca mais. Não vamos para a escola. Não vamos comer. Nem fazer dever de casa.

— Eu ia convidar você para ver um filme — diz ele, sorrindo.

Quando ele sorri, eu sorrio.

— Nada de filmes. Odeio filmes.

— É mesmo?

— É mesmo. Por que eu ia querer ver outras pessoas se beijando, se posso beijar você?

Acho que ele não tem argumentos contra isso, porque me puxa mais para perto e me beija com urgência. De repente, estou duro, e sei que ele também está. É emocionante e estranho e totalmente apavorante.

— Em que você está pensando? — pergunta Bram.

— Na sua mãe.

— Nãããão — diz ele, rindo.

Mas estou mesmo. Especificamente, na regra dela de Sempre, Inclusive o Oral. Porque só agora me ocorre que a regra deve se aplicar a mim. Em algum momento. Em alguma hora.

Eu o beijo de leve nos lábios.

— Eu quero mesmo levar você para sair — diz ele. — Se você não odiasse todos os filmes, o que gostaria de ver?

— Qualquer coisa.

— Mas com final feliz, né? Algo bem Simon, com final feliz.

— Por que ninguém nunca acredita que sou cínico?

— Certo. — Ele ri.

Relaxo o corpo em cima do dele, a cabeça apoiada no vão do pescoço.

— Gosto do que não tem fim — digo. — Gosto de coisas que não terminam.

Ele me aperta e beija minha cabeça, e ficamos deitados ali.

Meu celular vibra no bolso de trás da calça. Alice. *Saindo da rodovia. Se prepara.*

Entendido. Obrigada, Paul Revere. Apoio o celular no peito de Bram enquanto digito.

Eu o beijo de novo rapidamente, e nós dois nos levantamos e nos alongamos. Depois, cada um de nós passa um tempinho no banheiro. Mas, quando minha família chega em casa, estamos sentados no sofá de dois lugares da sala, com uma pilha de livros entre nós.

— Ah, oi — digo, erguendo o rosto de uma folha de exercícios. — Como foi? Bram veio estudar, aliás.

— E tenho certeza de que vocês foram muito produtivos — diz minha mãe.

Eu aperto os lábios. E Bram tosse baixinho.

Pela expressão dela já percebi que tem uma conversa à vista. Algum tipo de discussão constrangedora sobre regras. Algum estardalhaço.

Mas talvez a situação seja digna de um estardalhaço. Talvez seja um imenso e incrível estardallhaço.

Talvez eu queira que seja.

AGRADECIMENTOS

HÁ TANTAS PESSOAS que deixaram belas marcas por todo este livro e que merecem mais agradecimento e reconhecimento do que sou capaz de expressar. Sou eternamente grata…

… a Donna Bray, minha editora genial, que entende perfeitamente o senso de humor de Simon e que conhece esta história de trás para a frente. Obrigada por adorar e receber Simon de braços abertos desde o primeiro dia. Fiquei muito maravilhada com a profundidade, textura e sabedoria do seu feedback. Fortaleceu este livro de um jeito que não achei que fosse possível.

… a Brooks Sherman, o agente extraordinário que foi o primeiro a acreditar neste livro e que o vendeu em quatro dias, feito um ninja. Você é um pouco oráculo, um pouco editor, um pouco psicólogo e um pouco prova viva de que os Sonserinos são pessoas maravilhosas. Obrigada por ser defensor dedicado do meu trabalho, por ser tão incrível o tempo todo e por ser um amigo tão sensacional.

… a Viana Siniscalchi, Emilie Polster, Stef Hoffman, Caroline Sun, Bethany Reis, Veronica Ambrose, Patty Rosati, Nellie Kurtzman, Margot Wood, Alessandra Balzer, Kate Morgan Jackson, Molly Motch, Eric Svenson e ao restante do pessoal da B+B e Harper, pelo entusiasmo infinito e enorme dedicação (e Suman Seewat, por lutar tanto por mim na Harper Canada!). Muito obrigada também a Alison Klapthor e Chris Bilheimer pela capa dos meus sonhos.

… à equipe maravilhosa e colaborativa da Bent Agency, principalmente Molly Ker Hawn e Jenny Bent. Agradeço também a Janet Reid e à gangue da FinePrint, e também a Alexa Valle, que botou a bola em jogo. Também sou muito grata pela minha maravilhosa agente de publicidade, Deb Shapiro.

… a minha equipe brilhante e incrivelmente parceira da Penguin/Puffin UK,

inclusive Jessica Farrugia Sharples, Vicky Photiou, Ben Horslen e principalmente Anthea Townsend (com gritinhos extras). Sou absurdamente grata também a todas as minhas equipes editoriais estrangeiras, por acreditarem neste livro e se dedicarem tanto a dar vida a ele em outros países.

… a Kimberly Ito, minha primeira leitora e minha Blue platônica. Nunca vou conseguir agradecer o bastante pela sua sabedoria, apoio e senso de humor.

… a Beckminavidera (que inclui os seguintes gênios: Adam Silvera, David Arnold e Jasmine Warga). Entrar aos poucos no culto de vocês foi a coisa mais inteligente que já fiz. Como eu poderia ter sobrevivido sem seus e-mails épicos, debates sobre Oreo e adoração coletiva a Elliott Smith?

… a Heidi Schultz, por fornecer sua infinita sabedoria de irmã e me fazer desejar todas as sobremesas.

… ao Atlanta Writers Club pela oportunidade de frequentar sua conferência e seus grupos de crítica extraordinários, principalmente George Weinstein e as mentes hilárias e brilhantes do Team Erratica: Chris Negron, Emily Carpenter e Manda Pullen.

… aos Fearless Fifteeners e muitos outros amigos da comunidade que riram de mim, me apoiaram, me aconselharam, me mantiveram sã. Muitos agradecimentos também aos incríveis bibliotecários, blogueiros, profissionais de editoras e vendedores de livros que me deixaram maravilhada com o apoio que deram — com Oreos adicionais para Diane Capriola! Obrigada por me fazer sentir tão bem recebida nessa comunidade desde o primeiro dia.

… aos meus heróis, Andrew Smith, Nina LaCour, Tim Federle e Alex Sanchez, que me impressionaram com seus livros e depois me impressionaram de novo divulgando o meu.

… aos adolescentes, crianças, adultos e famílias brilhantes com quem trabalhei nos meus anos como psicóloga. Agradeço em particular aos alunos de Kingsbury, que nunca me deixaram escapar do fato de ser velha e de termos perdido o contato.

… aos professores extraordinários que tive ao longo dos anos, principalmente Molly Mercer, por ser mais do que moderadamente incrível e por ser a melhor e

mais importante professora da minha vida.

… a meus amigos do teatro da Riverwood High School, cuja influência na minha vida e neste livro não tem como ser explicada (principalmente Sarah Beth Brown, Ricky Manne e Annie Lipsitz). Agradeço também aos muitos outros amigos que me inspiraram e apoiaram mais do que podem imaginar: Diane e toda a família Blumenfeld, Lauren Starks, Jaime Hensel e toda a família Hensel, Jaime Semensohn, Betsy Ballard, Nina Morton, os Binswanger, os Shuman e tantos outros — e as Takoma Mamas, que salvaram minha vida de cinco milhões de pequenas maneiras diferentes.

… a minha família: Molly Goldstein, Adele Thomas, Curt e Gini Albertalli — e tantos outros Goldstein, Albertalli, Thomas, Bell, Berman, Wechsler, Levine e Witchel. Agradeço também a Gail McLaurin e Kevin Saylor pelo apoio constante. Finalmente, um agradecimento imenso à minha madrasta, Candy Goldstein, e aos meus irmãos postiços, William Cotton e Cameron Klein.

… a Eileen Thomas, minha mãe, que sempre tratou minha vida como uma coisa incrível e sagrada; Jim Goldstein, o pai original valentão, descolado e hipster; minha irmã, Caroline Goldstein, que criou a fantasia de lata de lixo para Purim e sabe sobre a boca da garrafa de Coca-Cola; e meu irmão, Sam Goldstein, cujas histórias de Pokémon da época da pré-escola são melhores (e mais indecentes) do que qualquer coisa que eu possa escrever.

… a meus filhos, Owen e Henry Albertalli, a quem amo total e absurdamente. Descobrir quem vocês são e ver vocês crescerem é o maior privilégio da minha vida.

… a meu marido, Brian Albertalli, que é meu melhor amigo e cúmplice nos crimes, e que é dono da outra metade do meu cérebro. Isto não seria um livro sem você. Você é a margem para a qual vale a pena nadar. Você é minha coisa importante.

… a Edgardo Menvielle, Cathy Tuerk, Shannon Wyss e os muitos outros clínicos e voluntários que mudam vidas diariamente no programa de Gênero e Sexualidade do CNMC. Obrigada por tudo o que vocês fazem e por me receberem de braços abertos.

… e às extraordinárias crianças e adolescentes LGBT e com inconformidade de gênero da minha vida (e suas famílias extraordinárias): vocês me impressionam com sua sabedoria, humor, criatividade e coragem. Vocês já devem saber disso, mas escrevi este livro para vocês.

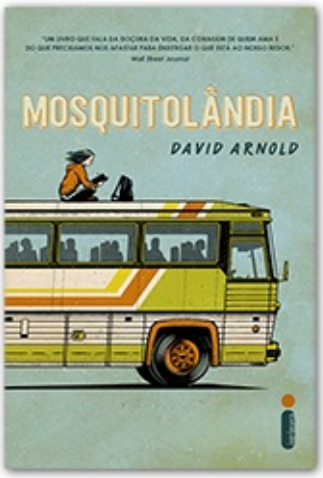
SOBRE A AUTORA



© Decisive Moment Events

BECKY ALBERTALLI é psicóloga, o que lhe proporcionou o privilégio de trabalhar com muitos adolescentes inteligentes, estranhos e irresistíveis, e por sete anos foi orientadora de um grupo de apoio em Washington para crianças com não conformidade de gênero. Mora em Atlanta com o marido e os dois filhos. *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* é seu primeiro livro.

LEIA TAMBÉM



Mosquitolândia
David Arnold



Selva de Gafanhotos
Andrew Smith



Quem é você, Alasca?
John Green